NEEMIAS

J. I. PACKER

PAIXÃO PELA FIDELIDADE

Sabedoria extraída do livro de Neemias

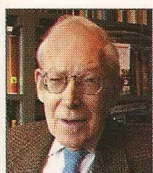
J. I. PACKER

NEEMIAS

PAIXÃO PELA FIDELIDADE

Ele foi um dos maiores líderes da Bíblia. Um homem de ação, que chamou para si a incrível responsabilidade de reconstruir a Jerusalém antiga. Ele era dedicado. Sábio. Um homem zeloso, impregnado de oração. Com isso, ajudou a estabelecer o padrão para a liderança piedosa. Todavia, não se sabe, provavelmente, nada sobre esse homem. Ele era Neemias.

Na verdade, o seu livro no Antigo Testamento assemelha-se às memórias de um líder pastoral e um estadista por excelência. Nele, Neemias relata como, com a bênção e a ajuda de Deus, partiu para reconstruir Jerusalém e reanimar seus habitantes. É um relato vivo de uma renovação espiritual em primeira pessoa. Mas Neemias também pode ser lido como um testemunho do

envolvimento de Deus com o homem. Numa espécie de estudo bíblico, J. I. Packer examina como Neemias guiou o povo e como Deus guiou Neemias — tendo como finalidade a edificação do seu Reino. Neste livro, você descobrirá um modelo para o reavivamento em sua igreja.

Educado na Universidade de Oxford, o premiado autor Dr. James I. Packer é professor de Teologia Sistemática e Histórica na Regent College, em Vancouver, British Columbia. É também editor sênior em *Christianity Today*. Prega e faz conferências na Grã-Bretanha e América, e colabora frequentemente em periódicos teológicos. É autor de *O Plano de Deus para Você*, editado pela CPAD.

ISBN 85-263-1038-0

É inegável que Neemias foi um líder usado por Deus para a restauração de Israel como nação. Para que possamos entender corretamente seu livro, precisamos saber também o que movia Neemias de forma que suas atitudes glorificassem a Deus, e até onde foi seu compromisso na restauração da cidade santa, levando-o a abandonar o conforto do palácio para ser um reconstrutor de uma cidade em ruínas.

Fidelidade. Esta é uma palavra que indica, aos olhos desavisados, uma característica quase imperceptível no trato cotidiano, mas cuja presença é de imediato observada na vida das pessoas.

Este é um livro sobre a fidelidade a Deus e aos seus propósitos, um testemunho da renovação e santificação não apenas

Neemias Paixão pela Fidelidade

Neemias Paixão pela Fidelidade

SABEDORIA EXTRAÍDA DO LIVRO DE NEEMIAS

J. I. Packer

Traduzido por Marta Doreto de Andrade

Rio de Janeiro
2012

Título do original em inglês: *A Passion for Faithfulness*
Crossway Books, Wheaton, Illinois, EUA
Primeira edição em inglês: 2001
Tradução: Marta Doreto de Andrade

Preparação dos originais: Gleyce Duque
Revisão: Daniele Pereira
Capa: Flamir Ambrósio
Projeto gráfico e editoração: Fábio Longo

CDD: 248 - Vida Cristã

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3ª Impressão: 2012 - Tiragem: 1.000

Para
Fred e Elizabeth,
em quem
transparece muito
da força de
Neemias.

Prólogo: A Construção da Igreja

O fato de eu proclamar Neemias como um construtor de igreja e insistir que os cristãos lhe reconheçam essa qualidade deve fazer com que algumas sobrancelhas se levantem. Não obstante, é o que devo fazer neste livro, e desejo começar explicando o porquê. Portanto, faço agora uma retrospectiva de cinquenta anos.

Cristo Ama a Igreja

Ele era um homenzinho singular, magro, ativo e impetuoso, com uma face que parecia iluminar-se quando ele falava. Suas vestes também eram esquisitas para os meus padrões de universitário, porque ele usava um hábito monástico marrom, o uniforme de um franciscano anglicano. Eu estava do lado de fora da capela da faculdade, esperando não ser impressionado. Mas ele capturou-me a atenção ao contar-nos como, em sua adolescência, experimentara uma conversão pessoal a Jesus Cristo, como a que eu acabara de experimentar. "E então", partilhou ele, "fiquei entusiasmado com a igreja. Pode-se dizer que caí de amores por ela". Eu nunca ouvira alguém falar assim, e as suas palavras cravaram-se em minha memória. Cinquenta anos depois, ainda posso ouvi-lo proferindo-as. Ele, então, martelou o ponto de que todos os que amam a Jesus Cristo, o Senhor, devem preocupar-se profundamente com a Igreja, porque ela é o objeto do amor de Jesus. O eclesiocentrismo é, portanto, um meio pelo qual o cristocentrismo encontra expressão. Estaria ele certo? Sim, não resta dúvida.

Ouça Paulo instruindo os efésios e outros crentes (há uma boa razão para que a Epístola aos Efésios seja considerada uma circular): "Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível" (Ef 5.25-27). Agora, medite nas palavras do hino, que ecoam nesta e noutras passagens do Novo Testamento:

O único fundamento da Igreja
É Jesus Cristo, o seu Senhor;
Ela é sua nova criação
Pela água e pela Palavra.
Do céu Ele veio e buscou-a
Para ser sua santa noiva;
Com o seu próprio sangue a comprou,
E para que ela tivesse vida, morreu.

Em seguida, observe que a glória presente e futura que Deus concede à "noiva, esposa do Cordeiro" (Ap 21.9), como produto final de sua maravilhosa graça, é, de certo ponto de vista, o foco central do Novo Testamento, alcançando o seu clímax nas visões do verdadeiro monte Sião (Hb 12.22-24) e da Nova Jerusalém (Ap 21.1-22.5; veja também Ap 7, uma descrição adicional do destino da Igreja). E junte a isto o fato de que "glória [aqui significando doxologia e louvor] na Igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre!" (Ef 3.21) é o foco culminante da religião cristã. "Na igreja, por Jesus Cristo" são duas frases complementares, explicando e reforçando

uma a outra. Assim, a Igreja que Cristo ama e sustém é a característica principal do plano de Deus para o presente e a eternidade; e o cuidado pelo bem-estar da Igreja, que é a expressão do amor por ela, é um dos aspectos da semelhança com Cristo, que os cristãos devem sempre cultivar.

Estamos certos em trazer a Igreja no coração; estaríamos errados se não o fizéssemos. Assim como dizemos proverbialmente um ao outro: "Se me ama, ame ao meu cachorro", Jesus nos diz: "Se me ama, ame a minha Igreja".

O que ficou claro no modo daquele homenzinho expressar-se é que ele supunha que os cristãos evangélicos se preocupassem apenas com suas sociedades e irmandades, e não se interessassem por aquela que os Pais da Igreja chamavam de "a grande igreja", e os clérigos de Westminster de "igreja católica visível", isto é, a comunidade cristã mundial, em suas incontáveis e florescentes congregações. Essa suposição é ainda muito comum fora dos círculos evangélicos, e decerto há indivíduos cujo falar e agir a têm reforçado. Indubitavelmente, a falta de interesse pela Igreja é a tentação ocupacional de qualquer um que busque nutrir a fé pessoal e experiencial em Cristo, em todas as circunstâncias; e é onde a maioria dos líderes da Igreja não alcançou a extensão da onda evangélica — um estado de coisas que, infelizmente, tem sido comum no mundo ocidental, nos últimos cem anos. A observação de meio século, porém, mostrou-me que os líderes evangélicos e os formadores de opiniões não se acham marcados como um só corpo pela indiferença para com a igreja católica visível; ao contrário. Orar e

planejar e tornar a orar pela reforma e a revitalização da Igreja passou a ser parte da tendência evangélica desde o século XVI, e ainda o é — como de fato deve ser. O homenzinho estava certo: algo está errado com os cristãos professos que não se identificam com a Igreja, não a amam, não investem a si mesmos nela, e não a trazem no coração. Os evangélicos, "crentes" e "bíblias", espalhados por todas as denominações do mundo (e, de modo incidental, multiplicando-se numa velocidade fenomenal atualmente) devem continuar a ser exemplo de amor pela Igreja.

Mas como esse amor deve ser enfocado e mostrado? Aqui, infelizmente, dividem-se os caminhos. Para os muitos que igualam a Igreja à sua forma institucional, amá-la significa entusiasmar-se por sua liturgia, cerimônias, burocracia e labor que lhe mantêm as rodas em movimento. Aqueles que se interessam mais por manutenção e cultivo que por missões e evangelismo são geralmente indiferentes, e até mesmo antagônicos, a quaisquer atividades voltadas a conversões e a expressões de fé não institucionalizadas — o que os evangélicos consideram lamentável. Os evangélicos pensam na igreja em termos da vida comunal canalizada pelas formas institucionais, que para isto existem. Eles veem a igreja como o povo do Senhor reunindo-se regularmente, para fazer as coisas que a igreja faz: louvar e orar, com pregações e ensinamentos; praticar a comunhão e o cuidado pastoral, com encorajamento e responsabilidade mútuos; exaltar e honrar a Jesus Cristo, especificamente por meio da Palavra, cânticos e sacramentos; e estender-se, local e transculturalmente, a fim de partilhar Cristo com outros que dEle necessitam. Aqui, o

amor pela Igreja encontra expressão numa constante busca por fidelidade, santidade e vitalidade — fervor e animação — na vida incorporada de comunhão com o Pai e o Filho, por meio do Espírito, que é a real essência da igreja. Devo ser claro e falar, diretamente, que o discernimento evangélico parece-me concordar com o Novo Testamento, e que será adotado em tudo o que virá a seguir.

Cristo Edifica a Igreja

O eclesiocentrismo do próprio Cristo manifestou-se claramente na primeira ocasião em que o vemos usando a palavra "Igreja". Foi num ponto decisivo de seu ministério, quando Pedro, como porta-voz dos discípulos, respondeu a indagação de Jesus, "Quem dizeis que eu sou?", declarando: "Tu és o Cristo", o Rei enviado e ungido de Deus, o verdadeiro centro da história do mundo. A resposta de Jesus foi: "Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro [o nome significa 'pedra'] e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.15-18). Podemos deixar de lado a discussão sobre o exato significado das palavras de Jesus — se a pedra de fundação da Igreja é a confissão de fé de Pedro, ou o próprio Pedro, o confessor, no poder de sua fé; e se "as portas do inferno" (alguma forma do poder da morte) deve ser entendido como ataque à Igreja, ou como resistência aos ataques feitos pela Igreja, ou ambas as coisas. O que nos importa é a declaração de Jesus de que Ele, em pessoa, edificaria uma Igreja que é dEle, e ela triunfaria sobre todas as formas e poderes da morte. Procuremos enxergar o que isso significa.

Hoje, quando nós do Ocidente dizemos "nossa igreja", estamos nos referindo, normalmente, tanto ao edifício (uma sala de reuniões coberta, um auditório ou um local de adoração, às vezes com torres ou campanários; às vezes não), ou à *denominação* (uma federação, frouxa ou firme; congregações com uma mesma opinião, ou ao menos com as mesmas maneiras, com alguma forma de ajuda mútua). Podemos chamar essas entidades de "nossas" porque escolhemos ligar-nos a elas. "Nossa" significa identificação, não possessão. Todavia, quando, em Cesareia de Filipos, há quase dois milênios, Jesus disse "minha igreja", a possessão era a ideia principal do que Ele declarou. O que Ele tinha em vista era a comunidade unificada e identificada por uma mesma sujeição a Ele — um reconhecimento de sua reivindicação sobre eles e de seu senhorio, e um elo comum de amor, lealdade e devoção a Ele.

"Igreja", no texto de Mateus, é *ekklesia*, termo grego corrente para uma reunião pública, e que a Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento, usa para o hebraico *qahal*, "congregação". *Qahal* era os israelitas reunidos em caráter oficial, como o povo da aliança de Yahweh. Jeová formara o Israel do Antigo Testamento, resgatando o povo da escravidão egípcia e revelando-lhe a sua aliança. O pensamento de Jesus era claro: Ele mesmo formaria uma comunidade unida pela compreensão comum do que Pedro acabara de confessar, isto é, que Jesus era o Cristo enviado e ungido, o Filho de Deus, oficial e pessoalmente, o Criador e o dono de todas as coisas, o Senhor de toda vida, o determinador de todos os destinos, e o Salvador de todos os seus servos. DEle e de seu

ministério messiânico derivaria a identidade da Igreja; a Ele, em sua glória messiânica, ela daria a sua lealdade. Ela seria a sua Igreja em todos os sentidos.

Tampouco, o fundador da Igreja seria, de modo algum, um rompedor do passado. Ao contrário, a Igreja de Cristo era para ser, e agora o é, nada mais nada menos que a própria comunidade do Antigo Testamento, no formato novo e pleno, que Deus planejou para ela desde o princípio. É Israel internacionalizado e globalmente expandido dentro, através e sob o domínio de Jesus, o divino Salvador e seu Rei. É a família de Deus Pai, como transparece do fato de Jesus haver ensinado os seus seguidores a pensar e falar de seu Pai Celeste como sendo deles também. Ela é a Noiva e o Corpo do Cristo ressurreto, destinada à suprema intimidade com Ele e a partilhar de sua vida. É o Espírito Santo, o invisível, mas potente facilitador divino, quem nos revela que Jesus Cristo é real hoje, sustenta a nossa confiança nEle e o nosso amor por Ele, modela e reconstrói o nosso caráter à sua semelhança, e confere-nos habilidades para o ministério mútuo no Corpo ("Comunhão do Espírito Santo", em 2 Coríntios 13.13, parece significar tanto "sociedade com o Espírito" como "sociedade com os irmãos, trazida pelo Espírito").

Resumindo, a Igreja é a comunidade que vive na aliança, e pela aliança, com o Deus trino. Como o real Sumo Sacerdote do Reino de Deus, Reino de salvação e santidade, Jesus lançou o fundamento dessa comunhão por sua morte expiatória. Agora Ele é, verdadeiramente, mediador da aliança para toda a comunidade corporativamente, bem como para cada participante individualmente, por meio do Espírito Santo e no poder de sua

contínua vida ressurreta. Esta era a realidade que Jesus tinha em mente ao falar de "minha igreja".

Não que Simão Pedro entendesse bem essas coisas, quando confessou a Jesus como o Cristo. Os exegetas judaicos daquela época não compreendiam que as profecias do Antigo Testamento, concernentes a Cristo, amalgamavam-se num personagem em quem o sacerdócio real, a servidão sofredora, e a morte que culminava em ressurreição e entronização se combinavam; e nenhum dos discípulos do Senhor parecia ter-se compenetrado disso, até Ele ressurgir dos mortos. Jesus, porém, lendo o coração de Pedro ao ouvir-lhe as palavras, enxergou confiança e comprometimento verdadeiros — fé verdadeira — que acompanhavam o discernimento que o apóstolo tivera do papel oficial de seu Mestre. Foi como se Simão houvesse dito: "O Senhor é aquele que conduzirá a história do mundo à sua meta final, seja ela qual for; é aquele que guiará a minha história pessoal ao seu fim, seja ele qual for. Eu sei que é isso o que o Senhor é, embora eu não conheça tudo o que Senhor pode fazer. Então, eu o reconheço como o Cristo e, portanto, uno-me ao Senhor". Ao que Jesus respondeu declarando que, sobre esta fundação de fé, Ele ergueria a sua Igreja.

O que Ele quis dizer com isso?

Quando falamos em construir uma igreja, pensamos geralmente em tijolos e argamassa, dos quais a nova estrutura será feita; dizemos que ela será construída pelo arquiteto designado, ou pela congregação, denominação, ou benfeitor que a financiará, ou pela construtora que assumirá o projeto. Todavia, quando Jesus falou de construir a sua Igreja, não estava pensando nestes termos. Pensava, antes, no complexo processo pelo qual a verdade sobre si mesmo

é recebida, como os receptores respondem a ela (ou melhor, respondem a Ele nos termos em que Pedro respondera), e como são gradativamente conformados a Ele, à medida que partilham das coisas da Igreja, em obediência à sua Palavra, sob seu senhorio, e em total dependência do seu poder. Assim como a Igreja consiste de indivíduos que, vindo pela fé e associando-se aos demais crentes, tornaramse o povo do Senhor (sua vinha, seu rebanho, seu templo, sua nação), a edificação da Igreja é tarefa de Jesus, que Ele realiza mudando-os por dentro — no coração, como se diz — de modo que o arrependimento, a fé e a obediência tornam-se, cada vez mais, o padrão de suas vidas. De maneira crescente, eles mostram a mesma humildade, pureza, amor e zelo pelas coisas de Deus, vistos em Jesus, e atendem ao seu chamado para adorar, trabalhar e testemunhar em seu nome. E não fazem isso como indivíduos isolados, solitários, mas como companheiros-irmãos na família de Deus, ajudando e encorajando-se em franqueza e cuidado mútuo, que são o distintivo do "amor fraternal" (*philadelphia*: veja Rm 12.10: 1 Ts 4.9; Hb 13.1; 1 Pe 1.22; 2 Pe 1.7). Com isto, entram cada vez mais na vida que constitui o autêntico cristianismo, a vida de comunhão com o Pai Celeste, com o seu Salvador ressurreto, e uns com os outros; e assim fazendo, são "edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo" (1 Pe 2.5).

Portanto, "eu *edificarei* a minha igreja" (ênfase do autor) é uma metáfora, exatamente como a promessa anterior de Jesus a Pedro — "De agora em diante, serás *pescador* de homens" (Lc 5.10, ênfase do autor) — foi uma metáfora. Nessa ocasião, o Senhor estava comparando o trabalho vin-

douro de Simão, de fazedor de discípulos, à sua habilidade de pescador. No segundo caso, Ele estava dizendo a Pedro que a sua própria obra graciosa — a de construir uma nova comunidade — seria comparada à de um empreiteiro que, para erguer uma casa, combina materiais brutos (pedras, tijolos, pranchas, toras) reunidos para este propósito. O ponto principal na sentença em que ocorre a metáfora é que a pedra de fundação, na qual a comunidade deve se firmar, isto é, o compromisso que cada pessoa dentro da Igreja deve partilhar, é a fé nEle como o Messias divino — fé que Pedro acabara de verbalizar: "*Sobre esta pedra* edificarei a minha igreja" (ênfase do autor). Entretanto, o que nos interessa agora é o processo de construir.

A Palavra e o Espírito

Por quais meios o Salvador edifica a sua Igreja? Isto é, como Ele opera nas pessoas a mudança que as une, tão profundamente, num grupo de crentes ativos em adoração e serviço, cujo nome bíblico é "Igreja"? A resposta é: por meio da sua Palavra (num sentido mais amplo, a Bíblia; num foco mais aguçado, o evangelho), e por seu Espírito, cujo papel nesta conexão é tornar claro e pessoal o significado e a aplicação da Palavra. A Palavra e o Espírito juntos — o Espírito interpretando e evocando resposta — são os meios pelos quais Cristo executa o seu trabalho de edificar a Igreja.

Em Efésios, Paulo retrata este processo como *crescimento da Igreja*. Havendo explicado que Cristo concede à igreja servos dotados "querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do Corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao co-

nhecimento do Filho de Deus", ele afiança que, por estes meios, devemos crescer "em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor" (Ef 4.12-16). Assim, em Cristo, "todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito" (Ef 2.20,21).

À luz do retrato que Paulo faz da Igreja crescendo como um corpo e como um edifício em construção, é lamentável que a frase "crescimento da Igreja" seja usada, hoje, exclusivamente para falar da expansão numérica, quando a ideia expressada por ela no Novo Testamento não é quantitativa, mas qualitativa. É sempre mais sábio usar a fraseologia bíblica em seu sentido bíblico. E esses textos deixam claro que o crescimento da igreja que Paulo tinha em mente não se tratava de recrutas sendo acrescentados à comunidade (ele tinha outras expressões para isso), mas da comunidade sendo ajustada para o seu destino, pelo poder da verdade ensinada pelo Espírito.

A perspectiva Palavra-e-Espírito de Paulo, com respeito ao destino da igreja, aparece também em seu discurso aos anciãos efésios, conforme registrado por Lucas em Atos 20.17-35. Um olhar sobre essa passagem confirmará o que viemos dizendo.

Primeiro, Paulo fala de seu ministério da Palavra: "Testificando, tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (v. 21). "... todos vós, por quem passei pregando o Reino de Deus" (v. 25). "Porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho

de Deus" (v. 27). Então ele fala da Igreja, e o faz de modo a mostrar que, para ele, a Igreja ocupa uma posição central no propósito de Deus. Ela é "a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue" (v. 28); é o rebanho de Deus, ameaçado por lobos (falsos mestres) e exigindo, por conseguinte, a máxima e fiel vigilância daqueles que foram declarados seus guardiões. Ele refere-se, enfaticamente, ao Espírito Santo fazendo dos anciãos supervisores para pastorear a Igreja (v. 28). O que ele quer dizer é que o próprio Espírito Santo inspeciona o processo de sua seleção e nomeação, e a implicação é que, se eles agora lhe buscam a ajuda para cumprir sua responsabilidade, a recebem. E Paulo conclui: "Agora, pois, irmãos, encomendo-vos a Deus e *à palavra da sua graça*; a ele, que é poderoso para *vos edificar* e dar herança entre todos os santificados" (v. 32, ênfase do autor).

"Edificar" (ou simplesmente "construir") é o mesmo vocábulo de Mateus 16.18, e aqui, como em todo o Novo Testamento, tem o mesmo sentido. "Eu edificarei a *minha igreja*" (ênfase do autor), afirma Jesus; e a "palavra da sua graça... poderoso para vos edificar e dar *herança entre todos os santificados*" (ênfase do autor), discursa Paulo. A edificação dos indivíduos é o abafamento do individualismo, pois ela é precisamente a fundamentação deles na rede comunal, chamada Igreja. A Palavra ministrada, memorizada e mastigada em meditação tem o poder de edificar pela ação do Espírito Santo. ("Exercício do poder" é o significado grego para "pode" ou "poderoso" no v. 32). E, na Igreja na terra, este processo de erigir — ou edificar por dentro, como se pode dizer quando se enfoca a pessoa — é contínuo. De acordo com a sua Palavra, Jesus edifica a sua Igreja.

A Igreja do Antigo Testamento

Agora surge uma questão sempre formulada pelos estudantes da Bíblia. Jesus falou da edificação de sua Igreja usando o tempo futuro: "Eu edificarei..." Todo o ensinamento do Novo Testamento sobre a Igreja centraliza-se em Cristo: sua vinda, morte, ressurreição, ascensão ao trono, e derramamento do Espírito Santo. Então, a Igreja que o Filho encarnado de Deus está edificando começou pelo seu ministério histórico, ou Deus estava edificando uma Igreja nos tempos do Antigo Testamento? A resposta é sim e não, dependendo do ângulo em que é posta a questão.

Se a perspectiva é estritamente histórica, isto é, se está se perguntando sobre o aparecimento na terra de uma comunidade que confessa a Jesus como o Cristo, a pergunta responde a si mesma: obviamente não poderia haver nenhuma comunidade de seguidores de Cristo enquanto Ele não estivesse lá para ser seguido, nem poderia a bênção plena do Pentecostes ser usufruída até que o derramamento do Espírito Santo tivesse lugar. A Igreja do Novo Testamento é a Igreja de Cristo e do Espírito Santo; portanto, historicamente falando, a frequente declaração de que a Igreja começou no Pentecostes é verdadeira.

Se, contudo, a perspectiva é tanto teológica quanto histórica, isto é, se está se perguntando sobre o relacionamento de Deus com diferentes indivíduos e grupos, em épocas diferentes, a resposta à indagação abrange mais coisas do que tem sido declarado, e torna-se claro, à medida que os detalhes relevantes são reexaminados, que é mais enganoso negar a realidade de uma Igreja no Antigo Testamento do que afirmá-la.

Os escritores neotestamentários ensinam-nos a ler o Antigo Testamento como uma testemunha histórica de uma era preparatória, na qual, por determinação divina, todas as coisas estavam cooperando para a chegada do Messias, que haveria de estabelecer a nova ordem do Reino de Deus neste mundo desordenado. Entretanto, durante toda essa era, desde o princípio, Deus estava tornando conhecido o gracioso pacto Rei-e-súditos, pelo que Ele diz aos homens: "Eu, seu Criador, sou o seu Deus que os guia e os conduz. Vocês são o meu povo, e cada um de vocês é meu, para honrar-me e servir-me". O relacionamento de Deus com Adão e Eva no Éden, era, neste sentido, pactual. E quando Deus continuou a manter o relacionamento e a atrair as pessoas a aceitar essa aliança, apesar da tendência humana a falhar, ela revelou-se, na prática, um pacto de graça. "Eu, seu Criador, contra quem vocês pecaram, declaro-me, todavia, o seu Deus..." "Seu Deus" significa que Deus se importa conosco e está empenhado a abençoar-nos até o limite de sua soberana habilidade, ou seja: de modo ilimitado. Dentro desse pacto ou aliança, conforme sugere a dimensão Rei-e-súditos, há privação disciplinar e punição à infidelidade; contudo, o relacionamento em si é canal de bênção e enriquecimento.

Diz-se, verdadeiramente, que religião bíblica é religião pactual, no Antigo Testamento não menos que no Novo, e que, em ambos os Testamentos, a verdadeira religião — religião pactual — é uma questão de pronomes pessoais, isto é, de seres humanos sendo capazes de dizer: "Meu Deus", conhecendo que Deus se lhes dirige como "*meu* povo", "*meu* servo", "*meu* filho", "meu sócio nesta aliança". Cada "meu" aqui é linguagem pactual. E também se

diz, com veracidade, que a Igreja do Novo Testamento é a comunidade do concerto com Deus, o que nos leva a falar, naturalmente, da comunidade do concerto com Deus nos tempos do Antigo Testamento, como a Igreja existente antes de Cristo. Expressando-nos desta forma, porém, corremos à frente de nós mesmos; carecemos de um momento para retroceder.

Quem está no pacto com Deus? Resposta: Aqueles que aceitam ativamente o relacionamento pactual que Ele oferece e vive para Ele em aliança responsiva, que é a fé em seu sentido mais amplo. Abel, Enoque e Noé, juntamente com Abraão, estão entre aqueles de quem Hebreus 11.4-16 afirma que "Deus não se envergonha deles, de se chamar *seu* Deus" (linguagem pactual!) porque vivem para Ele em fé. De Gênesis 4. 25,26, inferimos que toda a linhagem de Sete era o povo do pacto. Gênesis 17 relata como Deus estabeleceu, formalmente, a sua aliança com a família de Abraão, por meio de Isaque, o que veio a se comprovar com as doze tribos de Israel. Os livros de Êxodo a Deuteronômio detalham o código da Lei dada por Deus ao povo da aliança, depois de resgatá-los do Egito. Este código centraliza-se nos Dez Mandamentos, que se acham estruturados pela declaração introdutória: "Eu sou o Senhor seu Deus..." (novamente, linguagem pactual) (Êx 20.2; Dt 5.6). As leis de Deus são, deste modo, a legislação do pacto.

Em todas as épocas, apenas uma minoria de israelitas levava a sério a obediência ao concerto, enquanto o restante, embora nacional e nominalmente sob a aliança divina, não se encontrava, pessoalmente, num relacionamento pactual com Deus. Contudo, sempre houve alguns, um remanescente, que viveram, trabalharam e até sofreram

perdas, em fidelidade e confiança nas promessas de Deus, adorando, orando e praticando o amor ao próximo, a moralidade pactual em concordância com a Lei, e a comunhão e o encorajamento mútuo. Não chamar de Igreja este remanescente fiel do Antigo Testamento, quando os seus membros relacionavam-se com Deus precisamente como fazem os cristãos, seria realmente estranho.

Parece-nos, então, que no Antigo Testamento somos confrontados com duas coisas. Uma é a realidade da verdadeira e da falsa religião entre o povo do pacto oficial, a comunidade que hoje chamaríamos de igreja visível. A diferença entre o agora e o então é em parte uma questão de conhecimento e, em parte, de experiência. Os fiéis do Antigo Testamento não sabiam tanto a respeito do Cristo a quem esperavam como sabem os cristãos do Novo Testamento, agora que Ele já veio; tampouco os santos daqueles tempos experimentaram o poder transformador de Deus em suas vidas, como os cristãos o têm experimentado desde o derramamento pentecostal do Espírito Santo. Não obstante, fé, arrependimento, tentação, amor, dúvida, descrença, louvor, oração, orgulho, gratidão, apostasia, paciência, pureza de coração, autocontrole, zelo por Deus — enfim, todas as virtudes pertencentes à piedade e todos os vícios da impiedade eram, essencialmente, nos tempos do Antigo Testamento, os mesmos de hoje. E o Antigo Testamento contém profundos ensinamentos acerca deles. Ao mesmo tempo (e esta é a segunda coisa que encontramos), muitas das regras que Deus estabeleceu para Israel, por meio de Moisés, eram simbólicas e temporárias, impostas por razões educacionais, até que viesse o Cristo. Agora, não mais se aplicam a ninguém. O Novo Testamento informa-

nos o que pertence a esta última categoria, e esta é uma lição que os leitores cristãos do Antigo Testamento devem absolutamente aprender.

Tipo e Antítipo

Sejamos, pois, específicos: um *tipo* nas Escrituras é um evento, uma instituição, um lugar, objeto, ofício, ou uma pessoa exercendo um ofício, que representa uma realidade maior e que, em certo sentido, é da mesma espécie e deve aparecer na história, em algum ponto subsequente. Esta realidade maior recebe o nome de antítipo. O termo "tipo" é extraído de Romanos 5.14, onde Adão é tratado como um *tupos* (modelo) de Cristo, aquele que estava por vir. (*Tupo*, no original grego, significa um cunho ou molde). "Antítipo" vem de 1 Pedro 3.21, onde o batismo, entendido não simplesmente como uma aplicação de água ao corpo, mas essencialmente como uma emanação de fé em Deus, é chamado de *antítipo* da preservação de Noé do dilúvio, por sua entrada na arca.

Um tipo estabelece um sistema para interpretar a realidade maior, quando ela aparece; e entrementes, simplesmente por existir, ele inculca o princípio do qual a realidade maior será a suprema instância. Quando a realidade maior chega, torna-se o fator decisivo em seu próprio campo; de um modo ou de outro, ela transcende e suplanta o tipo. Em termos de espaço/tempo, o tipo é, desde então, uma coisa do passado, não mais determinante do que deve ser feito ou do que acontecerá. A sua importância bíblica, no entanto, é de valor permanente, uma vez que provê conceitos e categorias para a compreensão do antítipo. Assim, a tipologia torna-se uma espécie de manual para uso em teologia.

Existem muitos tipos nas Escrituras, mas aqueles realmente importantes para a interpretação do livro de Neemias são três:

Primeiro: sob a dispensação mosaica da aliança de Deus — dispensação que a Carta aos Hebreus chama de "anterior" e "primeira", e declara ser obsoleta, uma vez que Cristo já veio (Hb 7.18; 8.7, 13; 9.1) — a comunhão pactual com o santo Deus de Israel era mantida em face dos constantes pecados dos israelitas, através de um sistema típico de sacrifícios, administrado por um sacerdócio típico, em um santuário que tipificava a imediata presença de Deus. A mediação e o ministério sacerdotal de Jesus Cristo, o seu sacrifício feito de uma vez por todas, bem como a sua incessante intercessão, suplantam tudo isso, conforme esclarece Hebreus 7 a 10. Nos tempos de Neemias, contudo, o caminho prescrito para a comunhão com Deus era a obediente oferta dos sacrifícios estipulados. Sem eles, não se podia esperar o favor de Deus.

Segundo: sob o antigo pacto, Israel recebeu uma terra — a Palestina — com promessas de prosperidade e proteção pela fidelidade, advertências de empobrecimento e expulsão por infidelidade, e esperança de restauração, após uma punição seguida de arrependimento. A própria terra era um tipo de "pátria melhor, isto é, a celestial" (Hb 11.16), um país que não seria definido geograficamente, mas relacionalmente, em termos de comunhão entre Cristo e o seu povo, e de fruição de todas as boas coisas que Ele concede àqueles que nEle confiam e o servem. Nos tempos de Neemias, entretanto, a terra era o lugar designado para a bênção — uma bênção que abrangia o suprimento das necessidades, a renovação de vida para um

povo enfraquecido, o retorno do exílio e a recuperação das terras sob o domínio pagão.

Terceiro: sob o antigo pacto, Jerusalém, a cidade de Davi e do Templo de Salomão, era reconhecida como o lugar que Deus escolhera "para ali fazer habitar o seu nome" (Dt 12.11,21), o centro de adoração de Israel, onde os sacrifícios deveriam ser oferecidos, os rituais de adoração observados e a presença de Deus, vista e desfrutada. Sob a nova aliança, verificamos que o próprio povo de Deus, em Cristo, constitui o seu templo (Ef 2.19-22), e a sua presença para abençoar pode ser usufruída onde quer que os seus servos clamem por Ele por intermédio de Cristo, ou clamem a Cristo como o representante de Deus (Hb 4.15—10.19-22), enquanto "Jerusalém" e "Sião" referem-se a uma comunidade que não é deste mundo (Gl 4.26; Hb 12.22; Ap 3.12; 21.2,10), uma comunidade que agora se revela como o antítipo do qual a Jerusalém terrena era tipo. Na época de Neemias, era categoricamente necessário que Deus fosse adorado em Jerusalém, porque isso fora divinamente prescrito. Portanto, Jerusalém tinha de estar em condições de honrar a Deus publicamente, como lhe era devido.

O Livro de Neemias

Agora estamos equipados para sintonizar-nos ao livro de Neemias e compreender tudo o que nele se encontra.

O livro é parte de uma dupla composta, claramente, de Esdras e Neemias; e é parte de um conjunto, pois é evidente que Esdras e Neemias são uma continuação dos livros de Crônicas. Os cronistas revisaram a história de Israel, desde Davi até o exílio, com um foco sobre o Templo, a adoração

e a vida espiritual dos reis, dos sacerdotes e do povo. Esdras e Neemias mantêm este foco. Os capítulos de 1 a 7 de Neemias, bem como o 13, parecem extraídos do seu diário; e os capítulos de 8 a 12 assemelham-se a um registro oficial, feito por Neemias em sua narrativa, quando, talvez como uma incumbência em sua aposentadoria, ele preparou suas memórias para uma inspeção pública (ele era, acima de tudo, um político). Veremos que o capítulo 13 perderia muito de sua essência, se não existissem os capítulos de 8 a 12.

A história contada por Neemias é fascinante. Ela trata da reconstrução dos muros de Jerusalém (caps. 1—6), da renovação da adoração em Jerusalém (caps. 8—10), do repovoamento da cidade (caps. 11—12) e, finalmente, do reavivamento da renovação de Jerusalém, que, ao longo dos anos, perdera o seu fervor (cap. 13). Então, ela é, ao mesmo tempo, a história da construção literal da Jerusalém palestina (o tipo), e a história da edificação espiritual da Jerusalém como o povo do concerto de Deus (o antítipo), a saber, a Igreja do Antigo Testamento. Por intermédio de Deus, Neemias edificou muros; por intermédio de Neemias, Deus edificou santos. Humanamente, Neemias é a figura-chave em ambas as histórias. Seu livro revela-o como um líder pastoral por excelência, devoto, dinâmico, humilde, zeloso, sábio, paciente. E em todos os pontos ele parecia ser, assim como Moisés, Paulo, Martinho Lutero, Oliver Cromwel e Winston Churchill, um pouco maior que a vida, por causa da clareza com que definia as suas metas e da energia com que as perseguia. Desse ponto de vista, o seu livro pode ser lido como o registro pessoal de um triunfo pastoral e político. Mas pode, de igual modo, ser lido como um testemunho do proceder de Deus com Neemias e com aqueles que o servem, de modo a produzir neles vitalidade, bravura, tenacidade, generosidade e maturidade — aspectos da piedade que Deus fomenta em sua

igreja, e que nós reconhecemos como semelhança de Cristo. Esta é, sem dúvida, a abordagem correta.

O livro de Neemias deve ser lido, portanto, como um testemunho da renovação e santificação da igreja. O motivo de Neemias para escrevê-lo foi doxológico, não vanglorioso; foi para o louvor de Deus, não de si mesmo; para testificar do que Deus fizera nele e por ele, não de qualquer coisa que ele pudesse reivindicar como realização pessoal. "Tenho glória em Jesus Cristo nas coisas que pertencem a Deus", escreveu Paulo, cinco séculos depois. "Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para obediência dos gentios, por palavra e por obras" (Rm 15.17,18). De maneira idêntica, Neemias glorifica a Deus pelo que Ele fez, por meio dele, para o bem-estar espiritual dos demais; e o objetivo de seu livro é levar os leitores a glorificar com ele.

Parece-nos, por isso, que o modo sábio de explorar o livro de Neemias é estar igualmente interessado na forma como o seu autor guiou o povo, e como Deus guiou o seu autor. Além disso, o bem-estar da igreja deve ser mantido como o principal foco de interesse, enquanto prosseguimos nessas duas inquirições. É nisto que devemos diligenciar, nas páginas a seguir.

Prefácio à Série

Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando... nos abria as Escrituras?" Ponderavam os dois discípulos, com quem Jesus, ressuscitado, caminhara e conversara ao entardecer daquele primeiro Domingo de Páscoa (Lc 24.32). A saudável queimação que eles experimentaram não era exclusividade deles; ao contrário, todas as pessoas, de todas as eras, para quem é aberta a Palavra de Deus a conhecem. O que é ela? É uma combinação de claridade e alegria na presença de Deus, que impulsiona a adorar, trabalhar e testemunhar. Além disso, é o próprio objetivo da pregação; e é também o propósito de *Living Insights Bible Studies.*

Living Insights Bible Studies são, na verdade, pregações no papel. Cada livro toma uma porção da Bíblia e busca fazê-la funcionar como luz de Deus para esclarecer e guiar. O nome bíblico para o funcionamento da luz divina, desse modo, é sabedoria; daí, os subtítulos dos livros. *Living Insights Bible Studies* não são comentários: são menos, já que não tentam cobrir tudo; e são mais, porque perseguem os temas-chave da Bíblia para nutrir a vida espiritual.

Temáticos no caráter, os livros começam apresentando os temas enfocados na exposição. Isso faz parte do feitio da série e estabelece a propulsão de cada livro.

Espero e oro para que Deus use *Living Insights Bible Studies* como um meio pelo qual a enaltecida comoção do caminho de Emaús seja hoje renovada.

J. I. Packer

Sumário

1

Conheça Neemias

"Eu gosto dele. Ele era um homem de construção", confidenciou-me o velho construtor texano. Alegrei-me ao ouvi-lo porque, francamente, também gosto de Neemias. Espero que, quando chegar ao céu, possa reconhecê-lo e confessar-lhe isso. O que desejo que ele saiba é que, durante o meio século em que tenho servido a Cristo, ele me tem ajudado muito, talvez mais que qualquer outro personagem bíblico, que não o próprio Senhor Jesus. Quando, aos dezenove anos, comecei a imaginar se Deus me quereria no ministério, foi a experiência de Neemias que me mostrou como se dá a orientação vocacional, e pôs-me no caminho. Quando me encarreguei de um centro de estudo comprometido a neutralizar a teologia liberal, foi Neemias quem me forneceu as ideias de que eu necessitava para comandar um empreendimento de Deus e lidar com a oposição fortificada.

Quando, depois disso, tornei-me o diretor de uma faculdade teológica, que se achava em apuros financeiros, novamente foi o exemplo de liderança de Neemias que me ensinou como fazer o meu trabalho. Uma vez que podemos falar daquilo que vimos, quando sou convidado a pa-

lestrar sobre vocação e/ou liderança, frequentemente levo os meus ouvintes a uma viagem pela história de Neemias. É natural que nos afeiçoemos a alguém a quem tanto devemos, sinto-me profundamente endividado com Neemias. Ninguém deve admirar-se, então, de que eu o considere agora um amigo particular. Tampouco sou eu o único a considerá-lo como tal. Um livro publicado em 1986 começa assim:

> Os detalhes de meu primeiro encontro com ele acham-se nublados em minha mente. Deus enviou-o a mim em meus primeiros anos na universidade, a fim de ajudar-me a superar alguns desafios formidáveis. Desde então, ele tem sido uma companhia sempre presente...
>
> Neemias pôs todo o seu ser em seu diário, que foi incorporado ao livro que agora chamamos pelo seu nome. Lendo-o, posso sentir-lhe as batidas do coração, o tremor dos dedos e a aflição de seus gemidos... Que sabedoria a dele! E como ele incutiu em mim as lições básicas de liderança! Não esqueci nenhuma delas, e tenho volvido a ele de tempos em tempos, em busca de reafirmação.
>
> Como estudante de medicina, eu necessitava dele de modo especial. Ele era um líder. E... bem, quer eu o desejasse quer não, tornei-me, em um tempo relativamente curto, o presidente nacional da *British Inter-Varsity*... Durante esse período, Neemias confortou-me e instruiu-me... Eu escolhi explanar o livro de Neemias na primeira *Latin American Fellowship of Evangelical Students*... Neemias tornou-se uma espécie de patrono do novo movimento — ou ao menos uma luz orientadora aos jovens alunos de liderança, que enfrentavam a impressionante tarefa de evangelizar um continente...

> À medida que as responsabilidades se sucediam, continuei fascinado e instruído pela vida e pelas palavras desse homem de ação. E conforme eu envelhecia, mais dele eu respigava. Era o homem, não o livro, que me prendia... Ele tornou-se o meu modelo de liderança.[1]

Quando li pela primeira vez essas palavras de John White, ri sonoramente, daquele jeito que às vezes não podemos evitar, face às coisas deleitáveis que Deus faz. John White e eu somos quase contemporâneos e temos muita coisa em comum: uma formação *British Inter-Varsity*; genes britânicos unidos pela cidadania canadense; uma teologia evangélica, uma compulsão pastoral e uma vocação literária; e um lar na *Lower Mainland of British Columbia*. Não obstante, até 1986, eu não sabia que partilhávamos um relacionamento paralelo a Neemias. Contudo, os parágrafos citados contêm palavras que parecem extraídas do meu coração. Fico imaginando quantos mais têm sido mentoreados por Neemias.

As Falhas de Neemias

Não obstante, nem todo o mundo tem o nome de Neemias em sua lista de personagens bíblicos favoritos. Imagino que isso se deva a, pelo menos, duas razões: Para começar, a maioria dos cristãos conhece bem pouco sobre ele. Suas leituras do Antigo Testamento são incompletas, e o livro de Neemias é um dos quais nunca chegaram perto. Sabendo que Neemias não é mencionado no Novo Testamento, inferem que não seja importante e não se interessam por ele. Se lhes fosse dito como é forte o caso que o liga a Moisés

como refundador da nação, para cuja criação Deus usou Moisés, ficariam surpresos.

Além disso, aqueles que conhecem algo a seu respeito formaram uma imagem desagradável dele, que os impede de levá-lo a sério como homem de Deus. Veem-no como uma pessoa um tanto selvagem, que lançava a própria carga sobre os outros e nunca foi uma companhia agradável, em circunstância alguma. Notam as imprecações em suas orações: "Caia o seu opróbrio sobre a sua cabeça, e faze com que sejam um despojo, numa terra de cativeiro. E não cubras a sua iniquidade, e não se risque diante de ti o seu pecado" (Ne 4.4,5; compare com 6.14 e 13.29, onde "lembrar" significa "lembrar para julgamento"). Observam que, ao menos em uma ocasião, ele amaldiçoou e espancou seus compatriotas, e arrancou-lhes os cabelos (13.25). E então concluem que, dificilmente, ele era um homem bom; decerto, não um homem de grande estatura espiritual, de quem se pode aprender lições preciosas.

Qual é o comentário para tal avaliação? Primeiro, havia algumas arestas realmente ásperas em Neemias; todo líder as possui. Com base nos quatro temperamentos, ele parece ter sido um homem colérico, rijo, indócil e franco, que se sentia extremamente feliz despendendo energia em projetos desafiadores, e que achava mais fácil *fazer* do que *ser*. Pessoas desse tipo são sempre consideradas assustadoras, em particular quando, guiadas por seu zelo, falam e agem de modo excessivamente enfático — o que acontece com frequência. Segundo, Deus preparara Neemias para uma tarefa que um homem menos franco não seria capaz de executar. E, terceiro, a limpeza que Jesus fez no Templo e a acusação que lançou aos fariseus foram mais rudes que qualquer coisa feita por Neemias. Se achamos que a impetuosidade de Jesus

era justificada, podemos admitir a possibilidade de que a de Neemias também o fosse. Voltarei a falar disso no momento apropriado.

Todavia, não defendo que Neemias tenha sido impecável. Eu seria tolo e beiraria à blasfêmia, se o fizesse. Jesus Cristo é o único homem sem pecado encontrado na Bíblia. Ele é a única Pessoa sem pecado que já existiu. Todos os demais servos de Deus foram criaturas caídas, pecadores salvos pela graça, e, às vezes, a sua pecaminosidade aparece. Se Neemias tinha cabelos vermelhos, não sei; mas certamente havia nele uma intensidade rubra, que se expressava numa ferocidade não muito cristã. Esse era o defeito de sua qualidade, a limitação que lhe acompanhava a veemência. Todo servo de Deus falha, de um modo ou de outro, e Neemias não era exceção à regra. Contudo, a sua força era maravilhosa. Por isso, espero que ninguém perca o interesse nesse estadista, simplesmente por havermos concordado que ele não era perfeito.

A Força de Neemias

Que forças especiais vemos em Neemias? Pelo menos três: Primeira, ele é um modelo de *zelo pessoal*, isto é, zelo pela honra e glória de Deus. Como o próprio Neemias expressa em uma de suas orações, ele é um dos que "desejam temer o teu nome" (Ne 1.11), e a força de sua paixão por magnificar o Senhor é verdadeiramente grande. Tal zelo, embora se igualando ao de Jesus, dos salmistas e de Paulo (para não mencionar outros), é mais raro hoje do que deveria. A maioria de nós se parece mais com os mornos laodicenses, vivendo agradavelmente em igrejas serenas, sentindo-nos confiantes porque tudo vai bem e, com isto, desgostando

ao Senhor Jesus, pois Ele vê que, espiritualmente falando, nada está bem (veja Ap 3.14-22). A linguagem dura com que o Senhor ameaça vomitar a igreja de Laodiceia, isto é, repudiá-la e rejeitá-la, mostra que o zelo pela casa de Deus ainda o compele em sua glória, exatamente como o fazia na terra, quando purificou o Templo (Jo 2.17). Nos dias em que Deus usava seu próprio povo como seus executores, não apenas em guerras santas contra os pagãos, mas para disciplinar a igreja, o sacerdote Fineias atravessou com a espada um hebreu e sua prostituta midianita. Então Deus, por meio de Moisés, aprovou-o por seu zelo, que se assemelhava ao zelo divino: "Pois zelou o meu zelo no meio deles; de modo que no meu zelo não consumi os filhos de Israel. Portanto, dize: Eis que lhe dou o meu concerto de paz, e ele e a sua semente depois dele terão o concerto do sacerdócio perpétuo; porquanto teve zelo pelo seu Deus" (Nm 25.11-13). Assim como Deus é zeloso, os seus servos devem sê-lo.

Está claro de que zelo estamos falando? Não se trata de fanatismo; não é selvageria; não é entusiasmo irresponsável, nem qualquer forma de egoísmo agressivo. É, antes, um compromisso humilde, reverente, metódico e sincero, de santificar o nome de Deus e fazer-lhe a vontade.

> Um homem zeloso em religião é, acima de tudo, alguém que se preocupa com uma única coisa. Não basta dizer que é sério, genuíno, intransigente, radical, sincero, fervoroso em espírito. Ele vê somente uma coisa, importa-se unicamente com uma coisa, absorve-se com uma só coisa. E esta coisa singular é agradar a Deus. Quer morra, quer viva, tenha saúde ou esteja enfermo, seja rico ou pobre, agradável aos homens ou ofensivo, sábio ou tolo, obtenha honra ou passe

> vergonha, nada disso lhe importa. O zeloso arde por uma única coisa, que é agradar a Deus e dar-lhe glória.[2]

Pessoas zelosas são sensíveis a situações em que a verdade e a honra de Deus se achem, de alguma forma, postas em jogo. Em vez de deixar o assunto passar à revelia, elas chamam a atenção dos outros para a questão, a fim de obrigá-los, se possível, a mudar de opinião. E o fazem até com risco pessoal. Neemias tinha essa espécie de zelo, como podemos ver, e o seu zelo é exemplo a todos nós.

A segunda força que encontramos em Neemias é o seu *compromisso pastoral* — o compromisso de um líder, de alguém que impulsionava e compelia ao serviço de compaixão pelo necessitado. O líder é alguém que persuade os demais a abraçar e desempenhar o propósito dele mesmo. Conforme Harry Truman expressou-se certa vez, o trabalho do líder é levar os outros a fazer o que não querem, e ainda gostar de fazer. Só se é um líder quando se é verdadeiramente seguido, assim como só se é professor se os outros aprenderem com ele. Portanto, para ser um líder, a pessoa tem de ser capaz de motivar as outras. Senão, corre-se o risco de se tornar um ditador, usando o poder persuasivo para manipular e explorar seus liderados. Neemias, porém, não era assim. Ele não era um ditador nem não pouco um capacho; não tratava rudemente as pessoas mais do que permitia que o tratassem. Da mesma forma que expressava o amor a Deus por meio de seu zelo concentrado, expressava amor ao próximo por meio de seu cuidado compassivo. Conscientemente, ele assumia a responsabilidade pelo bem-estar dos outros. Ele via a restauração de Jerusalém como uma operação de assistência social, não menos que

uma honraria a Deus; enquanto se ocupava da construção dos muros, reservou um momento de seu tempo, ao menos uma vez, para ajudar os pobres (Ne 5.1-13); além disso, renunciou permanentemente ao seu direito de ser sustentado por aqueles a quem governava (5.14-18).

Neemias inseriu algumas de suas orações em suas memórias, e isso tem gerado perplexidade. Uma delas é: "Lembra-te de mim para bem, ó meu Deus, e de tudo quanto fiz a este povo" (5.19, depois da prestação de contas de seu serviço social). Outras orações do tipo: "Lembra-te de mim" podem ser encontradas no capítulo 13, versículos 14, 22 e 31. O que se passa aqui? Teria Neemias a intenção de deixar um balanço de seus méritos no livro de Deus? Estaria pedindo para ser justificado por suas obras? De forma alguma. Ele refere-se ao que fez, simplesmente como um indício de sua integridade e sinceridade no ministério; uma prova de sua genuinidade como um servo dos servos de Deus. Noutras palavras, uma evidência de seu vívido compromisso pastoral, de que falamos anteriormente.

A terceira força que Neemias demonstrava era a sua *sabedoria prática*, a habilidade em traçar planos realísticos e conseguir que as coisas fossem feitas. Deste ponto de vista, as memórias de Neemias constituem um curso de habilidades administrativas. Desde que o vimos ser bem-sucedido em trocar a confortável vida que tinha como criado de alto nível (copeiro real) pela problemática função de governador de Judá, com os descontentes lamuriando-se o tempo todo enquanto ele procurava reconstruir e reorganizar Jerusalém, vemo-lo erguer-se para o desafio de cada situação com o discernimento de um verdadeiro perito. Assistimo-lo obtendo do rei um salvo-conduto e penhor para materiais de construção; organizando e supervisionando a edificação dos muros;

providenciando defesas para Jerusalém, enquanto se erguiam os muros; acalmando os descontentes e impedindo uma ameaça de greve dentro da força-tarefa; mantendo o moral até que o trabalho fosse completado; conduzindo negociações delicadas com amigos e antagonistas; e, finalmente, impondo e reimpondo regras não apreciadas sobre raça, serviço do Templo e observações sabáticas. Foram muitas as dores de cabeça que Neemias teve como homem do topo, e é admirável a santa versatilidade com que lidou com cada uma dessas coisas.

E as realizações de Neemias foram tão eminentes quanto os seus dons. Ele reconstruiu os muros arruinados de Jerusalém em cinquenta e dois dias, quando ninguém achava que ainda seriam reconstruídos; restaurou a adoração regular no Templo, a instrução regular da Lei de Deus, as observâncias sabáticas e a vida familiar piedosa. Ele foi o verdadeiro refundador da vida incorporada de Israel após o exílio, depois de cem anos de tentativas frustradas de restaurá-la. A meu ver, Neemias ocupa um lugar na história bíblica, por direito, com os maiores líderes do povo de Deus: Moisés, Davi e Paulo. Ele foi, verdadeiramente, um homem admirável.

Contudo, o próprio Neemias seria o primeiro a repreender-me, se eu deixasse o assunto por aí. Ele sabia, e insiste em seu livro, que o que ele realizou não foram meros feitos humanos, e seria um mal-entendido tratá-los como tal. As orações por ajuda, com que ele pontuou sua história, mostram onde ele acreditava repousar a sua força, e onde, diariamente, buscava suporte (Ne 1. 4-11; 2.4; 4.9; 6.9). Suas referências ao que "Deus me pôs no coração" (2.12; 7.5) revelam de onde ele sentia vir a sua visão e sabedoria. E a sua declaração "Acabou-

se, pois, o muro... em cinquenta e dois dias... os nossos inimigos... reconheceram que o *nosso Deus fizera esta obra*" (6.15,16, ênfase do autor) diz tudo. De fato, ele protesta: "Não me deem o crédito. O que é feito por agentes humanos como eu é feito por Deus, e Ele deve receber o louvor". Eu concordo, e espero que os meus leitores também. *Soli Deo Gloria!* (Somente a Deus seja a glória.)

O Deus de Neemias

O que faz de alguém um homem de Deus é, antes de tudo, a sua visão de Deus. Conheceremos melhor a Neemias se, a esta altura, dermos uma olhada em suas crenças sobre Deus, conforme reveladas em seu livro. Suponho, e agora me parece óbvio, que a unidade do livro seja produto da própria mente de Neemias. Já vimos que a sua essência é a memória pessoal desse homem de ação (capítulos 1 a 7, e 13), a qual foi acrescentado o que parece ser um registro oficial dos exercícios inaugurais da adoração na Jerusalém restaurada (capítulos 8 a 12). A lista dos construtores no capítulo 3, a lista do recenseamento no capítulo 7, a lista dos signatários no capítulo 10.1-27, e as listas dos residentes em Jerusalém e circunvizinhança, com sacerdotes e levitas, que encheram os capítulos 11.3—12.26, são o tipo de material que, hoje, seria posto em apêndices. Antigamente, porém, simplesmente se incorporavam todas as coisas em um texto. A suposição natural é que, como um estadista moderno que suspeita, ou espera, constar dos futuros livros de histórias, Neemias tenha devotado parte de sua aposentadoria a compor, numa só obra, seu testamento político e seu testemunho pessoal; e com esta finalidade, valeu-se do

diário que mantivera durante os seus anos de figura pública, mais as fontes oficiais, às quais um ex-governador de Judá tinha acesso direto.

Sob este ponto de vista, o livro de Esdras teria, naturalmente, sido escrito como um volume associado, ligando os feitos de Neemias aos acontecimentos que começam no final do exílio.

Seja como for — nada disso pode ser provado como certo — o livro de Neemias é uma unidade e, portanto, não estamos errados em prosseguir sobre a base de que, inserindo os capítulos 8 a 12 em seu texto, Neemias endossou, e fez seu, tudo o que eles declaram sobre Deus e seus caminhos, ainda que, originalmente, não os tenha rascunhado.

O que Neemias nos oferece de seu diário revela-nos, como observou o puritano Matthew Henry, não apenas o trabalho de suas mãos, mas ainda as obras de seu coração. Na verdade, o texto conta-nos mais sobre estas últimas. As obras do coração de Neemias em fé e oração, esperança e confiança, aceitação de um risco santificado e uma guerra espiritual contra o que podemos reconhecer como operação demoníaca, desmotivação e perturbações, expressam e refletem o seu conhecimento de Deus. E isso começou para ele, como para todos, com o conhecimento *sobre* Deus — o conhecimento conceitual, a que chamamos teologia. A teologia, significando as verdades sobre Deus na mente, não é o mesmo que um relacionamento com Deus, conforme demonstra a ortodoxia dos demônios (Tg 2.19). Sem a verdadeira teologia, embora possa haver um forte senso da realidade de Deus (como no hinduísmo, animismo e Nova Era), não é possível entrar no pacto pelo qual conhecemos que Deus é verdadeira e eternamente nosso. Então, se desejamos nos aproximar de Neemias

e, com ele, enriquecer o nosso relacionamento com Deus, devemos compreender a sua teologia.

Há alguns anos, ausentei-me, por duas noites, de uma conferência de teologia em Nova York que estava me aborrecendo demais. Numa das noites, fui ao Metropolitan Opera, apreciar *Tannhäuser*, de Wagner. Durante o primeiro intervalo, uma jovem senhora, sentada perto de mim, começou a conversar comigo sobre a produção, e, como fãs de ópera, tornamo-nos bastante animados. Pareceu-me que o seu marido, sentado do outro lado dela, não era alguém afeito a óperas e sentiu-se excluído. Percebi que ele estava me fitando, enquanto sua mão agarrava firmemente o joelho da esposa. Interpretei aquilo como um sinal de posse. De repente, ele arrebatou-a abruptamente, e foram sentar-se noutro lugar. Foi embaraçador. Talvez ele achasse que eu estivesse sendo atrevido. Talvez sua esposa houvesse iniciado conversas demais com outros homens, no passado. Ou, quem sabe, ele tenha sido arrastado à opera contra a sua vontade, e precisasse descarregar a raiva em alguém. Qualquer que tenha sido o caso, ele sentia que, naquele momento, a esposa estava mais próxima de mim do que dele, e não gostou disso. De certo modo, o que ele sentiu tinha razão de ser (este é ponto a que eu queria chegar), porque ela e eu conhecíamos alguma coisa de ópera, enquanto ele, sem esse conhecimento, não compreendia o que estávamos compartilhando, nem o partilhava conosco. Da mesma forma, a menos que conheçamos o que Neemias conhecia de Deus, não seremos capazes de compreender e partilhar a visão e a paixão que o impeliram durante os anos de seu ministério, e fizeram dele um exemplo de liderança tão brilhante.

Indagamos, pois: O que Neemias acreditava daquele a quem, mais de dez vezes, e seis vezes em oração transcrita, chamou de "meu Deus"? Até onde ia a fé que Neemias depositava em Deus? A resposta clara vem do próprio livro.

Em primeiro lugar, o Deus de Neemias é o Criador transcendente, o Deus "dos céus" (1.4,5; 2.4,20), autossustentador, Todo-Poderoso e eterno ("de eternidade em eternidade", 9.5). Ele é "grande" (8.6), "grande e terrível" (1.5; 4.14), "grande, poderoso e terrível" (9.32), e os anjos ("o exército dos céus") o adoram (9.6). Senhor da história, Deus de julgamento e misericórdia, "um Deus perdoador, clemente e misericordioso, tardio em irar-[se], e grande em beneficência" (9.17; veja Êx 34.6,7). Deus era para Neemias a mais sublime, permanente e penetrante de todas as realidades, bem como a mais humilhante, enaltecedora e dominante. A base sobre a qual Neemias empreendia grandes coisas para Deus e esperava dele coisas grandes era que, assim como o missionário William Carey, ele compreendera a grandeza do próprio Deus.

Em segundo lugar, o Deus de Neemias é Jeová, "o Senhor", o fiel Deus de Israel, o criador do pacto, o mantenedor da aliança, o cumpridor da promessa (9.8,32,33). A oração da qual nasceu o ministério de Neemias começa com estas palavras: "Ah! Senhor, Deus dos céus, Deus grande e terrível, *que guardas do concerto e a benignidade para com aqueles que te amam...*", e prossegue suplicando que Deus abençoe "teus servos e o *teu povo que resgataste* [do Egito, muito tempo atrás]" (1.5,10; conferir com 9.9-25, ênfase do autor). Os pronomes pessoais nas frases "*teu* povo", "*nosso* Deus" (4.4,20; 6.1,1; 10.32,34,36,37,38,39; 13.2,18,27), e "*meu* Deus" (2.8; 12.18; 5.19; 6.14; 7.5; 13.14,22,29,31) são confirmações do relacionamento pactual entre Deus e os israelitas como um fato esta-

belecido, e invocações dele como uma base para a confiança, a esperança e a obediência. A aliança de Deus, assim como a do casamento, era um acordo tanto de possessão como de autoentrega: Deus possuía Israel como o seu povo e dava-se a eles para os abençoar com suas dádivas e orientação, enquanto os israelitas possuíam Jeová como o seu Deus e declaravam-se dEle para honrá-lo com sua adoração e serviço. A piedosa dependência de Deus, que sustém Neemias através de sua carreira de líder, e que ele tão frequentemente verbaliza em seu livro, era uma expressão de sua fé no compromisso pactual de Deus para com ele e aqueles a quem liderava, assim como o demonstra a sua declaração, ao organizar as defesas de Israel: "O nosso Deus pelejará por nós!" (4.20). E a sua fé na fidelidade de Deus não foi desapontada. O Deus de Neemias revelou-se como um pactuante que nunca desaponta os seus servos.

Em terceiro lugar, o Deus de Neemias é um Deus cujas palavras de revelação são verdadeiras e fidedignas. Por meio das instruções do Espírito, entregues por intermédio de Moisés e os profetas, Deus dissera ao seu povo quem Ele era, o que desejava deles, como Ele reagiria, caso se rebelassem, e o que faria quando caíssem em si e se arrependessem da rebelião. "Lembra-te, pois", orava Neemias, "da palavra que ordenaste a Moisés, teu servo, dizendo: Vós transgredireis, e eu vos espalharei entre os povos. E vós vos convertereis a mim, e guardareis os meus mandamentos, e os fareis; então, ainda que os vossos rejeitados estejam no cabo do céu, de lá os ajuntarei e os trarei ao lugar que tenho escolhido para ali fazer habitar o meu nome" (1.8, aludindo a Lv 26, especialmente o v. 33; Dt 28.64; 30.1-10, especialmente o v. 4). Aqui, no início de seu livro, vemos Neemias negociando com Deus, com base

no fato de que Ele é o Deus que mantém sua palavra. Mais tarde, Esdras e Neemias (Ne 8.1-8) leem, pregam e ensinam a Lei de Deus, transformando o momento numa grande ocasião nacional, precisamente por causa do que Deus estabelecera nos livros de Moisés, mostrando que a sua vontade para Israel ainda estava em vigor. Por isso, era tão importante que a ignorância da Lei fosse banida, e os pecados cometidos por descuido com a Lei fossem confessados e renunciados, e então fosse feito um novo compromisso "de que guardariam e cumpririam todos os mandamentos do Senhor, nosso Senhor, e os seus juízos e os seus estatutos" (10.29; veja caps. 9 e 10). A Lei que Deus dera ao povo do concerto, para mostrar-lhes como agradá-lo, era para Neemias o padrão imutável de justiça, assim como as suas promessas eram a base imutável da esperança futura e da confiança presente. Desse modo, Neemias exemplifica-nos, em termos do Antigo Testamento, o que significa viver pela convicção expressada na conhecida canção cristã:

Confiar e obedecer;
Não há outro modo
de ser feliz em Jesus.
Então confie e obedeça.

Essas três convicções sobre Deus eram, certamente, qualidades essenciais em Neemias. Sem elas, ele nunca teria se importado o suficiente com a honra de Deus em Jerusalém, e orado para que a cidade fosse restaurada; tampouco teria buscado o penoso e assustador papel de líder dessa restauração, nem teria suportado o que suportou, em face da apatia e animosidade de seus liderados. Conquanto seja claro que, pelo temperamento, ele fosse imperioso até o

despotismo e inflexível até a obstinação, essas qualidades, sozinhas, nunca teriam produzido a paciência, a benevolência, o senso de responsabilidade e a libertação do cinismo defensivo que o marcaram do começo ao fim. A qualidade de Neemias que C. S. Lewis chamou de pertinácia na fé, o fator de continuação, traz em si algo sobrenatural, que só pode ser explicado do modo como o autor de Hebreus explica a perseverança de Moisés, ao desafiar o rei do Egito e conduzir os israelitas em sua peregrinação à nova terra: "Pela fé, deixou o Egito, não temendo a ira do rei; porque ficou firme, como vendo o invisível" (Hb 11.27). Somente aqueles que "veem" o grande, poderoso, gracioso e fiel Deus da aliança são capazes de suportar as pressões e agruras enfrentadas por Moisés e Neemias e, por isso mesmo, arriscar a vida. Esta visão suscita esperança, eleva o moral e sustém o compromisso, de um modo que vai além do entendimento do mundo e daqueles que, embora na igreja, têm uma curta visão de Deus.

Calcula-se que os vários lapsos do século XX em barbarismos político, tribal e sociológico produziram mais martírios do que aqueles vistos por qualquer um dos séculos anteriores, mesmo o segundo e o terceiro, durante os quais o cristianismo era uma religião proibida, e as perseguições oficiais rompiam uma atrás da outra. E é fato conhecido que aqueles que desistiram de suas vidas, em vez de desistir da fé, vieram desses círculos cristãos, onde a visão bíblica do Deus vivo havia sido ensinada e preservada.

Durante quase dois séculos, as formas de camaleão intelectual chamadas liberalismo, ou modernidade, dominaram as principais igrejas do Ocidente. A raiz mestra do liberalismo modernista é a ideia, advinda do chamado *Iluminismo*, de

que o mundo tem a sabedoria, e os cristãos devem sempre assimilar e ajustar-se ao que o mundo estiver ditando sobre a vida humana. O *deísmo*, que bane totalmente a Deus do mundo das ocorrências humanas, e a visão atual chamada *panteísmo* ou *monismo*, que o aprisiona universalmente, mas de modo impotente, são os dois pólos entre os quais tem oscilado o pensamento liberal sobre Deus. Entretanto, nenhum desses conceitos de Deus é, ou pode ser, trinitário; nem há espaço para qualquer crença na encarnação, na redenção objetiva, no túmulo vazio ou no soberano senhorio cósmico do Cristo vivo; e tampouco se coaduna com a afirmação de que o ensinamento bíblico é a verdade divinamente revelada. Não é de se admirar, portanto, que o liberalismo não produza mártires nem desafiadores do *status quo* secular, mas oportunistas, pessoas que estão sempre encontrando razões para seguir o consenso cultural do momento, quer seja aborto, permissividade sexual, identidade básica de todas as religiões, impropriedade do evangelismo e da obra missionária, quer qualquer outra coisa.

No último século, quando as ideias de progresso estavam no ar e era possível acreditar que todos os dias e de todas as maneiras o mundo melhorava cada vez mais, o liberalismo, que se apresentava como um cristianismo progressivo, pode ter parecido correto. Em nossos dias, contudo, cabeças pensantes estão certas de que ele é errado. Hoje, depois de todos os horrores vistos por nossa era, a ideia de que o mundo é o repositório da sabedoria não parece mais que uma piada de mau gosto. E a visão que considera o cristianismo de nossos pais — o cristianismo que produziu Agostinho, Lutero, Whitefield, Wesley, Spurgeon, Lloyd-Jones e Billy Graham — como uma mi-

xórdia de crendices obsoletas, na qual podemos melhorar, é exatamente o que parece: um contrassenso. A única espécie de cristianismo que pode, razoavelmente, reivindicar atenção para o futuro é o cristianismo embasado na Bíblia, que define Deus em termos bíblicos e oferece, não afirmação, mas a transformação de nossas vidas desordenadas.

Um indício de esperança em meio à vasta confusão que caracteriza a igreja moderna é que, cada vez mais, aqueles que se professam cristãos estão recebendo a Bíblia como a Palavra de Deus e aceitando, com grande seriedade, o Deus encontrado em suas páginas, exatamente como fizeram os reformadores, os puritanos e os evangélicos avivados do século XVIII. É como se, em qualquer época da história, o Espírito Santo promovesse um reavivamento. Foi assim nos dias de Neemias, como veremos, e ainda hoje a vida espiritual recomeça, sempre que almas famintas se voltam, ou retornam, à Bíblia e o seu Deus. Afinal, Deus não nos abandonou.

A Piedade de Neemias

Pessoas que vivem próximas de Deus são mais conscientes dEle que de si mesmas; e se as chamamos de piedosas, elas geralmente sorriem, meneiam a cabeça, e dizem como gostariam que isso fosse verdade. O que elas conhecem de si tem mais a ver com fraquezas e pecados que com qualquer realização espiritual real ou imaginária. Elas relutam em falar de si próprias, a não ser como instrumentos nas mãos de Deus; servos, cuja história é digna de menção apenas por fazer parte da suprema história de como Deus exalta a si mesmo neste mundo que lhe nega a honra.

Neemias parece ter sido dessa espécie de santo, e são raros os vislumbres que ele nos permite de sua vida íntima. Ele era naturalmente extrovertido, tanto quando Jeremias era introvertido. De qualquer modo, era o tipo de extroversão que atraía o foco para assuntos que não fossem ele mesmo.

Três coisas, pelo menos, podem ser especificadas sobre a vida espiritual de Neemias, e cada uma delas é um exemplo vívido aos cristãos.

Primeira, a caminhada de Neemias com Deus era *saturada de oração*, e oração das mais puras e verdadeiras, a saber, o tipo de oração que busca sempre: clarear a própria visão de *quem* e do *que* é Deus; celebrar a sua realidade em constante adoração; e repensar, em sua presença, as necessidades e rogos a Ele trazidos, a fim de que as suas declarações tornem-se uma especificação de "santificado seja o teu nome... seja feita a tua vontade... porque teu é o reino, o poder e a glória". Conforme começamos a ver anteriormente, Neemias pontua a sua história com orações ao "meu Deus", que é "nosso Deus". Ele inicia o livro com a transcrição completa de uma súplica pelo povo da aliança (1.5-11), finaliza-o com quatro petições "lembra-te de mim", das quais a última é efetivamente a sua assinatura (13.14,22,29,31), e, no curso da narrativa, sai um pouco do rumo para registrar várias outras orações. (Teria ele escrito essas orações no momento em que as dirigiu a Deus? Parece que sim, e muita gente que ora tem achado proveito em fazer o mesmo.) É evidente que, como escritor, ele entendia e desejava que os leitores compreendessem que somente um empreendimento iniciado em oração, e banhado em súplica do início ao fim, pode ser abençoado como foi a reconstrução dos muros de Jerusalém. E assim ele selecionou e arranjou

o seu material, de modo a projetar essa verdade sem ter de explicá-la em palavras. Ele conta-nos de suas orações a fim de ensinar-nos, com o próprio exemplo, que a oração muda as coisas, e sem oração nada prospera. Evidentemente, Neemias aprendera isso nos anos anteriores ao início de seu livro; então, quando chegaram as más notícias de Jerusalém, ele soube que a sua primeira tarefa era, como canta o antigo hino, "levar tudo a Deus em oração".

A vida pública de Neemias era uma efusão, bem como uma revelação, de sua vida pessoal; e a sua vida pessoal, conforme mostra a sua narrativa, era embebida e moldada em petições, nas quais a devoção a Deus, a dependência dEle, e o desejo de glorificá-lo encontravam igual expressão. Neste aspecto, ele é diante nós um modelo vívido. "Orai sem cessar"; "Orando em todo tempo com toda oração e súplica no Espírito", admoesta Paulo (1 Ts 5.17; Ef 6.18). Jesus contou aos discípulos a parábola do juiz injusto para ensinar-lhes o "dever de orar sempre e nunca desfalecer" (Lc 18.1). A vida de Neemias aponta à mesma lição. Conversas particulares e constantes com Deus, pedindo e adorando, são tanto uma expressão natural de um coração regenerado como uma disciplina indispensável a um líder espiritual. E o exemplo de Neemias, neste ponto, deve estar gravado indelevelmente em nossas almas.

Segunda, a caminhada de Neemias com Deus envolvia *solidariedade com o seu povo* — os judeus, o povo de Deus — em seus pecados e necessidades. Ele era um homem de grandes talentos e personalidade marcante, ganhando o seu sustento como oficial persa, primeiro como copeiro real, depois como governador da província. Isto o colocava, aparentemente, a distância dos outros judeus e, com o passar dos anos, poderia

ter-lhe esfriado o entusiasmo pelo bem-estar israelita. No entanto, o seu compromisso com a reconstrução de Jerusalém, tanto material quanto espiritual, nunca enfraqueceu. O seu zelo por essa causa transparece em todo o livro, e é patente desde as primeiras sentenças. Os viajantes vindos de Jerusalém chegaram, e Neemias perguntou-lhes como ia a cidade (1.1,2). Eles contaram-lhe que os muros achavam-se fendidos, as portas, queimadas até o chão, e a comunidade, em "grande miséria e desprezo".

Ao ouvir aquilo, Neemias passou a despender suas horas de folga, durante vários dias, em lamento, jejum, choro e oração, esperando, aparentemente, que Deus lhe mostrasse as coisas pelas quais deveria orar de modo específico — um passo constantemente necessário na prática da intercessão (1.3,4). Então, com a mente clara e a petição formada e em foco, apresentou a Deus o rogo que o Espírito Santo o ajudara a compor (1.5-11). E nesta súplica, a sua expressão de solidariedade com os judeus é ilimitada e absoluta. "Faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, que pecamos contra ti; também eu e a casa de meu pai pecamos. De todo nos corrompemos contra ti e não guardamos os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos que ordenaste a Moisés, teu servo" (1.6,7). Ele foi solidário (*nós*, não apenas *eles*) porque sabia que era assim que Deus via as coisas; então, admitiu participação na vergonha do povo, agora sob julgamento. Nisto também ele foi um modelo para nós.

A solidariedade como um envolvimento comum, de acordo com as Escrituras — a solidariedade da família, da nação e da igreja — é algo que hoje não compreendemos bem. A cultura ocidental ensina-nos a sermos indivíduos isolados e a escusar-nos de ser solidários com qualquer grupo, especialmente quando a solidariedade traria má reputação.

John White ilustra esta nossa atitude com uma história singular.

> Quando eu estudava medicina, perdi, certa vez, uma aula prática sobre doenças venéreas. Por isso, tive de ir sozinho a uma clínica de doenças venéreas, à noite, num horário em que os alunos não costumavam frequentar. Ao entrar no edifício, fui recebido por um enfermeiro que eu não conhecia. Uma fila de homens esperava por tratamento.
> — Quero falar com o médico — pedi.
> — É o que todos querem — replicou ele. — Entre na fila.
> — Você não entendeu — protestei. — Sou aluno de medicina.
> — Não importa — insistiu ele. — Terá de fazer o que todos fazem. Entre na fila.
> Afinal, consegui explicar-lhe por que eu estava lá, mas ainda posso experimentar o sentimento de vergonha que me fez recusar ficar na fila com homens que tinham doenças venéreas.[3]

Neemias, porém, sabia como Deus enxergava os judeus — a semente de Abraão — como uma família, com uma responsabilidade e um destino comuns, e, sem hesitar, identificou-se com eles na culpa que os pusera sob julgamento. Jesus portou-se de modo semelhante quando, como Salvador, ficou na fila com pecadores, a fim de submeter-se ao batismo de João para arrependimento. O mesmo devemos fazer na igreja. Todos tivemos uma participação maior do que pensamos nas deficiências e infidelidades da igreja; por isso, não devemos nos sentir escusados de confessar a nossa participação em suas falhas. Também não devemos virar as costas à igreja, com impaciência, como fazem os chamados obreiros "paraigrejas", mas orar e trabalhar para a sua renovação, mantendo isso como o foco

principal de nosso interesse, o tempo todo. Esta é a maior lição a ser aprendida de nosso encontro com Neemias.

Terceira, a caminhada de Neemias com Deus trouxe *sobriedade às suas habilidades*. Esta é uma característica peculiar, que exprime humildade e maturidade perante Deus. Ser humilde não se trata de simular ser indigno, mas uma forma de realismo, não apenas no que se refere à maldade e aos pecados de alguém, à sua estupidez e profunda necessidade da graça de Deus, mas também quanto à real dimensão de suas habilidades. Os crentes humildes sabem o que são, e o que não são, capazes de fazer. Eles têm noção tanto de seus dons quanto de suas limitações, e assim são capazes de evitar a infidelidade de deixar enterrados os talentos recebidos de Deus, bem como a temeridade de abocanhar uma porção maior do que a que pode mastigar. Neemias possuía dons de liderança e administração, que usava até o limite. Sua praticidade visionária era um dom maravilhoso, que produzia resultados extraordinários. A forma como ele motivou e dirigiu a construção dos muros de Jerusalém, a repopularização da cidade e a reorganização dos suprimentos do Templo foi de uma magnitude imensurável. Não obstante, quando chegou a hora de ensinar a lei e de ter o primeiro gesto público de renovada obediência a Deus, Neemias ficou atrás e passou a Esdras e aos levitas o papel da liderança, intervindo apenas num momento de confusão geral, para instar com o povo que celebrasse em vez de chorar (8.9,10), e limitou-se a organizar as procissões na dedicação dos muros (12.31,38,40). Ele tinha consciência de não ser chamado ou qualificado a pregar e ensinar, e não fez qualquer tentativa de usurpar essas

funções. Nisto, mostrou-se humilde e maduro, e revelou um realismo quanto aos talentos e responsabilidades, que faríamos bem em imitar.

Eis aqui, então, três lições fundamentais para aprendermos do serviço que Neemias prestava a Deus, antes de prosseguirmos com o estudo das formas de seu serviço.

2

Chamado para Servir

As palavras de Neemias, filho de Hacalias. E sucedeu no mês de quisleu, no ano vigésimo, estando eu em Susã, a fortaleza, que veio Hanani, um de meus irmãos, ele e alguns de Judá; e perguntei-lhes pelos judeus que escaparam e que restaram do cativeiro e acerca de Jerusalém. E disseram-me: Os restantes, que não foram levados para o cativeiro, lá na província estão em grande miséria e desprezo, e o muro de Jerusalém, fendido, e as suas portas, queimadas a fogo. E sucedeu que, ouvindo eu essas palavras, assentei-me, e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus. E disse:

Ah! Senhor, Deus dos céus, Deus grande e terrível, que guardas o concerto e a benignidade para com aqueles que te amam e guardam os teus mandamentos! Estejam, pois, atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos, para ouvires a oração do teu servo, que eu hoje faço perante ti, de dia e de noite, pelos filhos de Israel, teus servos; e faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, que pecamos contra ti; também eu e a casa de meu pai pecamos. De todo nos corrompemos contra ti e não guardamos os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos que ordenaste a Moisés, teu servo. Lembra-

> *te, pois, da palavra que ordenaste a Moisés, teu servo, dizendo: Vós transgredireis, e eu vos espalharei entre os povos. E vós vos convertereis a mim, e guardareis os meus mandamentos, e os fareis; então, ainda que os vossos rejeitados estejam no cabo do céu, de lá os ajuntarei e os trarei ao lugar que tenho escolhido para ali fazer habitar o meu nome. Estes ainda são teus servos e o teu povo que resgataste com a tua grande força e com a tua forte mão. Ah! Senhor, estejam, pois, atentos os teus ouvidos à oração do teu servo e à oração dos teus servos que desejam temer o teu nome; e faze prosperar hoje o teu servo e dá-lhe graça perante este homem.*

Então, era eu copeiro do rei. Sucedeu, pois, no mês de nisã, no ano vigésimo do rei Artaxerxes, que estava posto vinho diante dele, e eu tomei o vinho e o dei ao rei; porém nunca, antes, estivera triste diante dele. E o rei me disse: Por que está triste o teu rosto, pois não estás doente? Não é isso senão tristeza de coração. Então, temi muito em grande maneira e disse ao rei: Viva o rei para sempre! Como não estaria triste o meu rosto, estando a cidade, o lugar dos sepulcros de meus pais, assolada, e tendo sido consumidas as suas portas a fogo? E o rei me disse: Que me pedes agora? Então, orei ao Deus dos céus e disse ao rei: Se é do agrado do rei, e se o teu servo é aceito em tua presença, peço-te que me envies a Judá, à cidade dos sepulcros de meus pais, para que eu a edifique. Então, o rei me disse, estando a rainha assentada junto a ele: Quanto durará a tua viagem, e quando voltarás? E aprouve ao rei enviar-me, apontando-lhe eu um certo tempo. Disse mais ao rei: Se ao rei parece bem, deem-se-me cartas para os governadores dalém do rio, para que me deem passagem até que chegue a Judá; como também uma carta para Asafe, guarda do jardim do

> rei, para que me dê madeira para cobrir as portas do paço da casa, e para o muro da cidade, e para a casa em que eu houver de entrar. E o rei mas deu, segundo a boa mão de Deus sobre mim.
>
> (Neemias 1.1—2.8)

Agora aproximamo-nos da história de Neemias, de como Deus o levou a ser o reconstrutor de Jerusalém. Este é um exemplo clássico de como Deus dirige os seus servos, hoje como ontem, nas tarefas ministeriais que tem em mente para eles. Já vimos, no começo do livro, que alguns aspectos na disposição das coisas no Novo Testamento fazem contraste aos do Antigo. Aqui, porém, há apenas continuidade. O modo corrente de Deus nos conscientizar dos papeis que deseja que desempenhemos em seu Reino é, essencialmente, o mesmo visto nessa narrativa de Neemias. É apropriado, portanto, apresentarmos a história na moldura cristã, onde devemos encaixá-la, ao lê-la em nossos dias.

Um Duplo Chamado

O Novo Testamento ensina que todo cristão tem um duplo chamado. Primeiro, Deus chama cada um de nós, individualmente, para crer e servir. O primeiro chamado recebe esse nome por tratar-se do convite do evangelho, que nos convoca a volver do pecado para Cristo e à vida eterna. Ele é, verdadeiramente, uma obra de poder, por meio da qual, Deus nos traz à fé pela ação do Espírito Santo, que nos ilumina pelo evangelho e move-nos a uma resposta. O capítulo X da Confissão de Westminster, intitulado "Do Chamado Eficaz", enfoca esta ação divina de modo bem compreensível:

> Todos aqueles a quem Deus predestinou para a vida... Ele se agrada... eficazmente, chamar por sua Palavra e seu Espírito, tirando-os, por Jesus Cristo, daquele estado de pecado e morte em que se acham por natureza, e transpondo-os para a graça e salvação. Ele faz isso iluminando-lhes o entendimento espiritual, a fim de que compreendam as coisas de Deus para a salvação; tirando-lhes o coração de pedra e dando-lhes coração de carne; renovando-lhes a vontade e determinando-a, pela sua onipotência, àquilo que é bom; e atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo, mas de maneira que vêm mui livremente, sendo para isto dispostos pela sua graça.[1]

Ao dirigir-se aos cristãos romanos como aqueles "chamados para serdes de Jesus Cristo... chamados santos" (Rm 1.6,7 cf. 8.28; 1 Co 1.2), é a esta ação divina que Paulo se refere, e ele usa regularmente o verbo "chamar", significando "trazer à fé" (veja Rm 8.30; 1 Co 1.9,26; 7.20,24; Gl 1.6,15; Ef 4.4; 1 Ts 2.12; 2 Tm 1.9; Hb 9.15; 1 Pe 2.9; 2 Pe 1.10). Em sua adoração pessoal a Deus, confissão de pecado, confiança nas promessas divinas, obediência à Palavra e busca da glória de Deus, Neemias oferece-nos um modelo impressionante do que significa ser "chamado" por Deus desse primeiro modo. Ele é um homem que vive para Deus; não resta a menor dúvida quanto a isso.

O segundo chamado é uma convocação a um serviço. Paulo está falando disso quando se apresenta aos crentes romanos como "Paulo... chamado para apóstolo" (Rm 1.1; cf 1 Co 1.1). Noutras passagens, ele enfatiza que todo cristão é dotado e chamado para alguma forma de trabalho (Rm 12.4-6; 1 Co 12.7-11; Ef 4.7-16). Eis uma linha de ensinamento que se tornou bastante familiar recentemente: todos os crentes acham-se no ministério cristão, no sentido de serem chamados a descobrir e cumprir o papel para o qual Deus os equipou. Os dons

são dados para serem usados, e a capacidade para ministrar de um modo específico constitui uma chamada *prima facie* para esse ministério em particular. Foi assim com Neemias, conforme veremos.

Mas como alguém descobre a sua tarefa ministerial depois de haver conhecido o Senhor? Como Deus nos guia à função específica para a qual nos dotou? Quatro fatores costumam vir juntos neste processo.

Primeiro, há o *fator bíblico*. Este é, num sentido mais amplo, direcional. Coloca perante nós metas, orientações e escala de valores, que nos modelam a vida. A Bíblia nos diz, em termos gerais, o que é e o que não é digno; que espécie de ações Deus encoraja, e quais Ele proíbe; e quais são as coisas que precisam ser feitas para atender às necessidades dos santos e dos pecadores. De fato, ela nos diz: é dentro desses limites, perseguindo essas metas, em observância a essas prioridades, que você descobrirá o seu ministério. O fator bíblico é básico, no sentido de que Deus nunca nos guia à violação de qualquer limite espiritual, e se acharmos que estamos sendo levados a isso, precisamos de alguém com uma Bíblia para dizer-nos que estamos enganados.

Em segundo lugar, vem o fator *pneumático*. Refiro-me aos desejos, dados por Deus, de um coração espiritualmente renovado, somados a qualquer toque particular que o Espírito Santo possa nos dar, ou qualquer peso de responsabilidade que Ele possa impor acima desses desejos em geral. Vemos todos esses elementos na história de Neemias: o desejo da glória de Deus em toda a Jerusalém, que o levou a perguntar como iam as coisas na cidade (1.2), o peso e a inquietação que o levaram a chorar, jejuar e orar por sua restauração (1.4-11), e "o que o meu Deus me pôs no coração para fazer em Jerusalém" (2.12). Noutras palavras, o toque do Espírito Santo.

Chegamos a uma área onde é fácil enganarmo-nos e cometermos erros, e seria errado culpar, por isso, ao Espírito Santo. Os cristãos divergem, nesta e nas épocas passadas, sobre o quanto, ou o quão pouco, experimentaram desses toques do Espírito (e nenhuma razão segura pode ser dada para esta variação, a não ser a soberania de Deus); também seria perversidade daqueles que o experimentam mais tratar como não espirituais aqueles que o experimentam menos; como seria incorreto da parte desses últimos considerarem autoenganados aqueles que afirmam receber mais dessas comunicações do Espírito Santo. Um exemplo clássico do toque do Espírito acha-se na segunda viagem missionária de Paulo, quando os apóstolos "foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia. E, quando chegaram a Mísia, intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu. E, tendo passado por Mísia, desceram a Trôade" (At 16.6-8). Então veio a visão de Paulo, onde a Macedônia pedia ajuda, e o plano de Deus aclarou-se: "E, logo depois desta visão, procuramos partir para a Macedônia, concluindo que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o evangelho" (v.10). É possível que nem sempre sejamos guiados por esta espécie de toque interior — poucos de nós o são; mas desencorajar os cristãos a estarem abertos a ele seria extinguir o Espírito.

Em terceiro lugar está o fator *corpo*: isto é, a disciplina de submeter tal orientação ao ministério, quando acreditarmos havê-la recebido, para uma avaliação dos companheiros cristãos, isto é, do corpo de Cristo em sua manifestação local. A razão para isto é que não podemos confiar em nosso julgamento próprio quanto a sermos capazes para o papel ministerial que nos atrai; por vezes, a nossa autoavaliação tem-se provado inexata. Conforme veremos, há em nossa história

um grande indício de que Neemias foi cuidadoso em consultar os outros, quando a ideia de que ele seria o homem para reconstruir Jerusalém surgiu em sua mente.

Na faculdade teológica onde eu lecionava, na Inglaterra, antes de me mudar para o Canadá, cabia-me entrevistar vários homens que acreditavam serem chamados ao pastorado. Uma das coisas que eu fazia nessas entrevistas era procurar avaliar se a convicção deles combinava com o seu temperamento, seu caráter moral e os talentos exigidos pelo serviço. Eu não era a única pessoa atenta a essa avaliação; outros membros da faculdade entrevistavam-nos igualmente, e reuníamo-nos depois. Além disso, a denominação a que servíamos requeria deles um certificado de seu potencial ministerial, dado por seus pastores, e uma conferência de seleção, onde eram, novamente, avaliados por um quadro representativo de seletores. Tudo isso era uma implementação do fator corpo na tomada de decisão vocacional. O julgamento próprio deve ser verificado e julgado pelos outros. Quando Deus chama, também equipa. Se falta o equipamento e o potencial para cumprir a missão simplesmente não existe, o que o candidato tem em mente não é a chamada de Deus, mas outra coisa qualquer. E é dentro do corpo que se discerne a verdadeira vocação de cada um.

Também pode funcionar de outra forma. Pessoas adequadas ao pastorado, ou qualquer outro ministério, podem não compreender isso, e faz-se necessário alguém dizer-lhes que, uma vez que foram tão obviamente enriquecidas por Deus com um dom em particular, ou vários deles, devem abrir-se à certeza de que Ele tem um ministério para elas, que combina com os seus talentos, e permitir que outros, dentro do corpo — pastores ou membros — apontem-lhes qual seja o ministério. Isso também é vida genuína do corpo, em relação à chamada divina para servir.

O quarto fator é o da *oportunidade*. Se o Deus da providência está convocando alguém para um ministério específico, Ele governará a situação dessa pessoa, de modo que ela será capaz de entrar nesse ministério. Se as portas se fecham e as circunstâncias tornam impossível a mudança, a conclusão é que, embora Deus tenha de fato um ministério para a pessoa, não é o que se pensou originalmente. Conforme veremos, a confirmação final de que Deus queria Neemias em Jerusalém, organizando a reconstrução, veio na maneira totalmente imprevisível com que lhe foi dada a oportunidade de ir.

Uma Chamada Clara

Examinemos diretamente a história da vocação de Neemias. Contra o pano de fundo que acabamos de desenrolar, quero destacar cinco itens significativos, que se associaram para conduzir Neemias de seu trabalho rotineiro no palácio ao risco de ser governador, construtor, levantador do moral e guia espiritual de Jerusalém — um papel mortal, em que ele dificilmente teria se mantido, se não fosse sustentado pelo forte senso de que Deus o enviara a desempenhá-lo e o estava apoiando enquanto o fazia.

A consagração ao serviço de Deus é o primeiro item. É aí, como se costuma dizer, que a história realmente começa. Neemias identifica-se, em oração, como "servo" de Deus (1.6,11), e o dever de um servo fiel é indagar constantemente, como fez Paulo na estrada de Damasco: "O que devo fazer, Senhor?" (At 22.10). Neemias era alguém que conhecia e amava ao seu Senhor, e entregava-se totalmente ao seu serviço. Essa era a sua consagração — e também, seja dito, o seu arrependimento; pois ambas as coisas são uma. Arrependimento é mudança da mente resultando em mudança de vida.

Assim como o ateísmo prático — que desconsidera a Deus — é natural aos seres humanos caídos, a piedade é encontrada no arrependimento, desde o princípio. Arrependimento significa virar a face e marchar rapidamente na direção oposta àquela que vínhamos seguindo. A direção original era o caminho do interesse próprio, no sentido de tratar-se como Deus e gratificar-se como tal. O novo rumo é dizer adeus a tudo isso e abraçar o serviço do Deus Único.

Portanto, consagração é arrependimento renovado e sustentado, assim como arrependimento é consagração iniciada. E aí está o segredo da sensibilidade ao chamado divino. A íntima convocação de Paulo à consagração e à transformação, em Romanos 12.1,2, leva-nos ao ponto, não tão familiar, de que este é o caminho para se discernir a vontade de Deus, que, de outra forma, não notaríamos. "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus... Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que *experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*" (ênfase do autor).

Precisamos enfrentar o fato de que cristãos impenitentes e não consagrados estarão fora do alcance da chamada de Deus ao serviço, tanto quanto já se acham fora de linha, sem disso ter consciência, no que diz respeito aos imperativos do viver cristão. Apatia e lentidão em obedecer trazem surdez, que impossibilita ouvir o chamado de Deus a um serviço especial. Neemias, porém, um servo de Deus penitente e consagrado, conforme mostra a sua oração (1.5-11), era sensível à aproximação de Deus e pronto a receber orientação específica. Quando as más notícias o golpearam e o puseram em oração, ele logo se achou conjecturando qual seria o chamado vocacional de Deus para si. As almas fiéis são rápidas

em compreender esses assuntos. A saga das realizações de Neemias começa aqui.

A informação sobre as necessidades do povo, já mencionadas, foi o segundo item. As más notícias chegaram de Jerusalém: muros derrubados, portões queimados, ânimos abalados (1.3). Neemias indagara ansiosamente sobre o estado das coisas em Jerusalém (1.2), porque se preocupava muito com a glória de Deus e o bem-estar dos que lá viviam. Soube, então, que os judeus de Jerusalém achavam-se desesperadamente necessitados. Se não me engano, foi Oswald Chambers quem declarou que a necessidade não é a chamada, mas a ocasião para ela; e esta foi uma sábia declaração. Há mais necessidades na igreja e no mudo do que tempo e energia de nossa parte para supri-las, e ninguém é solicitado a mitigá-las todas. Não obstante, a vocação divina ao serviço será um chamado a aliviar algumas das necessidades humanas, e o senso do que podemos e devemos fazer para servir a Deus tão somente cristalizará em nosso coração o conhecimento do que são essas necessidades. Portanto, devemos explorar as carências à nossa volta, coletar informações sobre elas e guardá-las no coração se desejamos ser guiados a um ministério particular, que Deus tem em mente para nós. Cristãos absortos e satisfeitos consigo mesmos não têm probabilidades de serem guiados desse modo. Mas o grande coração de Neemias, pesado de preocupações por Jerusalém, oferece-nos um exemplo diferente.

A preocupação com a causa de Deus foi o terceiro item. "Ouvindo eu essas palavras", conta-nos ele, "assentei-me, e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus" (1.4). Por quê? Não apenas pelas necessidades humanas em Jerusalém, mas também, e

principalmente, penso eu, porque Deus estava sendo desonrado, enquanto Jerusalém permanecesse devastada. Jerusalém era a "cidade santa" (11.8), o centro de adoração escolhido por Deus como habitação do seu nome (1.9) — isto é, o lugar designado como aquele onde a sua presença seria experimentada em amor e misericórdia por todos os que o buscassem. Moisés profetizara a existência de tal lugar (Dt 12,4-28), e o próprio Deus proclamara em suas palavras a Salomão, na dedicação do templo em Jerusalém, que ali seria, de fato, esse local (2 Cr 7.12-16). Por haverem compreendido isso, os salmistas expressavam tanto entusiasmo ante a perspectiva de ir para o Templo. Um deles declarou: "Vale mais um dia nos teus átrios do que, em outra parte, mil" (Sl 84.10). E: "A minha alma está anelante e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo" (v.2). Contudo, nada disso seria realidade enquanto Jerusalém estivesse em ruínas, e o serviço do Templo, inevitavelmente interrompido. Neemias identifica-se com a busca da glória e do louvor de Deus, e isto o move ao lamento, ao jejum e à súplica (um sinal de empatia na angústia e de seriedade na oração). Vemos aqui o que chamo de fatores bíblico e pneumático na orientação divina — a saber, a compreensão que Neemias teve da vontade revelada de Deus, com respeito a Jerusalém, e o seu profundo desejo de promover a glória de Deus, se o Senhor lhe permitisse fazê-lo.

A oração de Neemias, com a sua solene invocação de Deus em sua majestade, sua franca admissão dos pecados do povo, seu apelo ao pacto da promessa de restauração do penitente e o seu rogo veemente para que Deus agisse como Redentor é uma das maiores orações da Bíblia, e poderia

ser longa e detalhadamente estudada. Neste momento, no entanto, quero apenas chamar a atenção para o que parece estar por trás dela. No versículo 11 lemos: "Ah! Senhor, estejam, pois, atentos os teus ouvidos à oração do teu servo e à oração dos teus servos que desejam temer o teu nome; e faze prosperar hoje o teu servo e dá-lhe graça perante este homem [o rei]". Quem são estes "servos que desejam temer o teu nome"? Certamente eram amigos e camaradas piedosos, com quem Neemias partilhava suas preocupações, e que se uniram a ele em sua intensa vigília de oração, enquanto ele rogava a Deus que agisse. E o que significa o pedido "dá-lhe graça perante este homem"? Não sabemos se a ideia de que Neemias era o homem para a tarefa em Jerusalém introduziu-se-lhe na mente por seu próprio desejo de ser capaz de fazer algo que exaltasse a Deus, e ele então testou a opinião de seus amigos, ou se os mesmos amigos tiveram a ideia primeiro, e incutiram-na em Neemias como algo pelo qual eles concordariam em orar. Tudo o que sabemos é que o pedido para ele ser enviado a Jerusalém tornou-se parte do pacote de oração que elevavam juntos, e que Neemias apresentava a Deus pessoalmente, oferecendo-se para a tarefa de reconstruir a cidade, se Deus, para este propósito, lhe abrisse as portas para deixar Susã, a capital persa. O interesse pela causa de Deus, partilhado por todos, levara o grupo de oração a fazer esta súplica específica, e agora eles estavam esperando em Deus para ver o que Ele faria. Esse foi o fator corpo, como o chamamos, na experiência de Neemias quanto à orientação vocacional de Deus.

Continuidade na oração foi o quarto item, e este foi, e ainda é, o mais importante deles. Por quanto tempo Neemias não orou "Faze prosperar hoje o teu servo e dá-lhe graça pe-

rante este homem"? Ele no-lo revela pelas datas que registrou. Em Neemias 1.1 lemos que as más notícias de Jerusalém chegaram no mês de quisleu, e em 2.1 ele relata que sua oração foi respondida no mês de nisã. De quisleu (novembro-dezembro) a nisã (março-abril) há mais de cem dias; mais de três meses, talvez mais de quatro. Ao menos durante três meses, portanto, Neemias e seus amigos esperaram em Deus, pedindo-lhe a cada dia que agisse *hoje*, e nada aconteceu — nada, pelo menos, do que estavam esperando ver. Contudo, alguma coisa estava acontecendo: Deus estava testando-lhes a fé, e eles estavam sendo aprovados, conforme veriam, e com méritos!

Precisamos entender que o que eles estavam pedindo era, humanamente falando, tão improvável quanto virtualmente impossível. Para Neemias, o copeiro real, ser liberado do trabalho e despachado a Jerusalém com a missão de reconstruir a cidade seria um prodígio sem precedentes. Embora Neemias fosse um homem de confiança, e alguém de quem o rei gostava, não passava, na realidade, de um escravo de alta classe, um estrangeiro recrutado para o serviço do palácio e cujos préstimos eram necessários diariamente. Era da responsabilidade do copeiro provar, antes, o vinho que o rei tomaria no banquete da noite, para verificar se fora envenenado. Se contivesse veneno, o copeiro apresentaria sinais de envenenamento antes de iniciado o banquete, e o rei, assim advertido, abster-se-ia e viveria. (Agora conhecemos a razão de escravos estrangeiros serem recrutados como copeiros: era um emprego de alto risco.) Então, o copeiro real era um homem-chave, e este era exatamente o problema. Escravos não tinham feriado e, cada noite do ano, Neemias se fazia necessário no palácio. Não havia possibilidade de ele ser liberado para ir a Jerusalém.

Contudo, o grupo de oração estava seguro de que aquela era a súplica certa a fazer. E o próprio Neemias, sem dúvida o líder do grupo, tornou-a particularmente sua. Além disso, presume-se que havia a nítida consciência de que Neemias era a única pessoa que parecia à altura da missão. E mais: havia no coração de Neemias um desejo que, decerto, fora posto por Deus. Então, todos oraram firmemente, nesses termos, por três meses. Escreveu Isaías: "Ó vós que fazeis menção do Senhor, não haja silêncio em vós, nem estejais em silêncio, até que confirme e até que ponha a Jerusalém por louvor na terra" (Is 62.6,7). Aqueles fiéis estavam fazendo exatamente isso.

A história recorda-nos que, mesmo quando o povo de Deus faz a oração certa, movidos pela preocupação que o próprio Deus lhes pôs no coração, Ele ainda pode deixá-los aguardando, porque o tempo determinado por Ele para a resposta não é tão breve quanto se esperava. A persistência na oração, provando a seriedade do nosso propósito enquanto mantemos o nosso pedido ante o trono, dia após dia, é uma lição que todo o povo de Deus precisa aprender.

Um Chamado Surpreendente

O quinto item na história é a confirmação circunstancial. Os versículos iniciais do capítulo 2 contam-nos como a oração de Neemias: "Dá-lhe graça perante este homem", foi finalmente respondida, e como o antigo copeiro real achou-se viajando rumo ao oeste, como o novo governador da província do Trans-Eufrates ("dalém do rio", como aparece na maioria das traduções; e "Província do Eufrates-Oeste, como distintamente se lê na NTLH), com um mandato oficial para reconstruir Jerusalém. Isso era tudo o que Neemias

esperava, e um pouco mais. A história é surpreendente, e devemos examiná-la com cuidadosa.

Logo no início enfrentamos um problema de interpretação, sobre o qual os comentadores se dividem. Neemias relata que o rei notou um sinal de tristeza na face de seu copeiro, espantou-se com aquilo (pois, "nunca, antes, estivera triste diante dele"), e diagnosticou-o, corretamente, como "tristeza de coração" (2.1,2), o que era um convite direto a que Neemias partilhasse com ele o que o estava angustiando. Teria Neemias planejado, deliberadamente, compor um semblante triste para que o rei o notasse e inquirisse, e, conforme sugerem alguns, esperado pelo dia em que a rainha estivesse jantando com o rei (2.6), para que o monarca estivesse num momento de brandura, favorável à conversa que Neemias pretendia? Ou a expressão de tristeza era inconsciente e involuntária, de modo que, não esperando que o rei lhe dirigisse a palavra, Neemias respondeu de forma não premeditada? A simples declaração "nunca, antes, estivera triste diante dele" não decide a questão; tampouco o faz a declaração "temi sobremaneira" (2.2), seguinte à pergunta do rei; nem a "oração-flecha" de Neemias, ("orei ao Deus dos céus") antes de responder à indagação real: "Que me pedes agora?" (2.4). Uma vez que a etiqueta palaciana requeria que os servos parecessem felizes na presença do rei (um cumprimento à realeza, como se a presença real sempre produzisse alegria), e a quebra dela seria interpretada como traição ou insulto à coroa, que poderia ser punida com a morte, caso o rei assim o decidisse, é fácil entender o temor de Neemias, mesmo se ele houvesse planejado tudo. E a sabedoria de orar antes de falar, para que suas palavras tivessem um maior efeito, era-lhe óbvia em qualquer dos casos. Portanto, o fato de ele orar ("Senhor, isso é importante; ajude-me aqui e agora a apresentar corretamente

a minha fala") não significa, necessariamente, que ele haja sido apanhado de surpresa pela indagação real, embora possa ter se passado assim. O problema permanece irresoluto.

John White argumenta que Neemias "não buscaria o favor de Deus na presença do rei Artaxerxes, a menos que planejasse algo arriscado", isto é, o semblante triste.[2] Todavia, o ponto no pedido de Neemias é que apenas Artaxerxes poderia dar-lhe permissão para trocar a copeiragem pela construção, e é infundado enxergar mais do que isso. E parece duvidosa a sugestão de que Neemias, certamente um homem barbudo, fingisse um semblante triste para pedir algo ao rei. Curvar para baixo os cantos da boca, a fim de parecer tristonho, provavelmente passará despercebido, se a pessoa usar barba. A observação inicial do rei foi: "Por que está triste o teu rosto, se não estás doente?" A angústia do coração transparece nos olhos cheios de sofrimento, semblante caído e vincado, faces encovadas e olhar fatigado. Nada dessas coisas é facilmente produzida pela vontade, mas todas elas aparecem, espontânea e inconscientemente, no rosto das pessoas em aflição.

Por conseguinte, parece-me mais natural supor que a narrativa de Neemias está nos dizendo que: os seus três meses de oração para alcançar favor na presença do rei foram acompanhados de uma completa incerteza quanto ao modo de levantar a questão de sua ida a Jerusalém; ele não tinha ideia do quanto a sua face, que ele, como bom cortesão, tentava manter feliz, revelava do real estado de seu coração; ele não esperava ouvir o rei diagnosticar tristeza de coração e perguntar-lhe qual era o problema; ele, certamente, não estava manipulando a situação, fingindo um olhar triste, a fim de ser notado e interrogado; e que, em retrospecto, o episódio inteiro apareceu-lhe como uma resposta fantástica às orações: ele pedira algo aparentemente

impossível, e acontecera. Ele não teria ousado mencionar o que lhe ia no coração, mas o rei trouxera-o à tona e fora acessível como ninguém imaginaria, liberando Neemias da copeiragem, por tanto tempo quanto ele desejasse, dando-lhe um salvo conduto e requisições para todo o material de que precisaria, e nomeando-o verdadeiramente governador da província, dando-lhe assim uma posição oficial inatacável (o que se acha explícito em 5.14, e implícito na requisição de Neemias por madeira "para a casa em que eu houver de entrar" — i.e., a residência do governador, 2.8).

A confirmação circunstancial de sua chamada a servir foi, dessa forma, tão completa quanto possível. O fator oportunidade estava, agora, totalmente de acordo com os fatores bíblico, pneumático e corpo, como eles se aplicaram ao caso de Neemias. Agora ele podia, com razão, celebrar "a boa mão de Deus sobre mim" (2.8,18). Agora ele sabia, sem qualquer sombra de dúvida, que Deus o estava enviando a Jerusalém, e que seria com ele nos perigos, incertezas, e no duro trajeto que a missão de reconstruir o envolveria.

Essa evolução das coisas foi, de fato, surpreendente, porque implicava uma revogação direta da antiga política de Artaxerxes. Esdras 4.23 conta como, alguns anos antes, atendendo a solicitações dos líderes das cidades soberanas da área de Jerusalém, ele interrompera a construção dos muros da cidade santa. Contudo: "Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; a tudo quanto quer o inclina" (Pv 21.1). Num impulso momentâneo, Artaxerxes resolveu fazer de Neemias o governador do Trans-Eufrates e dar-lhe autoridade para reconstruir; assim, a trajetória de Neemias foi estabelecida para os próximos anos. A oração muda as coisas!

Um Chamado Constrangedor

O constrangimento do chamado divino para qualquer forma de ministério é grande. De sua vocação apostólica, Paulo escreveu: "Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho!" (1 Co 9.16). Neemias sentiu-se sob igual compulsão, quando a chamada de Deus para ele tornou-se clara, e atacou o serviço de restaurar Jerusalém com um entusiasmo sincero e de todo o coração. Conforme veremos, ele focou as suas metas, planejou sua realização do começo ao fim, trabalhou duramente por longas horas, lidou sábia e pacientemente com cada problema surgido, resistiu às distrações, e recusou ser desencorajado em qualquer estágio. Ele levou a sério a sua vocação e cumpriu-a gloriosamente; nisto, foi um modelo a todos os que servem na Igreja de Deus. Devemos dar o melhor de nós para enfrentar as questões sugeridas por seu exemplo:

Começamos, de fato, onde ele começou, com a mesma paixão pela glória de Deus e o mesmo peso de preocupação e angústia, quando contemplamos o estado arruinado da igreja que pertence a Deus?

> Como são poucos os homens fortes de nossos dias, que podem lastimar o mal e as abominações destes tempos! Quão raros aqueles que, vendo as desolações de Sião, sentem-se suficientemente interessados e preocupados pelo bem-estar da Igreja, a ponto de prantear! O lamento e o choro sobre a decadência da religião, o declínio do avivamento e a invasão pavorosa do mundanismo na Igreja são praticamente desconhecidos... Neemias era um pranteador em Sião.[3]

Essas palavras de E. M. Bounds, escritas há quase um século, aplicam-se mais aos nossos dias que aos tempos de Bounds. Estamos dispostos a aprender a orar pelas comunidades sofredoras do povo de Deus, como Neemias orou pelos judeus, e a aceitar como ele qualquer mudança de circunstâncias e qualquer risco envolvido na execução do trabalho?

Estamos procedendo como ele procedeu, pondo Deus em primeiro lugar, os outros em segundo e nós mesmos por último, enquanto procuramos cumprir o nosso ministério? Agimos de modo desinteressado, não buscando facilidades ou vantagens pessoais, mas simplesmente tendo como ocupação amar e servir ao Senhor, por meio do amor e serviço ao próximo, deixando que o Senhor cuide de nós, enquanto nos concentramos na tarefa que nos confiou?

E, quando Deus agradar-se de usar-nos como meio de bênçãos para o seu povo, não deveríamos, como Neemias, dar-lhe a glória e o louvor pelo acontecido, e declinar de receber os créditos? Não deveríamos, humildemente, reconhecer a graciosa mão de nosso Deus sobre nós, bem como a sua graciosa bondade em usar-nos, em vez de vaidosamente supor que o resultado se deve aos nossos talentos, habilidades, sabedoria e experiência?

Antes de seguirmos adiante, examinemo-nos. Fazê-lo é uma necessidade.

3

O Administrador I: Prosseguindo

Eis mais um seguimento da história de Neemias. Convicto de sua chamada, ele foi direto ao que interessava. Neemias não era homem de deixar a grama crescer sob os pés.

> Então, vim aos governadores dalém do rio e dei-lhes as cartas do rei; e o rei tinha enviado comigo chefes do exército e cavaleiros. O que ouvindo Sambalate, o horonita, e Tobias, o servo amonita, lhes desagradou com grande desagrado que alguém viesse a procurar o bem dos filhos de Israel. E cheguei a Jerusalém e estive ali três dias. E, de noite, me levantei, eu e poucos homens comigo, e não declarei a ninguém o que o meu Deus me pôs no coração para fazer em Jerusalém; e não havia comigo animal algum, senão aquele em que estava montado. E, de noite, saí pela Porta do Vale, para a banda da Fonte do Dragão e para a Porta do Monturo e contemplei os muros de Jerusalém, que estavam fendidos, e as suas portas, que tinham sido consumidas pelo fogo. E passei à Porta da Fonte e ao viveiro do rei; e não havia lugar por onde pudesse passar a cavalgadura que estava debaixo de mim. Então,

> de noite, subi pelo ribeiro e contemplei o muro; e voltei, e entrei pela Porta do Vale, e assim voltei. E não souberam os magistrados aonde eu fui nem o que eu fazia; porque ainda até então nem aos judeus, nem aos nobres, nem aos magistrados, nem aos mais que faziam a obra tinha declarado coisa alguma. Então, lhes disse: Bem vedes vós a miséria em que estamos, que Jerusalém está assolada e que as suas portas têm sido queimadas; vinde, pois, e reedifiquemos o muro de Jerusalém e não estejamos mais em opróbrio. Então, lhes declarei como a mão do meu Deus me fora favorável, como também as palavras do rei, que ele me tinha dito. Então, disseram: Levantemo-nos e edifiquemos. E esforçaram as suas mãos para o bem. O que ouvindo Sambalate, o horonita, e Tobias, o servo amonita, e Gesém, o arábio, zombaram de nós, e desprezaram-nos, e disseram: Que é isso que fazeis? Quereis rebelar-vos contra o rei? Então, lhes respondi e disse: O Deus dos céus é o que nos fará prosperar; e nós, seus servos, nos levantaremos e edificaremos; mas vós não tendes parte, nem justiça, nem memória em Jerusalém.
>
> (Neemias 2.9-20)

A tarefa, como vimos, era reconstruir os muros de Jerusalém, para que a vida na cidade pudesse ser restabelecida. Até que os muros estivessem de pé, nada poderia ser feito. Com eles no chão, Jerusalém não tinha defesa contra atacantes e invasores, e não era local para se fazer um lar. Por isso, muitos dos cidadãos haviam se mudado de lá (7.4), a adoração no Templo não pudera ser mantida, e o moral afundara ao nível mais baixo.

Observe que, generalizando, Jerusalém era um retrato das igrejas cristãs no mundo ocidental. A fraqueza, a desilusão e a

languidez dos adeptos é a história em toda parte. Na Ásia, África e América Latina, o evangelho avança e as igrejas crescem, mas no mundo protestante da Grã-Bretanha, Europa, América do Norte e Australásia, a secularização da vida da comunidade e a hesitação dos teólogos, líderes e clérigos tem deixado a maioria das congregações em um estado lastimável. O abandono da crença histórica num Criador santo, que, graciosamente, salva pecadores através da expiação e do novo nascimento, é ainda comum como o foi no século passado; e sempre que a fidelidade à fé bíblica cessa, a vitalidade espiritual é rapidamente drenada. Em toda parte, a igreja ocidental tem murchado e encolhido; já não é uma comunidade forte; a fé da qual Deus a fez curadora é desconhecida ao homem na rua, e quando conhecida, é largamente negligenciada; e a piedade, antes divulgada pela igreja como verdadeira humanidade, é agora considerada na cultura popular como uma esquisitice cômica e ultrapassada. A Igreja aparece como uma cidade arruinada; como Sarayevo ou Beirute depois do combate; como a Jerusalém encontrada por Neemias. E uma tremenda empreitada de reconstrução aguarda por alguém que ainda se importe com o seu bem-estar. Neste empreendimento, a reconstrução da fé bíblica será a tarefa básica e primordial.

A vocação de Neemias era assumir o comando na reconstrução literal de Jerusalém, e o seu livro agora encerra o relato de sua chamada para contar-nos como ele fez isso. Como uma história de aventura, a sua leitura é empolgante, pois Neemias é um narrador de primeira classe. Acima disso, porém, o livro é parte das Sagradas Escrituras — que são inspiradas. Inspiração significa "dada por Deus", e "dada por Deus" significa que devemos ler e ouvir o livro como Palavra de Deus; é o próprio Deus ensinando, pregando, contando a história, testemunhando de si por intermédio da narrativa de Neemias. Deus é o principal autor de toda a Escritura;

das narrativas históricas não menos que dos sermões proféticos ou das cartas apostólicas, ou das reflexões do Eclesiastes diante do trono, ou dos poemas de louvor e petição de Davi, endereçados diretamente ao ocupante do trono. Os livros de Neemias e Esdras, sendo este último uma introdução ao primeiro, como já observamos, cobrem o período que vai desde o retorno do exílio ao restabelecimento de Jerusalém, como um assunto contínuo. E é nessa narrativa de Neemias, especificamente, que encontraremos muita coisa relacionada à tarefa de reerguer, hoje, a Igreja de Deus. O Deus que inspirou a escrita das memórias e do diário de Neemias planejou que fosse assim. Portanto, aprendendo com Neemias, estamos aprendendo de nosso Criador em pessoa.

Em seu papel de pioneiro na reconstrução de Jerusalém, Neemias ilustra muitas das realidades da liderança espiritual na igreja cristã. Vemos nele o zelo por Deus e o amor ao povo, mais a prontidão em desafiar seus desafiadores e resistir à oposição pessoal, que todo líder precisa. Enxergamos ainda a verdadeira essência da liderança em coisas como a habilitação dos outros para o trabalho; a real solidão da liderança, quando o líder conserva firmemente a visão da meta, apesar de os seus seguidores já a haverem perdido; e o ardente zelo por Deus, que o líder deve sempre mostrar, como um modelo aos seus liderados. Todos os grandes líderes do povo de Deus na Bíblia (pense, por exemplo, em Moisés, Davi e Paulo) apresentaram essas qualidades em algum grau. E o próprio Jesus, como líder dos doze e de um grupo maior, que, embora menos íntimos, eram também discípulos, mostrou todas elas em um grau deveras elevado. E então, em Neemias como nos outros, um último requisito à liderança pode ser visto: a disposição para trabalhar arduamente sob pressão, e ao mesmo tempo motivar outros a fazer o mesmo. Exploraremos isso mais adiante.

Trabalho

O substantivo "trabalho", ou "obra", aparece repetidas vezes, como o rufar de um tambor, na história da reconstrução dos muros, narrada por Neemias. "Até então nem aos judeus... nem aos mais que faziam a *obra*" (2.16). "E esforçaram as suas mãos para esta boa *obra*" (2.18). "Porém os seus nobres não meteram o seu pescoço ao *serviço* de seu senhor" (3.5, uma palavra diferente no hebraico). "Disseram, porém, os nossos inimigos: ... faremos cessar a *obra*" (4.11). "Todos voltamos ao muro, cada um à sua *obra*" (4.15). "Metade dos meus moços trabalhava na *obra*... cada um com uma mão fazia a *obra*" (4.16,17). "E disse eu... Grande e extensa é a *obra*" (4.19). "Assim trabalhávamos na *obra*" (4.21). "Antes, também na *obra* deste muro fiz reparação... e todos os meus moços se ajuntaram ali para a *obra*" (5.16). "Estou fazendo uma grande *obra*... por que cessaria esta *obra*?" (6.3). "Procuravam atemorizar, dizendo: As suas mãos largarão a *obra*" (6.9). "Nossos inimigos... reconheceram que o nosso Deus fizera esta *obra*" (6.16).

Todas elas são referências ao labor específico de erigir os muros de Jerusalém, e poderíamos, se desejássemos, deixar o assunto por aqui. Mas é instrutivo sondar um pouco mais fundo. O que é "obra" como aparece no texto? E como a Bíblia a considera? Que verdades gerais sobre o trabalho repousam nestes textos em particular? E o que podemos aprender, dessa narrativa, sobre o trabalho como parte de nossa vida?

Primeiro, deixemos claro que quando a Bíblia fala de trabalho tem em vista muito mais do que aquilo que fazemos por dinheiro ou ganho, e que chamamos de nossa ocupação ou emprego. Na Bíblia, "trabalho" ou "obra" significa qualquer aplicação de esforço que vise produzir um novo

estado de coisas. Tais esforços envolvem nossa criatividade, que é parte da imagem de Deus em nós, e que precisa ser exercitada e expressa em ação, se a nossa natureza é ser devidamente útil. Por exemplo: o cuidar da casa, varrer o quintal, obedecer a ordens, cuidar do físico, cerzir meias e responder emails são esforços centrados e intencionais, que contam como trabalho, embora nenhum deles envolva, necessariamente, um emprego contratual. O mesmo não se pode dizer do cantarolar embaixo do chuveiro para expressar a nossa euforia ao sentir a água quente, não importa quanta energia despendamos nisso ou quanto barulho façamos. Mas se cantarolamos para aprender um hino a ser cantado no coral, isto é trabalho, porque tem um propósito. Trabalho no sentido bíblico é sempre meta orientada; é uma ação com um fim em vista.

Segundo, esclareçamos que a Bíblia considera a vida como um ritmo harmônico de trabalho e descanso (geralmente, labor de dia e repouso à noite; serviço em seis dias e descanso no sétimo), e não distingue entre trabalho espiritual e secular, como se pertencessem a compartimentos separados. Ao contrário, ela ensina que devemos planejar e viver nossas vidas como uma unidade na qual nada é secular e tudo é, num sentido real, sagrado, porque tudo é feito para a glória de Deus — isto é, para mostrar apreciação pelo que Ele tem feito, agradá-lo pela obediência amorosa aos seus mandamentos, e promover o seu louvor e honra entre as criaturas, começando com a homenagem e a adoração de rendermo-nos a Ele. "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Co 10.31). Nada deve ser visto como menos que sagrado; o trabalho deve ser uma realidade unificadora de todas as coisas em nossa vida.

A terceira coisa a aclarar é que Deus nos fez — a todos — para o trabalho. A natureza humana só encontra realização e satisfação quando, neste amplo sentido da palavra, temos trabalho a fazer. Isso aparece desde a história da criação, quando Deus tomou Adão e "o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar" (Gn 2.15). O trabalho dava-lhe grande prazer e nenhuma dor. Os cardos e espinhos que atrapalham o cultivo, o suor e as lágrimas pelos campos estéreis e as colheitas escassas vieram com a maldição que sucedeu à Queda (Gn 3.17-19). O trabalho requeria constante reflexão e esforço, como bem o sabe qualquer jardineiro, mas seria uma alegre parceria com Deus, o tempo todo, organizando a vida natural e ajustando o crescimento espontâneo que Deus concede às plantas. Adão teria se achado cumprindo o seu chamado humano para ser, no dizer de J. R. R. Tolkien, um "sub-criador" abaixo de Deus. Os jardineiros ainda têm momentos de grande satisfação com o que cresce sob suas mãos, e, não fosse pela Queda, o trabalho de todo mundo, em toda parte, seria igualmente gratificante.

Deus, ao que parece, estabeleceu que o trabalho fosse o nosso destino, aqui e no porvir. (No porvir? Sim. Na cidade celestial, "os seus servos o servirão... e reinarão para todo o sempre" [Ap 22.3,5]; tudo isso significa trabalho ativo). Quais foram as suas razões para planejar a nossa vida desse modo? Penso que achamos a resposta ao notarmos o que acontece quando trabalhamos. Descobrimos, então, o nosso potencial como artífices, aprendendo a fazer coisas e desenvolvendo habilidades fascinantes. E também descobrimos o potencial do mundo de Deus como matéria bruta para usarmos, manejarmos, e darmos-lhe formas, o que também é fascinante. A ordem de Deus a Adão e Eva para encher e

subjugar a terra (Gn 1.28) é chamada de "o mandato cultural", porque cada tentativa de cumpri-la produz cultura — isto é, o padrão de vida de uma comunidade, como o são todas as culturas, em trabalhar com um propósito. O trabalho, como um meio de vida que aprovamos, abraçamos e seguimos para a glória de Deus, gera em nós um espírito de louvor a Ele, tanto pela maravilha da criação que nos cerca como pela criatividade que o trabalho extrai de nós. Além disso, o trabalho traz a alegria da experiência de fazer e manejar; fomenta sabedoria e maturidade no modo como lidamos com as coisas, incluindo o nosso relacionamento com os demais (no que também devemos ser criativos); promove o crescimento da afeição e da bondade para com os outros, à medida que exercitamos nossas habilidades para servi-los; e desenvolve engenhosidade e desenvoltura para explorar as energias e sistemas que nos rodeiam.

Não houvéssemos sido feitos por Deus como somos, nem houvesse Ele requerido de nós que trabalhássemos, não experimentaríamos a satisfação que essas coisas engendram. E se, feitos da maneira que somos, nos tornássemos preguiçosos, dados ao ócio e à diversão, sentenciar-nos-íamos a uma profunda insatisfação com a vida. Nenhuma forma de trabalho pode garantir que a virtude, o amor e a alegria sejam nossos; mas também não podemos esperar que eles nos alcancem, se não existir em nossa vida qualquer forma de trabalho. Neemias, Moisés, Davi, Paulo e Jesus assinalam-nos um caminho diferente — um caminho de esforço com propósito — assim como todo o Novo Testamento, com sua insistência de que os cristãos devem constantemente praticar "boas obras" (Mt 5.16; 2 Co 9.8; Ef 2.10; 1 Tm 6.18; 2 Tm 3.17; Tt 2.7,14; 3.1, 8, 14; Hb 10.24; etc).

Estamos aqui falando de trabalho num senso muito mais vasto e básico que o emprego remunerado, mas seria erra-

do não mencionar, de passagem, que um grande mal social do Ocidente moderno é a contínua falta de empregos assalariados para cerca de 10% da força de trabalho. Noutras palavras: o vigente desemprego de milhões de pessoas. A impossibilidade de encontrar trabalho remunerado é desmoralizadora e deprimente, bem como empobrecedora do ponto de vista financeiro e espiritual. Os desempregados carecem de toda simpatia e ajuda que os cristãos possam dar, tanto para a preservação do respeito próprio como do uso de sua criatividade natural, que a sua frustração interior os tenta a não usar.

Em Neemias 2.8, a reconstrução dos muros de Jerusalém é classificada como "boa obra". O que faz um "trabalho" — um tipo específico de trabalho, ou uma atividade em particular — ser "bom" ou "boa" aos olhos de Deus? A resposta é duas coisas coincidentes: primeira, o seu caráter intrínseco; segunda, a motivação. A ação em si deve ser biblicamente correta, isto é, deve ser algo que Deus deseja que seja feito. E também o motivo da pessoa que o realiza deve ser correto, a saber: amor a Deus e aos homens, e o propósito de promover a glória de Deus. O modo de Neemias atacar a tarefa da reconstrução é um manual de exemplos: o trabalho clamava por ser feito, e a meta de Neemias era glorificar a Deus e servir ao povo, fazendo-o.

A toda tarefa que abraçarmos, devemos, conscientemente, dar o melhor de nós, pois só assim podemos glorificar a Deus. John White tem algo a dizer a respeito:

> ... talvez você esteja apenas enfadado. O seu enfado pode ter surgido da incredulidade ou de algo semelhante a ela: falta de visão. Você não tem um alvo claramente definido à

> sua frente. Você está vagueando. Ore sobre o seu trabalho. Peça que o Espírito Santo lhe dê uma meta definida para os próximos três meses. E então, caminhe para essa meta.
> Ou, quem sabe, você não goste do trabalho a que foi chamado a fazer. Não se sente apto para ele. Você poderia mourejar em outra coisa, mas este seu trabalho é desinteressante demais. Lembre-se do versículo: "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças" (Ec 9.10). Você se surpreenderá ao ver quão agradável se torna uma tarefa, quando você a domina. Tenha como meta fazer esplendidamente bem o seu trabalho diário, e o que era maçante se tornará um ofício, e o ofício, uma arte. Nada é tão tedioso quanto o trabalho malfeito.[1]

Neemias, como veremos, atacava o trabalho de modo centrado, intencional, e altamente objetivo.

O trabalho que glorifica a Deus é trabalho árduo. Mas não é fácil — assustadoramente fácil — trabalhar tão arduamente e tornar-se um workaholic (viciado em trabalho), ou provocar um colapso ou uma trombose coronariana, ou qualquer outra consequência, por trabalhar tanto? Mais uma vez cito o médico e psiquiatra John White, que, sob o título "The Bogeyman of Overwork" (O fantasma do Serão), escreveu o seguinte:

> O trabalho não produz colapso nervoso, por mais que alguém lhe diga o contrário. Trabalhe tão duramente quanto desejar e tanto quanto quiser. Se você goza de saúde normal, o dano será pequeno...
> Por quê? Porque é a tensão que mata; não o trabalho. É ficar preso à corrida de ratos cristã que prejudica. É a luta deses-

perada para se equiparar aos amigos cristãos, ou ao público cristão, a fim de parecer sorridentemente espiritual e "produzir" espiritualmente, quando você sabe muito bem que a sua verdadeira vida interior não está à altura de sua imagem exterior.

O pastor White fala, então, diretamente sobre o *Workabolism* (vício do trabalho):

> Às vezes trabalhamos demais, não porque o trabalho seja essencial, mas porque somos impelidos pelo medo — em vez de sustentados pela fé. Os *workabolics* são impelidos. O trabalho para eles não é uma expressão de fé, mas uma busca de paz... Os *workabolics* tentam manter limpa a consciência por meio do trabalho. Consequentemente, trabalham demais e tornam-se escravos de sua própria neurose. Os *workabolics* não conseguem descansar facilmente; eles começam a parecer perseguidos, em vez de relaxados...
>
> As Escrituras não encorajam esta espécie de compulsividade. "Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão de dores, pois assim dá ele aos seus amados o sono" (Sl 127.2). Neemias era profundamente cônscio de que o labor é infrutífero, se não for no Senhor e com o Senhor. Neemias trabalhava arduamente, quando o trabalho árduo era necessário, não porque sofresse de uma necessidade neurótica de realizações, mas porque *sabia que a mão de Deus estava sobre ele* (2.8,18).[2]

Trabalho e Oração

Neemias era um trabalhador esforçado que, conforme notaremos, motivava os outros com palavras, e com o seu exemplo inspirava-os a trabalhar duramente com ele. E era

também, como já percebemos, um homem de oração. Ele conta-nos a sua história de um modo que destaca tanto a sua habilidade em mobilizar quanto a sua paixão como intercessor. E o faz com a mesma empolgação e praticidade centradas em Deus que caracterizam as *Confissões* de Agostinho, *Grace Abounding* [Abundante Graça], de Bunyan, *Journals* [Diário], de Whitefield e Wesley, e as autobiografias de George Müller e C. H. Spurgeon. Igual a eles, Neemias é capaz de escrever sobre si mesmo de um modo que não atrai a atenção para si, porque fixa a mente do leitor onde os olhos do próprio escritor já estão fitos: em Deus, a quem ele adora. Não obstante, é natural que, ao lermos a história de Neemias, indaguemos como a oração a Deus se relaciona ao trabalho feito para Ele. Parte da resposta, insisto, é que a nossa oração determina a qualidade do nosso trabalho, exatamente como o nosso trabalho reflete a qualidade de nossa oração. A narrativa de Neemias parece ilustrar isso com muita clareza.

William Temple disse, algures, que já que pensamos que o nosso trabalho real é a nossa atividade, da qual a oração é um adjunto, a nossa oração é o nosso real trabalho, e a nossa atividade é o índice de como a temos realizado. Sem dúvida, Temple está certo. Porque a oração real — concentrada em santificar o nome de Deus e fazer-lhe a vontade — tem, entre outros, um efeito reflexivo; ela purifica o coração, purga nossas atitudes e motivos, desfaz todo o egocentrismo, autossuficiência, e autoconfiança, que como criaturas caídas trazemos para ela, e programa-nos a trabalhar humildemente, honrando a Deus, temendo-o e dEle dependendo. Devemos lembrar que, aos olhos de Deus, a motivação é um elemento integral em ação: o Senhor olha

não apenas o comportamento exterior, mas também o nosso íntimo; e qualquer motivação que exalte o ego tornará podre o âmago de nosso trabalho, aos seus olhos. (Lembre-se dos fariseus e das palavras de Jesus sobre eles!) Devido aos hábitos absortos de nosso coração pecaminoso, a única maneira de se ter motivos puros é orar persistentemente sobre as coisas que fazemos e, constantemente, questionarmo-nos perante Deus do porquê de as estarmos fazendo, e como elas podem servir para a glória de Deus e o bem de seu povo. Este é o caminho para ter um coração mais puro do que poderíamos esperar. Vejo Neemias como um exemplo disso, porque é como se ele mantivesse esse procedimento o tempo todo.

A regra de ação de Neemias parece ter sido: primeiro ore, depois haja, e então ore novamente. Observe, mais uma vez, como a oração pontua a sua narrativa da construção dos muros. A oração pelo bem-estar de Jerusalém foi a sementeira da qual cresceu todo o empreendimento (1.5-11). A prece por ajuda, quando o rei perguntou-lhe qual era o seu problema, resultou em seu envio a Jerusalém (2.4-6). A oração foi novamente o seu recurso quando Sambalate e Tobias ridicularizaram a primeira etapa da reconstrução ("Ouve, ó nosso Deus, que somos tão desprezados... pois que te irritaram defronte dos edificadores", 4.4,5). Quando ele e seus colegas souberam do complô para atacar a cidade e tornar a derribar os muros, "oramos ao nosso Deus" (4.9), antes de tomar medidas de defesa. Primeiro, a coisa principal! Orar antes de qualquer atitude é seguramente a ordem certa das coisas. Em 6.9 lemos: "Todos eles nos procuravam atemorizar... Agora, pois, ó Deus, esforça as minhas mãos". Havendo orado assim e visto a resposta à oração em cada estágio, Neemias tinha

todo o direito de dizer sobre o muro completado: "... o nosso Deus fizera esta obra" (6.16). De fato, assim fora.

E qual foi o efeito reflexivo da oração de Neemias, que, conforme ele queria que víssemos, Deus evidentemente respondeu? Parece que, por concentrar seu coração na glória de Deus, debelar seus temores e elevar-se acima da balbúrdia amedrontadora, afastar de si a ira, treinar-se para manter a praticidade tranquila, que era o seu dom especial, e manter-se equilibrado e vívido no serviço de seu rei divino, a oração de Neemias qualificou-o e equipou-o para a liderança de um modo bem direto. Para ser exato, este efeito reflexivo da oração no caráter e no potencial próprio não é um processo automático, mas implantado pelo Espírito Santo. Entretanto, só é possível vermos tal intensificação de poderes naturais quando as pessoas oram. A oração é o meio costumeiro pelo qual o dom da sabedoria, em todos os seus aspectos (que é o que realmente estamos discutindo aqui), nos é dado. Como expressou Tiago: "E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto; e ser-lhe-á dada" (Tg 1.5).

Abraham Lincoln confessou, certa ocasião: "Tenho me posto muitas vezes de joelhos, levado pela opressiva convicção de que não tenho outro lugar aonde ir. A minha sabedoria e a daqueles à minha volta parecem-me insuficientes...".[3] Muito antes de Lincoln, este foi o caminho que Neemias trilhou, e nisto repousa o segredo da qualidade de sua liderança no restabelecimento de Jerusalém. Bem fez James Boice ao observar: "Charles Swindoll acertou, acho eu, ao referir-se a Neemias como Um Líder — quando Cai de Joelhos!"[4]

Liderança e Parceria

A missão específica, para a qual Deus chamou Neemias foi reconstruir os muros arruinados de Jerusalém. Esta era uma imensa tarefa. A extensão dos muros era de quase dois quilômetros, e os novos deveriam ter cerca de um metro de largura, talvez mais, ao rés do chão, e cinco ou seis metros de altura. Reconstruir era uma operação maciça, apenas possível se atacada como um empreendimento cooperativo de grande escala. Neemias fez isso acontecer. Aparentemente, dentro de poucos dias de sua chegada a Jerusalém, ele tinha posto tudo em movimento, e os muros foram terminados em pouco mais de sete semanas. Foi uma realização inacreditável.

Como, perguntamos, Neemias conseguiu isso? Não existe segredo aqui. A autobiografia de Neemias oferece-nos a história inteira, e o que ela revela é que, além da fé e da oração, a sabedoria de líder dada por Deus distinguiu suas ações em cada estágio. Especificamente, ele aplicou dois princípios que todo líder/pastor, de hoje e de amanhã, deve aplicar se a igreja ou o grupo cristão confiado aos seus cuidados precisar de uma reconstrução. O primeiro princípio foi o da parceria, por meio da qual Neemias começou motivando os jerusalemitas a arrancar-se de sua apatia e desespero e a comprometer-se a trabalhar com ele no projeto, de todo o coração; e então criou uma organização na qual todos os trabalhadores sentiam-se pessoalmente importantes ao projeto, enquanto ele prosseguia.

O segundo princípio foi o do planejamento, por meio do qual, apesar de toda a aflição que os cercava, Neemias foi capaz de conservar a confiança até o êxito final, mantendo todas as coisas sob controle. Mobilizando, organizando, supervisionando e encorajando, ele reanimou os exauridos

de Jerusalém para um esforço bem planejado, que logo começou a transformar todo o cenário, e não cessou até que a tarefa estivesse concluída.

Esses dois princípios resumem, juntos, a sabedoria mundana de todos os grandes líderes da história — homens como Alexandre, o Grande, Oliver Cromwell, Napoleão Bonaparte e Winston Churchill — e sintetizam igualmente a sabedoria espiritual de homens como Neemias, que, humanamente, pertence à mesma classe desses quatro, mas cuja função especial era encontrar seguidores a quem tiraria do coma espiritual para a grandeza do Reino de Deus.

Coma. Acredito, com plena confiança, que esta é uma palavra adequada para a total falta de visão e de vitalidade, bem como toda a inércia, no que concernia ao serviço de Deus, enfrentadas por Neemias, ao chegar a Jerusalém. A situação dos refugiados de hoje — humanos sem segurança e sem futuro, vítimas do poder de outras pessoas, para quem todas as coisas na vida se combinam para garantir-lhes que são imprestáveis — é o paralelo mais próximo que pudemos encontrar. O espírito daqueles que persistiam, improvisando uma existência para si em meio às ruínas de Jerusalém, achava-se alquebrado, e sua esperança, morta. A triste rotina de tentar conseguir a próxima refeição fora tudo o que lhes restara. Não é de admirar, portanto, que em seus primeiros dias na cidade, Neemias não tenha declarado a ninguém "o que o meu Deus me pôs no coração" (2.12; cf. v.16). A reação teria sido de zombaria da ingenuidade do recém-chegado; os jerusalemitas teriam rido das ideias de Neemias e achado difícil levá-las a sério.

Muitos líderes, ou pretensos líderes, têm arriscado seus melhores esquemas ao anunciá-los prematuramente, sendo ridicularizados e rejeitados por aqueles que seriam beneficiados por eles, mas foram incapazes de apreciá-los. (Quão frequentemente isso acontece quando pastores novos e zelosos se mudam para uma congregação moribunda! E quão ruinoso pode ser ao novo ministro este erro!) "Não deiteis aos porcos as vossas pérolas", advertiu-nos Jesus, "para que não as pisem e, voltando-se, vos despedacem" (Mt 7.6). Neemias não cometeu este erro. Em 2.11,10, vemos como ele agiu para com o povo; nessa passagem, ele permite-nos segui-lo pelos vários estágios que claramente constituem o seu plano, desde o início.

O primeiro passo no plano de Neemias foi *definição*, como sempre deve ser em toda estratégia bem-sucedida, para qualquer realização. A primeira necessidade é ter consciência de que se trata exatamente a tarefa, qual o seu tamanho e escopo, quais os seus parâmetros e limites. Então nossas metas — a longo, médio ou curto prazo — serão assentadas com clareza, e saberemos exatamente em que estamos mirando: o que estamos fazendo, aonde estamos indo e o que será envolvido no percurso. Somente quando a tarefa estiver assim definida, poderemos, realisticamente, trabalhar os meios para se chegar ao fim. E só quando houvermos esclarecido tanto o fim quanto os meios poderemos esperar que outras pessoas depositem confiança em nosso projeto. O primeiro passo de Neemias, portanto, foi uma viagem de inspeção, a fim de poder definir realisticamente a tarefa, e detalhá-la com base em seu conhecimento direto da situação.

Adequadamente, depois de passar três dias estabelecendo-se como governador, o que significava ser o chefe administrador dos negócios de Jerusalém, ele cavalgou durante a noite, uma mula ou um jumento, acompanhado por alguns homens a pé, que lhe serviam de guarda, examinando "os muros de Jerusalém, que estavam fendidos, e as suas portas, que tinham sido consumidas pelo fogo" (2.13). Ele fornece-nos detalhes de seu itinerário, e parece que percorreu apenas metade dos muros, ou menos,[5] mas isso foi suficiente para o seu propósito. Ele enfatiza que a viagem foi secreta: "E não souberam os magistrados aonde eu fui nem o que eu fazia" (2.16). Ele estava, na verdade, fazendo o dever de casa, observando em primeira mão como se encontrava a terra e quanto estrago havia para ser reparado. Provavelmente, ele nunca estivera em Jerusalém, e estava realmente começando do zero; e era sábio o suficiente para não deixar que outros lhe servissem de olhos, preferindo ver tudo pessoalmente. O estadista sabia que não seria capaz de motivar o povo para a reconstrução, a menos que se mostrasse à altura da empreitada. Então fez a coisa certa para inteirar-se das circunstâncias.

Definir a tarefa, baseado na observação dos muros devastados, e preparar uma estratégia detalhada para a sua reconstituição foram passos necessários para que Neemias pudesse envolver os moradores locais, ao tornar pública a sua proposta. A fé e o planejamento devem andar juntos. Quando cristãos zelosos, com uma fé forte, permitem-se agir de maneira tola, em vez de orquestrar com cuidado um empreendimento, o resultado é geralmente o fracasso — não porque Deus não seja responsivo à fé, mas porque Ele não costuma aplaudir e abençoar a tolice. O realismo da

cuidadosa preparação de Neemias é um verdadeiro modelo a seguirmos, quando chamados a realizar coisas para Deus.

O segundo passo nos planos de Neemias foi a *motivação* — animação para a ação, diríamos. E nisso Neemias mostrou-se realmente perspicaz. Vimo-lo reunir as informações de que necessitava antes de anunciar suas intenções; agora, vemo-lo com todas as coisas em mãos, havendo calculado o custo e se equipado para responder as indagações sobre como a obra seria feita, surpreendendo os jerusalemitas — judeus, sacerdotes, nobres, oficiais, os "eles" do versículo 17 — com a sua proposta audaciosa, e pedindo-lhes que se unissem a ele na execução. "Então, lhes disse: Bem vedes vós a miséria em que estamos, que Jerusalém está assolada e que as suas portas têm sido queimadas; vinde, pois, e reedifiquemos o muro de Jerusalém e não estejamos mais em opróbrio".

Note como Neemias, tão logo chegou da capital persa, identificou-se com os companheiros judeus, a quem fora enviado como governador. "Ele não foi visitar os oficiais de Susã, dizendo: 'Vocês estão numa desordem, e eu vim ajudá-los'. Em vez disso, admitiu: 'Bem vedes vós a miséria em que estamos'. Ele era um deles".[6]

Observe também como, propositalmente, havendo declarado a sua solidariedade, animou-os à ação: "Vinde, pois, e reedifiquemos o muro de Jerusalém e não estejamos mais em opróbrio".

Todo líder verdadeiro é um mestre da motivação. Pensemos, por exemplo, em Winston Churchill fazendo o seu primeiro discurso como Primeiro Ministro na Segunda Guerra Mundial, quando a França estava caindo, o poder britânico achava-se em sua maré mais baixa e capitular pa-

recia a única opção sensata. "Não tenho nada a oferecer, a não ser sangue, labuta, lágrimas e suor... Qual é a nossa meta? Posso responder em uma só palavra: Vitória — vitória a qualquer preço, vitória a despeito de todo o terror, vitória, por mais longa e árdua que seja a estrada..." E mais tarde, quando a invasão parecia certa: "Defenderemos a nossa ilha, sejam quais forem os custos; lutaremos nas praias, lutaremos nos mares e no ar, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nos montes; nunca nos renderemos..."[7] Nenhum discurso jamais gerou uma vontade nacional de ir à luta tão efetivamente quanto esse de Churchil, feito em tempo de guerra. E um dos fatores mais importantes nessa determinação nacional foi a confiança de que, com um líder desse calibre, a Grã-Bretanha podia esperar vencer, como, pela graça de Deus, em companhia dos Estados Unidos da América e da Rússia, venceu de fato.

Neemias também era um mestre da comunicação motivadora e, como Churchil, causou um impacto decisivo com o seu primeiro discurso como líder de seu povo. Ele lançou a expectativa do final da desgraça de Jerusalém, e então, naquilo que podemos chamar de momento psicológico, revelou como Deus o levara à sua presente eminência, e como, por uma completa revogação da antiga política imperial, o monarca persa dera o sinal verde para a reconstrução dos muros. "Então, lhes declarei como a mão do meu Deus me fora favorável, como também as palavras do rei, que ele me tinha dito". O testemunho de Neemias teve um efeito imediato: "Então, disseram: Levantemo-nos e edifiquemos. E esforçaram as suas mãos para o bem" (2.18). A grande restauração ganhara livre curso. Motivado e animado pelo que ouvira: "O coração do povo se inclinava a trabalhar" (4.6).

O terceiro passo no plano de Neemias foi a organização, habilidade em que era um mestre. A escalação dos construtores, no capítulo 3, mostra o trabalho delegado a quarenta e um grupos separados. Com essa divisão do trabalho, todas as partes do muro foram edificadas juntas. Toda classe de pessoa batalhou nesse labor: sacerdotes (incluindo o sumo sacerdote, 3.1), levitas, serventes do Templo, ourives, mercadores, oficiais, indivíduos comuns, mulheres (3.12) e homens de Jericó, Tecoa, Gibeão, Mizpa e de outras cidades da área de Jerusalém. "Neemias não apenas coordenou o trabalho, a fim de que nenhuma brecha fosse deixada e todos trabalhassem unidos", escreve James Boice, "como parece ter arranjado as coisas para a conveniência e motivação dos trabalhadores". (Administração da melhor espécie!) "Muitos receberam (ou escolheram) porções do muro em frente, ou bem próximo, de suas casas: os sacerdotes erigiram a área próxima ao Templo (vv. 1,28), os serventes do Templo, a área próxima à sua moradia na colina do Templo (v. 26), Jedaías, a porção do muro "defronte de sua casa" (v. 10), Benjamim e Hassube, também "defronte da sua casa" (v. 23), e assim por diante. Isso convinha a todos, uma vez que tempo algum seria desperdiçado com idas e vindas e caminhadas até a casa para almoçar. E ainda garantia um bom trabalho, pois cada pessoa se certificaria de construir um muro forte onde a sua residência necessitava de proteção".[8] Brilhante! Neemias organizou tudo com habilidade de mestre.

O capítulo 3 não menciona Neemias como construtor de qualquer parte do muro, mas, num sentido mais profundo e óbvio, ele deve ser honrado como edificador do muro inteiro. Havendo dividido o serviço entre aqueles que mo-

tivou e mobilizou a realizá-lo, ele entregou-se à ocupação de supervisionar, coordenar, administrar e proteger tanto a construção quanto os seus construtores — montando guarda durante 24 horas, quando ameaçados de invasão (4.7-9), posicionando os grupos de famílias e soldados capazes em pontos-chave, a fim de repelir os invasores (4.13-15), mantendo destacamentos de homens armados em constante prontidão (4.16-21), e fazendo todos, inclusive ele mesmo, dormir na cidade, sempre prontos, e ser uma força armada à noite e uma força de trabalho de dia, prontos a reunir-se em caráter de emergência, caso soasse a buzina (4.18-20). O fato de o governador, que poderia deixar Jerusalém todas as noites e descansar numa aldeia afastada, correspondente a um hotel cinco estrelas, escolher ficar com as tropas e as turmas de operários deve ter sido de grande efeito na sustentação do moral, durante algumas semanas realmente exaustivas. É algo tremendamente encorajador, quando um líder é visto partilhando os apuros daqueles a quem lidera. Neemias entendia as responsabilidades de um líder, e não falhou neste ponto.

John White expressa-se liricamente a respeito disso:

> Neemias não é o tipo de líder que evita suar... Neemias recusa-se a poupar a si mesmo... Neemias entrega-se à labuta... Nada se faz para Deus, sem trabalho... Paulo trabalhou "muito mais do que todos eles" (1 Co 15.10)... Wesley frequentemente pregava diversas vezes ao dia... Jesus... certa vez, mergulhou tão exausto no sono, que nem uma tempestade foi capaz de despertá-lo... A única coisa que esses grandes homens e mulheres tinham em comum é que eles trabalhavam.[9]

Este é um ponto que não podemos hesitar em abraçar.

Prosseguir é geralmente a parte mais difícil de qualquer empreendimento. No tempo em que os cavalos puxavam de um lado para outro carroças e carretas de quatro rodas, nos pátios das estradas de ferro da Inglaterra, todos sabiam que um bom cavalo podia dar conta de muita coisa, uma vez que estivesse em movimento; mas começava com uma pequena carga, ao sair do descanso. Em nossos dias, quando se tenta reanimar uma igreja local acanhada e inerte, onde, há anos, não ocorre qualquer mudança significativa, prosseguir é a parte mais difícil. O segredo de Neemias, se tivermos agudeza de espírito para enxergá-lo, encontra-se no modelo de definição, motivação e organização com que ele, escolhendo o momento certo para falar e agir, e aceitando um envolvimento visível no trabalho extenuante, criou um movimento com propósito e transformou-o em um hábito comum. O próprio sucesso de Neemias aqui não foi total. Conta-nos ele que os nobres de Tecoa, por orgulho, ou talvez desinteresse, não abraçaram a empreitada, embora os tecoanos comuns e os homens de Jericó, que distava de Jerusalém mais do que Tecoa, o tenham feito (3.2,5). Não obstante, foi um sucesso espetacular, e muito disso se deveu, abaixo de Deus, à habilidade gerencial que Neemias demonstrou desde o princípio.

A Necessidade de Organizar

Uma palavra adicional sobre organização é apropriada aqui. Organização é uma habilidade para a qual alguns tem uma inclinação natural, mas que todos podem aprender, com um pouco de esforço. Singularmente, contudo,

aqueles que teorizam e fazem estratégias para a renovação e o avivamento de igrejas dividem-se neste particular. Uns acreditam que a igreja será renovada pela pregação; outros, que buscam a renovação no batismo no Espírito e no derramamento dos dons, especialmente o de línguas estranhas, profecias, poder e curas, e discernimento sobrenatural, depreciam a organização como um foco de confiança carnal e intrinsecamente extintora do Espírito. No outro extremo, escrevem-se livros e publicam-se diários que tratam a organização como o elixir da vida, e divulgam modelos organizacionais para pastores e seus rebanhos, de uma forma que sugere crescimento garantido, tanto em quantidade como em qualidade, se as instruções forem seguidas. Qual é a verdade? Parece ser:

1. Confiar em qualquer forma de organização, ou em qualquer dom espiritual ou configuração de dons, ou qualquer ministério de pessoas talentosas, para trazer nova vida à igreja é, de fato, algo que extingue o Espírito. Quando a esperança repousa nestes fatores, em vez de ser posta em Deus, a oração falha, o orgulho floresce, e a bênção divina é retida.

2. A antiga ideia de que o ministério espiritual é apenas para clérigos e algumas pessoas especialmente zelosas, enquanto o restante limita-se a orar, ofertar e cuidar apenas da parte material da igreja, também é, em si, extintora do Espírito (embora algumas congregações tenham prosperado a despeito dessa ideia). O princípio bíblico para o ministério de cada membro do corpo de Cristo deve ser reconhecido, e um lugar deve ser encontrado, na vida da igreja, para que cada dom vindo de Deus seja usado no serviço dEle — o que exige uma certa quantia de organização obrigatória.

3. No projeto de Neemias, o carisma do líder, a disposição comum em trabalhar para a causa de Deus, as habilidades básicas em construção, e a boa organização amalgamando tudo isso, combinaram-se para erigir os muros de Jerusalém. De igual modo, em nossas igrejas, o carisma do líder, a disposição comum em servir, os dons ministeriais encontrados e exercitados em toda a congregação, e a boa organização fazendo deles o melhor uso possível devem combinar-se para o verdadeiro reavivamento. Nem a mais poderosa pregação, nem a mais exuberante mostra de manifestações espirituais edificarão a igreja local, sem a sabedoria organizacional, que estabelece metas e planeja meios de alcançá-las. Os pastores pregadores que deixaram em seu rastro as igrejas mais vigorosas e maduras foram aqueles cujo trabalho no púlpito unia-se à boa organização, deles mesmos ou de outrem. Confira. Você descobrirá que isso é um fato.

4

O Administrador II: Dando Continuidade

Iniciar a reconstrução dos muros foi uma grande realização, mas dar continuidade à obra mostrou-se a mais espinhosa tarefa.

> E sucedeu que, ouvindo Sambalate que edificávamos o muro, ardeu em ira, e se indignou muito, e escarneceu dos judeus. E falou na presença de seus irmãos e do exército de Samaria e disse: Que fazem estes fracos judeus? Permitir-se-lhes-á isso? Sacrificarão? Acabá-lo-ão num só dia? Vivificarão dos montões do pó as pedras que foram queimadas? E estava com ele Tobias, o amonita, e disse: Ainda que edifiquem, vindo uma raposa, derrubará facilmente o seu muro de pedra. Ouve, ó nosso Deus, que somos tão desprezados, e caia o seu opróbrio sobre a sua cabeça, e faze com que sejam um despojo, numa terra de cativeiro. E não cubras a sua iniquidade, e não se risque diante de ti o seu pecado, pois que te irritaram defronte dos edificadores. Assim, edificamos o muro, e todo o muro se cerrou até sua metade; porque o coração do povo se inclinava a trabalhar. E sucedeu que, ouvindo Sambalate, e Tobias, e os arábios, e os amonitas, e os asdoditas que

tanto ia crescendo a reparação dos muros de Jerusalém, que já as roturas se começavam a tapar, iraram-se sobremodo. E ligaram-se entre si todos, para virem atacar Jerusalém e para os desviarem do seu intento. Porém nós oramos ao nosso Deus e pusemos uma guarda contra eles, de dia e de noite, por causa deles. Então, disse Judá: Já desfaleceram as forças dos acarretadores, e o pó é muito, e nós não poderemos edificar o muro. Disseram, porém, os nossos inimigos: Nada saberão disso, nem verão, até que entremos no meio deles e os matemos; assim, faremos cessar a obra. E sucedeu que, vindo os judeus que habitavam entre eles, dez vezes nos disseram que, de todos os lugares, tornavam a nós. Pelo que pus guardas nos lugares baixos por detrás do muro e nos altos; e pus o povo, pelas suas famílias, com as suas espadas, com as suas lanças e com os seus arcos. E olhei, e levantei-me, e disse aos nobres, e aos magistrados, e ao resto do povo: Não os temais; lembrai-vos do Senhor, grande e terrível, e pelejai pelos vossos irmãos, vossos filhos, vossas mulheres e vossas casas. E sucedeu que, ouvindo os nossos inimigos que já o sabíamos e que Deus tinha dissipado o conselho deles, todos voltamos ao muro, cada um à sua obra. E sucedeu que, desde aquele dia, metade dos meus moços trabalhava na obra, e a outra metade deles tinha as lanças, os escudos, os arcos e as couraças; e os chefes estavam por detrás de toda a casa de Judá. Os que edificavam o muro, e os que traziam as cargas, e os que carregavam, cada um com uma mão fazia a obra e na outra tinha as armas. E os edificadores cada um trazia a sua espada cingida aos lombos, e edificavam; e o que tocava a trombeta estava junto comigo. E disse eu aos nobres, e aos magistrados, e ao resto do povo: Grande e extensa é a obra, e nós estamos apartados do muro, longe uns dos outros. No

> lugar onde ouvirdes o som da buzina, ali vos ajuntareis conosco; o nosso Deus pelejará por nós. Assim trabalhávamos na obra; e metade deles tinha as lanças desde a subida da alva até ao sair das estrelas. Também, naquele tempo, disse ao povo: Cada um com o seu moço fique em Jerusalém, para que, de noite, nos sirvam de guarda e, de dia, na obra. E nem eu, nem meus irmãos, nem meus moços, nem os homens da guarda que me seguiam largávamos as nossas vestes; cada um ia com suas armas à água.
>
> (Neemias 4.1-23)

Satanás

O real tema de Neemias 4—6 é guerra espiritual, e o verdadeiro oponente de Neemias, à espreita por trás dos opositores, críticos e resmungões humanos, que lhe ocupavam diretamente a atenção, era Satanás, cujo nome significa "adversário", e que atua como inimigo permanente de Deus, do povo de Deus, da obra de Deus e do louvor a Deus. Neemias não o menciona (poucos livros do Antigo Testamento o fazem), mas isso não significa que ele não estivesse lá. A oposição direta, em nível humano, àqueles que estão obedecendo a Deus, e o uso de "setas inflamadas" de desestímulo (Ef 6.16) para destruir a esperança, induzir ao medo, e assim paralisar o esforço, são duas de suas táticas regulares e ambas estão em evidência nesses capítulos. Quando vemos a impressão digital de Satanás em certos acontecimentos, estejamos certos de que ele próprio se acha presente e ativo, embora se conserve cuidadosamente fora de vista.

Pensamos no Diabo como nosso Inimigo espiritual, e ele o é. Compreendamos, porém, que a razão para ele odiar

a humanidade e procurar a nossa ruína é que ele odeia a Deus, o Criador dele e nosso. Ele não é um criador, mas um destruidor; é um anjo caído, o exemplo arquetípico do bem transformado em mal. E agora ele tenta frustrar os planos de Deus, destruir sua obra, roubar-lhe a glória e, neste sentido, triunfar sobre Ele. Quando Deus inicia algo para seu louvor, Satanás está sempre lá, procurando manter-se no passo dEle, planejando meios de estragar e embargar os projetos divinos. "Diabo", o seu título descritivo, significa "caluniador"; alguém que pensa, fala e planeja o mal, primeiro contra o próprio Deus, segundo, contra a raça humana. O exército de inteligências sem corpos, que os Evangelhos chamam de demônios, tem "sobre si rei, o anjo do abismo; em hebreu era o seu nome Abadom, e em grego, Apoliom" (Ap 9.11), ambos os nomes significando "destruidor". Por causa do ódio feraz, persistente e impiedoso que sente pela humanidade, Satanás é chamado por assassino, maligno, leão rugidor e devorador, e grande dragão vermelho. Por seu hábito de torcer a verdade para alcançar os seus fins, é chamado de mentiroso e enganador. Ele é malicioso, mesquinho, repulsivo e cruel até o último grau.

Um enfado desdenhoso e temerário com o cristianismo tem levado alguns, hoje como no passado, a flertar com o satanismo, por brincadeira. Na realidade, porém, isso é tolice suicida, porque o Diabo descrito nas Escrituras detesta e escarnece de toda a humanidade; ludibria aqueles que lhe declaram submissão não menos que aos outros. Além disso, é extremamente astuto, muito mais esperto que nós, e altamente habilitado a manipular e usar as pessoas para atingir suas metas destrutivas. (Lembre-se de Eva, a quem Satanás enganou [2 Co 11.3; 1 Tm 2.14],

e Judas, em quem Satanás entrou para induzir à traição e à apostasia [Jo 13.27], e Elimas, ocultista e inimigo da fé, a quem Paulo teve de dizer: "Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor?" [At 13.10]). Como se vê, o Diabo é um inimigo a ser levado a sério.

Contudo, não devemos nos apavorar diante de sua diligência. Cristo já o venceu (Jo 12.31); Satanás é, agora, um adversário derrotado, um leão acorrentado, e o que ele pode fazer contra nós é soberanamente restrito em bases cotidianas, pois "fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis" (1 Co 10.13). Nós, que somos de Cristo, devemos detestar o Diabo, mas não ter medo dele, uma vez que Deus proveu-nos um equipamento de combate multiuso contra ele. É prerrogativa dos cristãos vestir "toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes" (Ef 6.13). Correr assustado do Diabo não é atitude de um cristão; é, ao contrário, demonstração de incredulidade.

A sabedoria recomenda não que gastemos o nosso tempo nos preocupando com Satanás, como se não houvesse limite para o que ele pode fazer, mas que simplesmente vigiemos e notemos os sinais de sua existência, isto é, as ações, paixões e circunstâncias que fazem guerra contra a causa e a honra do Criador. Tais eventos clamam por uma atitude de oração e moção contrária, conforme vemos em Neemias. As batalhas desse governador, enquanto se erguia o muro, ensinam-nos muito a respeito de como ganhar a nossa porção na guerra enfrentada por aqueles que servem a Deus.

Homens de Satanás

Ao descrever seus conflitos, Neemias concentra-se sobre três líderes da oposição: Sambalate, Tobias e Gesém. Ele relata que: os dois primeiros tiveram "grande desagrado que alguém viesse a procurar o bem dos filhos de Israel" (2.10); ele os informou desde o princípio: "Vós não tendes parte, nem justiça, nem memória em Jerusalém" (2.20); os três zombaram deles, desprezaram o empreendimento da reconstrução e acusaram os seus promotores de rebelião contra o rei da Pérsia (2.19; 6.5-7); Sambalate proferiu um discurso desdenhoso contra os judeus, e Tobias chamou-os de fracos e fez piada, diante de seus associados e do exército de Samaria, despejando escárnio sobre todo o empreendimento; em face de seu progresso, eles e mais alguns grupos "iraram-se sobremodo" e "ligaram-se entre si todos, para virem atacar Jerusalém" (4.7,8); e, quando os muros estavam edificados, e apenas os portões faltavam ser postos no lugar, os três cabeças fizeram uma última refrega na tentativa de intimidá-los e incriminá-los, e até mesmo de assassinar Neemias (6.1-4, 17-19; veja especialmente 2,13,14,19). O que fazer com esses homens enfurecidos, que se tornaram instrumentos de Satanás na oposição à restauração de Jerusalém?

Primeiro, os detalhes pessoais: o nome de Sambalate é babilônio. Neemias chama-o de horonita (2.10,19;13.28), ou seja, um nativo de Bete-Horom, 28 quilômetros a noroeste de Jerusalém, e informa que, vários anos depois, a filha dele casou-se com alguém da família do sumo sacerdote (13.28). Fontes extrabíblicas indicam que ele foi governador de Samaria em 407 a.C., trinta e oito anos depois de Neemias vir a Jerusalém e construir os muros, e que seus dois

filhos tinham nomes judeus, que celebravam Jeová. A suposição natural é que Sabalate fosse um não-judeu, talvez casado com uma judia; que já havia governado Samaria antes da chegada de Neemias; que não possuía interesse ou motivação religiosa de espécie alguma, e era deveras ansioso por cavar uma carreira, mostrando-se um servo leal do regime persa; que tinha muito medo de arriscar suas expectativas e perder o que ambicionava, se deixasse que sementes de rebelião fossem disseminadas à sua porta.

Ele era, então, um homem totalmente mundano, que se opunha a Neemias a fim de manter-se nas boas graças dos senhores persas e, sem dúvida, evitar o aparecimento desestabilizador de uma nova base de poder, distante menos de 64 quilômetros de seu próprio quartel-general. Sem dúvidas, ele foi sincero ao atribuir a Neemias e seus colegas um propósito de rebelião secreto, que, naturalmente, não divulgariam até se sentirem fortes o suficiente para executar.

Prazer, lucro e poder são a única motivação que os mundanos entendem. Podemos imaginar Sambalate explicando pontificalmente aos seus amigos que, uma vez que não havia qualquer prazer naquela árdua tarefa de reconstruir, o objetivo de Neemias deveria ser, por eliminação, lucro ou poder, ou ambas as coisas. Os mundanos atuais acusam os cristãos desse mesmo propósito de servir a si próprio. Nada há de novo debaixo do sol. Claramente, a honra e o louvor de Deus como motivo de ação não têm significado para Sambalate; e nisto, ele é um representante da humanidade caída.

Tobias é um nome judeu, que significa "Jeová é bom". Tobias casara-se numa família judia influente, que lhe deu alguns vínculos pessoais com a classe elevada de Jerusalém, incluin-

do Eliasibe, cujo filho era casado com a filha de Sambalate (6.17-19; 13.4,5). O filho de Tobias também se casara dentro da aristocracia de Israel. Evidentemente, as pessoas da classe alta consideravam Tobias como um deles, e ressentiram-se da atitude negativa de Neemias para com ele (6.17,19). Contudo, Tobias, "o servo amonita" (2.10), isto é, o judeu que fizera de Amom "a sua região eleita, onde ganhara um alto cargo",[1] enturmara-se com Sambalate, para deplorar, zombar e opor-se à reconstrução dos muros de Jerusalém. Ele também, ao que parece, era um carreirista entre os empregados persas, talvez já governador de Amom, ou se não, esperando sê-lo em breve, e não disposto a arriscar sua posição e expectativas, sancionando um projeto que, a seu ver, apenas causaria problemas. Ele era um sábio-segundo-o-mundo, formalista e pragmático, de coração e cabeça duros, que não era tolo a ponto de deixar a fé afetar sua vida pessoal e profissional. Para ele, a glória de Deus nada significava como motivo. Era um cético, alguém um tanto familiar no mundo moderno.

E quanto a "Gesém, o arábio" (2.19)? Kidner comenta: "Há evidências de que Gesém (cf. 6.1ss), longe de ser um estrangeiro insignificante, era uma figura até mais importante que seus companheiros... De outras fontes, emerge que Gesém e seu filho governavam uma liga de tribos árabes, que controlavam Moabe e Edom (vizinhos de Judá, ao leste e ao sul), com parte da Arábia e imediações do Egito, sob o Império Persa".[2] Ele era, claramente, um filho do chefe supremo; isto, porém, não o fazia maior que um agente do poder, diplomaticamente afinado. E ele era um pagão. Tristemente, ele, Sambalate e Tobias tornaram-se, ou ao menos tentaram tornar-se, uma tríade política empenhada em impedir que Deus fosse glorificado em Jerusalém.

Às vezes, no mundo secular, onde grupos cristãos buscam liberdade para a sua fé atuar com plenitude, bem como no mundo semissecular de vida denominacional, Sambalate, Tobias e Gesém reaparecem. Eles tomam a forma de burocratas, e qualquer versão do cristianismo que desafie o *status quo* é vista por eles como subversiva, desnecessária, sem inteligência e destrutiva, em vez de construtiva. Nas igrejas locais, qualquer líder que valorize a ordem acima do ardor e a rotina acima do avivamento, e que despeje água fria sobre os visionários, tão logo eles proponham algo a ser feito, arrisca-se a ser um Sambalate ou Tobias. A lealdade de tais pessoas, com a qual pensam estar servindo a Deus, é dirigida às instituições cristãs, em vez de à verdade bíblica. Eles não têm ideia de que, com isto, tornam-se instrumentos de Satanás para apagar a vida espiritual; tampouco compreendem por que os cristãos que obtiveram sua fé e chamada por meio da Bíblia acham necessário lutar contra eles. O orgulho refletido em sua confiança de que a sabedoria está com eles e que possuem um dever cristão de sustentar o *status quo* contra os reformadores, baseados na Bíblia, faz dos Sambalates e Tobias de nossa era figuras patéticas e trágicas ao mesmo tempo. Contudo, isso não reduz, de forma alguma, a nossa obrigação de nos postarmos contra eles, quando se opõem à obediência à verdade divina. Nisto, Neemias serve-nos de modelo — um modelo de grande relevância para os tempos atuais.

Guerra Psicológica

Volvemos agora aos três tipos de ataque usados por Satanás, por intermédio de seus agentes humanos, contra a grande equipe de reconstrutores liderada por Neemias.

Houve guerra psicológica, ameaças físicas, e desencorajamento e solapamento pessoais. O capítulo 4 do livro de Neemias mostra-nos os três. Conheçamo-los por ordem.

A guerra psicológica, como a chamamos hoje, tem a ver com a destruição do moral. O escárnio e o desprezo com que alguém mostra considerar o outro um tolo e teimoso constituem uma arma fatal para este propósito. O moral é profundamente desafiado, quando percebemos que estão zombando de nós e comentando quão estúpido somos para estar fazendo o que estamos. Em sua ira, Sambalate entendeu isso e agiu exatamente assim. Não sabemos se ele manteve sua zombaria ao alcance dos ouvidos de Jerusalém, como supõem alguns, ou se arranjou para que as pessoas presentes fossem direto a Jerusalém e espalhasse o que fora dito. Tudo o que sabemos é o que Neemias nos conta: que as palavras de Sambalate e Tobias realmente se espalharam. Cada questão retórica de Sambalate (obviamente, os pontos-chave de seu discurso) foi uma estocada no moral dos construtores. Sob a direção de Deus, Neemias havia suscitado regozijo, com a conscientização de que a reconstrução era possível, afinal, e que as quarenta e uma equipes, edificando juntas, seriam capazes de fazer acontecer. Sambalate estava resolvido a gerar depressão e desespero, e planejou um discurso nesse teor para os seus patrocinadores (4.2).

"Que fazem estes fracos judeus?" (Olhe que pobre grupo de incompetentes eles são!) "Permitir-se-lhes-á isso?" (A tarefa certamente está além de sua capacidade.) "Sacrificarão?" (Imaginam que algum exercício devocional extra fará os muros erguerem-se, como por mágica?) "Acabá-lo-ão num só dia?" (Isto é, eles compreendem a enorme tarefa que abraçaram e quanto tempo ela tomará? Não têm a menor noção

da realidade!) "Vivificarão dos montões do pó as pedras que foram queimadas?" (Não sabem que pedra queimada se esfarela?) Na verdade, apenas os portões da cidade haviam sido queimados; os muros tinham simplesmente desmoronado. Então, a maioria das pedras não fora calcinada e poderia ser reutilizada. Indubitavelmente, porém, a zombaria de Sambalate descera a um nível bem baixo; seu humor, agora, predispunha-o a aceitar a pilhéria de Tobias ("vindo uma raposa, derrubará facilmente o seu muro de pedra") como uma palavra de sabedoria (4.3). "Mesmo vinda de um homem importante, uma piada tão estulta carece de certa ajuda da atmosfera", comenta Kidner,[3] e ele está certo.

A resposta de Neemias a esta salva de artilharia na guerra de nervos foi impactante. Com um cálculo cuidadoso, Sambalate tocara na insegurança interna, na incerteza pessoal e no medo de falhar que, neste mundo decaído, fazem parte da maioria das pessoas, e a experiência deve ter sido levada a proporções épicas aos envergonhados jerusalemitas. O propósito de Sambalate era paralisar o esforço, por meio da indução ao desespero, e Neemias deve ter compreendido que ele poderia facilmente ser bem-sucedido. O moral, conquanto elevado, era frágil, e não levaria muito tempo a baixar.

Tampouco devemos supor que o próprio Neemias fosse imune ao impacto das palavras de Sambalate: ninguém sabia, melhor que ele, que os judeus eram fracos, que a empreitada era imensa, que não havia fórmulas secretas para o sucesso, que aquele serviço poderia vir a ser demasiadamente demorado, e que reutilizar pedras apanhadas no entulho de um muro demolido algum tempo atrás, seria um trabalho complicado e desanimador, sem nada do romantismo envolvido

na construção de uma estrutura original, feita com materiais novos. Ninguém continua sendo líder, se o povo não mais o segue; se os operários concluíssem que o empreendimento era impossível e desistissem, Neemias ainda seria o governador, mas a sua liderança estaria no fim. Então, impulsionado tanto por suas ansiedades renovadas quanto por seu propósito de reerguer os muros para a glória de Deus, ele foi orar uma vez mais. Conforme já notamos, Neemias quis destacar o fato de que tudo o que ele fazia era consumado por meio da oração; por isso, não nos surpreendemos com esta abrupta inserção de sua prece naquela circunstância (4.4,5).

Sua oração cristaliza-se em um duplo rogo:

1. *O rogo pelo amparo divino aos seus servos*: Este é o significado de "Ouve, ó nosso Deus, que somos tão desprezados... pois que te irritaram defronte dos edificadores". Neemias está pedindo que Deus considere o efeito debilitante das palavras de Sambalate e conceda novas forças e confiança aos trabalhadores.

2. *O rogo pelo julgamento divino sobre os inimigos*. Este é o significado de "caia o seu opróbrio sobre a sua cabeça... E não cubras a sua iniquidade, e não se risque diante de ti o seu pecado". Neemias não está expressando vingança pessoal contra Sambalate e Tobias, mas zelo por Deus, para que vingue a si mesmo contra eles, por se oporem ao Senhor.

O mesmo ocorre em vários salmos imprecatórios, nos quais o Deus de justiça é solicitado a inverter situações onde o poder pareceu certo, e o crime, recompensado. Aqui, também, é central o desejo de que, para o seu louvor, Deus trate os ímpios conforme merecem.

Encontramos, hoje, certa dificuldade nas orações bíblicas que rogam a vingança de Deus, em parte por causa de sua

exuberância de expressão própria do oriente, que aos nossos ouvidos soa sedenta de sangue e cheia de satisfação maligna (detalhes imaginativos sobre a expectativa malfazeja de alguém são culturalmente inaceitáveis aos ocidentais); mas, principalmente, porque o zelo puro pela glória de Deus expresso nessas orações é estranho aos nossos corações espiritualmente morosos. O princípio-chave aqui é declarado em Salmos 139.21,22: "Não aborreço eu, ó Senhor, aqueles que te aborrecem, e não me aflijo por causa dos que se levantam contra ti? Aborreço-os com ódio completo; tenho-os por inimigos". Quanto mais nos aproximamos desse estado de espírito, que é um processo secundário do desejo de que seja feita a vontade de Deus, de que venha o seu Reino, e de que o seu nome seja santificado e glorificado menos problemas teremos com súplicas por vingança.

Ouvimos, às vezes, que tais orações são um fenômeno do Antigo Testamento deixado atrás pelo Novo e, implicitamente, condenado por ele. Todavia, não é assim. No livro de Apocalipse, os mártires clamam: "Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" (6.10). E quando a Babilônia, emblema do orgulho, da ganância, insensibilidade e crueldade mundanos, é finalmente derrotada, os santos e os anjos unem-se na canção: "Aleluia! Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor, nosso Deus, porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos... Aleluia! E a fumaça dela sobe para todo o sempre" (19.1-3). O que nos está sendo mostrado aqui é que quando os cristãos chegarem ao céu, tendo a santificação completada

e a mente plenamente conformada à de Cristo, como é a mente dos anjos, regozijar-se-ão para sempre, não apenas pelas misericórdias com que Deus glorificou-se a si mesmo em suas vidas, mas também pelos julgamentos com que se vindicou contra aqueles que o desprezam. Os cristãos têm dificuldade em acreditar nisso porque, sendo pecadores imperfeitamente santificados no presente, experimentam grande sentimento de solidariedade para com outros pecadores e bem pequeno senso de como Deus é glorificado em seus julgamentos retribuidores. Contudo, não há dúvidas de que aprender a louvar a Deus por seus julgamentos, não menos que por suas misericórdias, é algo que todos os santos devem antegozar como parte da instrução divina para a sua vida de santidade.

"Amai a vossos inimigos... orai pelos que vos caluniam", recomendou Jesus (Lc 6.27,28), e o desejo que o amor e a oração devem expressar é o de que Deus mostre clemência aos nossos inimigos, convertendo-os totalmente a si. Jesus exemplificou isso de modo inesquecível ao orar pelos soldados que o cravaram na cruz: "Pai, perdoa-os, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Sua referência às orações que fazia por Jerusalém: "Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas" (Mt 23.37), indica a mesma coisa. Não obstante, Jesus também falou objetivamente, e sem sinal de pesar, do dia quando ele mesmo, justamente, banirá de sua presença para a miséria eterna todos aqueles que não lhe deram verazmente o coração (Mt 7.23; 10.33; 23.33-35; 24.48-51; 25.41-46; etc). De igual modo falou Paulo sobre o julgamento ("a ira de Deus") que estava sobre os judeus, por cuja conversão ele orava sinceramente (ver Rm 10.1; 1 Ts 2.14-16).

A verdade é que conter o desejo de vingança e pedir que Deus mostre misericórdia aos nossos inimigos, convertendo-os, ao mesmo tempo em que reconhecemos que ele decerto julgará os *seus* inimigos, e até pedir que comece a fazê-lo de imediato, não são comumente linhas de oração. Antes, são expressões do desejo de glorificar a Deus, tendo como meta a santificação do seu nome, bem como ignorância dos detalhes do plano divino, do modo como ele se relaciona ao destino de cada indivíduo. Entretanto, as Escrituras mostram-nos claramente que: a oração intercessória, expressando o desejo de que a vontade de Deus seja feita é, ela mesma, uma atividade da vontade de Deus; não podemos esperar que Deus faça algo que queremos, se não lho pedirmos explicitamente; e o conhecimento deve bastar para manter-nos em oração tanto pela conversão das pessoas que conhecemos como pela ruína de todos os que se opõem a Deus.

Neemias orava pela conversão de Sambalate e Tobias? Não sabemos. Talvez não o fizesse; e talvez houvesse sido um homem melhor se o fizesse (como já dissemos antes, não há razão para pensarmos que Neemias foi alguém sem pecado, ou negarmos que, em seu zelo pela glória de Deus, ele se inclinasse a ser ríspido e severo). Mas, uma vez que Sambalate e Tobias faziam-lhe oposição o tempo todo, e com isto opunham-se a Deus, é natural que ele orasse contra eles e os entregasse a Deus para que tratasse deles, conforme registrou.

E, certamente, uma coisa que Neemias queria que os seus leitores soubessem é que as suas orações por sustentação, face às tentativas de solapamento, foram respondidas de um modo decisivo. O moral continuou firme, e qualquer ira gerada pelo comentário escarnecedor de Tobias e Sam-

balate serviu apenas para energizar o labor dos trabalhadores. ("É isto que pensam? Vamos mostrar-lhes!") "Assim, edificamos o muro, e todo o muro se cerrou até sua metade; porque o coração do povo se inclinava a trabalhar" (Ne 4.6). Assim, a primeira forma de oposição — a pressão psicológica — foi superada.

Ameaças Físicas

A ameaça de invasão para demolir o que fora construído foi o problema seguinte. Os que desejavam mal ao empreendimento de reconstruir moravam nas cercanias da cidade; Sambalate morava ao norte, em Samaria, e Tobias e os amonitas, ao leste, além dos arábios ao sul, e das forças de Asdode a oeste: "E ligaram-se entre si todos, para virem atacar Jerusalém e para os desviarem do seu intento" (4.8). Notícias realmente desencorajadoras! As forças combinadas ao redor da cidade santa estavam seguras de serem numericamente superiores, e a mensagem recebida foi de que estavam prontas a lançar um ataque surpresa eficaz. "Nada saberão disso, nem verão, até que entremos no meio deles e os matemos; assim, faremos cessar a obra" (4.11).

Ao que parece, a mensagem veio por meio dos "judeus que habitavam entre eles" (v.12) — judeus colonos e assentados na terra, num raio de 48 quilômetros ao redor de Jerusalém, vivendo perto dos centros de atividade hostil. Como partidários da reconstrução, esses judeus rurais, pesarosamente, vieram e "dez vezes nos disseram que, de todos os lugares, tornavam a nós" (4.12). Disseram a "*nós*", não a mim, escreve Neemias. Evidentemente, os visitantes vindos do campo tagarelavam com todos sobre o ajuntamento das tropas e o estoque de armas. O fato de haverem dito que os invasores "*nos*" atacariam deixa claro que

eles consideravam-se apoiadores da obra; por tudo isso, porém, a sua sombria tagarelice foi bem calculada para interromper o trabalho e espalhar o alarme e o desânimo em grande escala. Com amigos como esses, deve ter pensado Neemias, quem precisa de inimigos? Embora os judeus campesinos obviamente pensassem estar sendo úteis ao dizer aquelas coisas, e aparentemente terem feito jornadas especificamente para aquele propósito, a sua afirmação de que não havia meios de se evitar o ataque só fez deprimir e desmoralizar. Portanto, o "dez vezes" de Neemias (como diríamos, "se me falou uma vez, falou-me doze") deixa entrever a sua irritação. As notificações sobre as forças esmagadoras alinhadas contra Jerusalém, juntamente com as advertências de que a resistência seria inútil, eram a última coisa de que ele e os construtores necessitavam. De igual modo, as declarações de que nada pode ser feito para impulsionar adiante as igrejas são a última coisa que os pastores e líderes precisam ouvir hoje. Não obstante, as coisas continuam a ser como nos dias de Neemias: nenhuma igreja precisa de amigos que têm como ministério especial o comunicar tais mensagens negativas, e que não duvidam de que a sua previsão pessimista seja a mais útil contribuição que podem dar. As informações factuais que trazem podem até ser úteis, mas a melancolia oracular que espalham é incrivelmente mascarada como sabedoria, e precisa ser abafada logo no início.

Neemias, conforme já vimos, foi uma personificação da nobre máxima de William Carey: "Empreenda grandes coisas para Deus — espere grandes coisas de Deus"; e ele não estava disposto a entregar os pontos. James Montgomery Boice descreve bem o próximo movimento de Neemias:

Em termos militares, Neemias deveria saber que era improvável os inimigos atacarem a cidade com força total, uma vez que ele tinha por trás de si a imponente autoridade de Artaxerxes... Por outro lado, deveria saber que o que chamaríamos de luta de guerrilha era provável... Além disso, ele sabia que qualquer coisa dessa natureza desmoralizaria tanto o povo, que o trabalho pararia e nunca mais seria retomado... O que deveria fazer Neemias? O que ele fez foi extremamente sábio: lidou com o perigo real... de um modo que ergueu a baixa autoestima do povo e fortaleceu-lhe a resolução. Neemias transformou Jerusalém num campo armado. Quando a ameaça tornou-se conhecida, ele respondeu postando guardas dia e noite (v.9). Quando os rumores de violência prosseguiram e começaram a ter um efeito desmoralizante, ele foi além: (1) interrompeu o trabalho (4.13,15); (2) armou o povo (vv. 13,17,18); e (3) organizou o povo em grupos de famílias, nos locais mais expostos do muro (v.13). Dividi-los em famílias correspondia ao modo tradicional de Israel lutar, e tornou cada um mais consciente do risco... Quando os inimigos souberam da preparação dos judeus, e que o seu complô [o ataque surpresa] fora frustrado, a pressão diminuiu, e Neemias pôde mandar os operários retornar aos muros. Contudo, ele não esqueceu a ameaça. Por conseguinte, (1) ele dividiu o povo em dois grupos, um dos quais trabalharia, e o outro estaria de prontidão para lutar a qualquer momento (vv. 16-18); (2) desenvolveu um plano para agruparem-se num ataque inesperado (vv. 18-20); (3) acelerou o ritmo da construção (desde a subida da alva até ao sair das estrelas, v. 21); e (4) manteve o povo na cidade dia e noite (v. 23).[4]

Desencorajamento Pessoal

Enfrentar o perigo da ação militar hostil tornou mais complicada e mais difícil a missão de reconstruir. A necessidade de destacar da força-tarefa "metade" de seus homens para servirem como guarda armada (4.16), e o embaraço de cada construtor usar uma espada e cada carregador portar uma lança, enquanto lidavam com pás, pedras, e argamassa (4.18), inevitavelmente atrasaram as coisas e impuseram cargas extras, que ninguém desejava. E não foi apenas isso. Enquanto se intensificava a defesa, "disse Judá: Já desfaleceram as forças dos acarretadores, e o pó é muito, e nós não poderemos edificar o muro" (4.10). A alegria com que haviam abraçado a tarefa de reconstruir não fora verdadeiramente realística. Remover os entulhos do passado para que os novos muros tivessem uma fundação adequada provara-se uma trabalheira maior do que haviam imaginado, e os construtores, encarando um serviço talvez duas vezes maior do que haviam antecipado, estavam perdendo o ânimo. Neemias tinha de lidar com o problema da defesa, sabendo que, cada vez mais, trabalhadores de sua equipe estavam suspeitando de que, mesmo sem ameaças externas, a missão achava-se simplesmente além de seu alcance, e eles poderiam jamais vir a completá-la. O desencorajamento pessoal diante da magnitude das tarefas assumidas — desencorajamento do tipo que mina empreendimentos, diminui esforços, e gera a apatia e a inércia do desespero — estava infectando rapidamente toda a força trabalhista. Isso também era problema de Neemias.

E não apenas de Neemias. Pastores e líderes espirituais de hoje, cujas aflições estendem-se além da subsistência da missão, e que buscam a genuína expansão do Reino de

Deus, encontram-se vez após vezes frente ao que tem sido classificado como pedra de entrave: indolência, incredulidade, procrastinação, ceticismo, interesse próprio, rivalidade interna e indecisão entre o povo do Senhor, e muitos outros fatores semelhantes, que estorvam e obstruem o avanço espiritual. Isso torna o serviço de liderança duas vezes mais difícil e o andamento da obra duas vezes mais lento. O próprio Neemias, enfrentando a zombaria de Sambalate, Tobias e seus amigos, mais a ameaça de infiltração da guerrilha e a desesperadora reclamação dos construtores, deve ter sentido a tentação de desistir, tão fortemente quanto os seus liderados. A mesma coisa deve ter sido experimentada, muitas vezes, por Moisés, diante da insensatez do povo na caminhada pelo deserto; por Paulo, ante as invasões das heresias, da imaturidade e da imoralidade nas igrejas que fundara; e por Jesus, ao ver o embotamento espiritual dos discípulos, mesmo os mais chegados. Não obstante, eles prosseguiram como fazem os verdadeiros líderes espirituais da atualidade, a despeito dos mal-entendidos, da malícia e de todas as formas de hostilidade. Há uma fonte secreta de força, onde os líderes, como os seus seguidores, podem sempre beber para estabilizar e reanimar-se, e equipar-se para o encorajamento de outros.

Que fonte é esta? A admoestação de Neemias: "Lembrai-vos do Senhor", já no-la apontou: a fonte de força é o conhecimento de Deus, relembrado, reavivado, reenfocado, meditado e aplicado à circunstância. O Deus a quem servimos é, conforme declarou Neemias, "grande e terrível"; "grande" em sua sabedoria, graça, fidelidade e poder; e "terrível" em seu hábito de expor os seus servos aos perigos, dificuldades, labutas e ciladas, dos quais Ele os livra. Ser um

companheiro de labor desse Deus, e fazer parte em seus trabalhos de amor, bênção e redenção neste mundo é um privilégio maravilhoso e o maior que podemos ter na vida. O trabalho pode ser mais árduo do que imaginamos, mas ainda sentiremos a admiração e a glória de ser cooperador de Deus. E jamais nos esqueçamos de que, como já disse alguém, uma pessoa com Deus é maioria; ou, como observou outro, embora o salário por servir a Deus aqui possa ser incoerente, a pensão é do outro mundo. Neemias sabia disso e, portanto, era capaz tanto de enfrentar a oposição como um bom nadador enfrenta as ondas quanto de proferir palavras que punham nova esperança em seus seguidores debilitados e assustados. "No lugar onde ouvirdes o som da buzina, ali vos ajuntareis conosco; o nosso Deus pelejará por nós" (4.20). "O Deus dos céus é o que nos fará prosperar" (2.20). As declarações de Neemias expressavam convicção, e assim trouxeram convicção: Jerusalém reanimou-se para resistir à invasão, e a limpeza do entulho foi retomada. O desencorajamento — uma das armas mais fortes de Satanás — foi efetivamente anulado. Pela graça divina, e na força do Senhor, a obra de Deus prosseguiu.

"Se você não perder a cabeça, enquanto todos à sua volta a estão perdendo e pondo a culpa em você... você será um homem, meu filho", escreveu Kipling. Neemias, igual a Moisés, Paulo e Jesus, mostrou-se um homem no sentido assinalado por Kipling, e talvez num sentido ainda mais profundo que este compreendido por ele. Aqueles que conhecem a Deus são capazes de manter a cabeça em condições de pânico, e o fazem por causa do que lhes está no coração. O que é? Não é apenas uma ortodoxia intelectual, mas uma paixão inquebrantável e consumidora pela proximidade com

5

Testado para a Destruição

Há quarenta anos, Nevil Shute era o romancista mais vendido e mais popular da Grã-Bretanha, e fazia por merecer. Engenheiro aeronáutico, ele aproveitava as horas de folga para escrever histórias fascinantes, de interesse humano, nas quais explorava vividamente aspectos da decência no homem comum — integridade, lealdade, amor, coragem, fidelidade, honestidade, responsabilidade, e heroísmo discreto e abnegado no dia-a-dia. As histórias atraíam por serem iluminadas com eventos contemporâneos e abordarem problemas da vida real, de modo refletido e, às vezes, devastador. *No Highway* foi, penso eu, a primeira obra de Shute que li e, certamente, a de que mais me recordo. Ela conta de um chefe de departamento que arriscou a carreira, apoiando um pesquisador excêntrico, que acreditava que o leme horizontal de uma aeronave, então em serviço, se quebraria por fadiga do metal, após muitas horas de voo. Ao longo da história, um desses lemes é testado, e o clímax inclui sua desintegração, aproximadamente no tempo predito. A história ainda me dá arrepios, parcialmente por sua descrição de profissionais dispostos a suprimir teoristas e pôr em perigo as pessoas, em vez de assoprar um apito

de advertência, e em parte por lembrar os dilemas que o conhecimento com integridade pode gerar; parcialmente, ainda, porque me recordo de como um dos primeiros jatos britânicos, um Comet, despedaçou-se no ar por fadiga do metal, matando, entre outros, o então diretor do Overseas Missionary Fellowship, com quem eu tinha certo vínculo pessoal; e principalmente, eu sei, porque o conto de Shute faz-me pensar em Satanás, cujo trabalho diário é testar para a destruição.

A Estratégia de Satanás

As Escrituras, como sabemos, falam tanto das "tentações" de Deus quanto das de Satanás, isto é, de provar as pessoas para ver o que há nelas, testando-as como os estudantes são testados nos exames escolares. Lemos que Jesus foi tentado pelo Diabo (Mt 4.1), e que Deus tentou a Abraão (Gn 22.1), e a verdade é que em cada situação de teste, tanto Satanás quanto Deus acham-se envolvidos. Deus nos testa para produzir excelência em discipulado, como Moisés explicou aos israelitas, ao final da vagueação pelo deserto: "E te lembrarás de todo o caminho pelo qual o Senhor, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te tentar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias os seus mandamentos ou não... No deserto te sustentou com maná... para te humilhar, e para te provar, e para, no teu fim, te fazer bem" (Dt 8.2,16). Satanás, ao contrário, testa-nos visando à nossa ruína e destruição, conforme transparece da razão de Paulo haver enviado Timóteo a fortalecer e encorajar os cristãos tessalonicenses: "Para que ninguém se comova por estas tribulações; porque vós mesmos sabeis que para isto fomos ordenados; pois, estando ainda convosco, vos

predizíamos que havíamos de ser afligidos, como sucedeu, e vós o sabeis. Portanto, não podendo eu também esperar mais, mandei-o saber da vossa fé, temendo que o tentador vos tentasse, e o nosso trabalho viesse a ser inútil" (1 Ts 3.2-5).

Satanás, é claro, estava com os israelitas no deserto, laborando para induzi-los à incredulidade e à ilegalidade de várias formas, e, algumas vezes, foi bem-sucedido em seu propósito, ao menos por um curto tempo. E Deus estava com os tessalonicenses na fornalha, disciplinando-os para o bem deles mesmos, para que partilhassem sua santidade (veja Hb 12.10). A tentação tem sempre dois lados. Portanto, sempre que percebermos Satanás tentando nos derrubar, devemos lembrar-nos de que Deus está presente para manter-nos firmes e edificar-nos na travessia da experiência angustiante. Isto é algo de que jamais podemos nos esquecer.

Satanás é um destruidor cheio de ódio, que se sente feliz apenas quando está arruinando a obra de Deus em indivíduos e comunidades. Já sugeri que a narrativa de Neemias sobre a oposição à reconstrução dos muros deve ser entendida como a mão odiosa de Satanás destruindo o trabalho de Deus, e no presente capítulo devemos seguir esta linha de pensamento. Em Neemias 4, vimo-lo usando três estratagemas — guerra psicológica, ameaças físicas e desencorajamento pessoal — para nulificar o projeto de reconstrução de Neemias. Nos capítulos 5 e 6, vê-lo-emos, depois de suas tentativas falhas, voltar a atenção para Neemias de um modo mais direto, batalhando para destruí-lo pessoalmente, procurando desacreditá-lo em seu papel de líder do povo de Deus, no trabalho de Deus. Vê-lo-emos, ainda, preparar para esse fim quatro artimanhas: incriminação, intriga, insinuação e intimidação. Ele é deveras versátil! E veremos

Neemias obter sucesso por meio da fé, da sabedoria e da boa vontade, vencendo cada uma dessas formas de armadilhas, subindo ao topo de suas realizações: a completude dos muros "em cinquenta e dois dias... porque... o nosso Deus fizera esta obra", uma quantidade estupenda de trabalho, dentro de menos de dois meses, e com um perturbador por perto (6.15,16). Descobriremos ser esta uma história de guerra e triunfo espirituais, cheia de lições e encorajamentos para todos os servos de Deus.

A manobra de Satanás foi sutil. Começou com uma produção de queixas, que ameaçaram parar o trabalho, e uma tentativa de denegrir Neemias e aliená-lo da comunidade, o que mais tarde tornou-se evidente. Veja como Neemias narrou o episódio:

> Foi, porém, grande ao clamor do povo e de suas mulheres contra os judeus, seus irmãos. Porque havia quem dizia: Com nossos filhos e nossas filhas, nós somos muitos; pelo que tomemos trigo, para que comamos e vivamos. Também havia quem dizia: As nossas terras, as nossas vinhas e as nossas casas empenhamos, para tomarmos trigo nesta fome. Também havia quem dizia: Tomamos dinheiro emprestado até para o tributo do rei, sobre as nossas terras e as nossas vinhas. Agora, pois, a nossa carne é como a carne de nossos irmãos, e nossos filhos, como seus filhos; e eis que sujeitamos nossos filhos e nossas filhas para serem servos, e até algumas de nossas filhas são tão sujeitas, que já não estão no poder de nossas mãos; e outros têm as nossas terras e as nossas vinhas. Ouvindo eu, pois, o seu clamor e essas palavras, muito me enfadei. E considerei comigo mesmo no meu coração; depois, pelejei com os nobres e com os magistrados e disse-

lhes: Usura tomais cada um de seu irmão. E ajuntei contra eles um grande ajuntamento. E disse-lhes: Nós resgatamos os judeus, nossos irmãos, que foram vendidos às gentes, segundo nossas posses; e vós outra vez venderíeis vossos irmãos ou vender-se-iam a nós? Então, se calaram e não acharam que responder. Disse mais: Não é bom o que fazeis: Porventura, não devíeis andar no temor do nosso Deus, por causa do opróbrio dos gentios, os nossos inimigos? Também eu, meus irmãos e meus moços, a juro, lhes temos dado dinheiro e trigo. Deixemos este ganho. Restituí-lhes hoje, vos peço, as suas terras, as suas vinhas, os seus olivais e as suas casas, como também o centésimo do dinheiro, do trigo, do mosto e do azeite, que vós exigis deles. Então, disseram: Restituir-lho-emos e nada procuraremos deles; faremos assim como dizes. Então, chamei os sacerdotes e os fiz jurar que fariam conforme esta palavra. Também o meu regaço sacudi e disse: Assim sacuda Deus a todo homem da sua casa e do seu trabalho que não cumprir esta palavra; e assim seja sacudido e vazio. E toda a congregação disse: Amém! E louvaram o Senhor; e o povo fez conforme esta palavra. Também desde o dia em que fui nomeado seu governador na terra de Judá, desde o ano vinte até ao ano trinta e dois do rei Artaxerxes, doze anos, nem eu nem meus irmãos comemos o pão do governador. Mas os primeiros governadores, que foram antes de mim, oprimiram o povo e tomaram-lhe pão e vinho e, além disso, quarenta siclos de prata; ainda também os seus moços dominavam sobre o povo; porém eu assim não fiz, por causa do temor de Deus. Antes, também na obra deste muro fiz reparação, e terra nenhuma compramos; e todos os meus moços se ajuntaram ali para a obra. Também cento e cinquenta homens dos judeus e dos magistrados e os que vinham a nós, dentre as gentes que estão à roda de nós, se

> punham à minha mesa. E o que se preparava para cada dia era um boi e seis ovelhas escolhidas; também aves se me preparavam e, de dez em dez dias, de todo o vinho muitíssimo; e nem por isso exigi o pão do governador, porquanto a servidão deste povo era grande. Lembra-te de mim para bem, ó meu Deus, e de tudo quanto fiz a este povo.
>
> (Neemias 5)

Incriminação

O capítulo divide-se em três partes: versículos 1-5, as queixas ouvidas por Neemias; versículos 6-13, os passos dados por Neemias; versículos 14-19, o exemplo demonstrado por Neemias. Minha exposição seguirá esse esboço.

Primeiro, *as queixas ouvidas por Neemias* (5.1-5). No capítulo 4, o cenário era de uma comunidade reunindo-se e solidarizando-se sob pressão. Aqui, no entanto, o quadro é o dessa mesma comunidade dividindo-se por causa das injustiças supurando entre os seus membros. Ouviu-se o "grande clamor" das esposas — mães e donas de casa — unindo-se aos maridos em protesto ao modo como os lares e as famílias estavam sendo ameaçados (5.1). Parece que a explosão pública foi repentina, embora, como veremos, os motivos da queixa estivessem, havia muito tempo, afligindo a vida do povo. O sentimento de injustiça comunitária pode percorrer uma comunidade como fogo em rastilho de pólvora, tão logo a queixa inicial tenha rompido a superfície. Imagine as delegações e manifestações surgindo, como que do nada, para alertar Neemias da montanha de problemas sociais que, como um recém-chegado, ele ainda não percebera que existiam.

Não nos é dito exatamente como aconteceu, mas é natural supor que transcorrera cerca de um mês de reconstrução antes que as ameaças de invasão se tornassem claras, enquanto o problema do entulho ainda era agudamente sentido, e antes que fosse possível aos trabalhadores perceber que o final do trabalho se aproximava. Uma nova crise era a última coisa de que Neemias precisava; todavia, sob a artificiosa mão orquestradora de Satanás, eis o que ele enfrentou: as condições de campo armado na cidade, mais o sangue, a labuta, as lágrimas e o suor dos operários do muro, trouxeram uma variedade de sentimentos hostis; e agora que se achavam expostos, nada havia a fazer, senão tratar das queixas, o mais rápido e decisivamente possível.

Quais eram as queixas, afinal? Neemias registra três níveis específicos de perigo, tornados públicos em três linhas específicas de queixas. É natural supor que a maioria dos queixosos, senão todos, pertencia a famílias que, inicialmente, haviam aplaudido o projeto de Neemias e deixado seus homens trabalhar nos muros. Mas agora, passado o primeiro jorro de entusiasmo, eles estavam dispensando à causa um segundo pensamento, o qual, talvez, as esposas fossem as mais francas em expor em palavras. No entanto, conforme declarado por Neemias, pode ser que as queixas fossem estas:

O trabalho nos muros suspendia o trabalho nos campos. Se as coisas continuassem como estavam, não haveria colheitas no ano seguinte, e as famílias passariam fome (5.3).

A falta de mantimento (uma ou mais colheitas ruins no passado) já havia obrigado alguns do povo a hipotecar parte de suas terras, para ter com que comprar grãos (5.3). Isso significa que já se achavam desesperadamente próximos à

ruína; se, então, os maus tempos continuassem, e eles ficassem impossibilitados de fazer os reembolsos, não haveria para eles futuro, e logo perderiam totalmente suas propriedades.

A perda das terras, do modo descrito, mais a necessidade de pagar juros sobre os empréstimos de outras fontes, compelira algumas famílias a vender os filhos para a escravidão, como única maneira de continuar sobrevivendo (5.4,5).

No fundo, a questão era que a reconstrução dos muros, por cima de tudo o que já havia, estava arruinando os pobres e, por isso, deveria ser abandonada; de todo modo, os operários empobrecidos teriam de retirar-se do trabalho.

Em tudo isso, porém, conforme observa Neemias, o imediato objeto de hostilidade não era ele próprio, mas "seus irmãos judeus" (5.1,5), os ricos, "nobres e magistrados" (5.7), que haviam emprestado o dinheiro, confiscado as terras e agora, animadamente, aceitavam meninas de famílias pobres como escravas, e preparavam-se para tomar os meninos também (5,5). A imperturbável prontidão dos ricos em tirar vantagem dos pobres, na base do "negócio é negócio", e tratá-los de um modo que os deixava ainda mais pobres e infelizes vinha, havia muito tempo, provocando ressentimentos. Era isso, basicamente, o que então rompia a superfície e tinha de ser tratado. Legalmente, nada havia de errado; moralmente, porém, o comportamento dos abastados era uma empedernida exploração, numa comunidade que Deus chamara para viver em fraternidade, pelo princípio de amor ao próximo (veja Lv 19.18). Há muito que se creditar a Neemias, pois quando os fatos lhe foram apresentados, ele chocou-se, enfureceu-se e resolveu fazer algo a respeito (5.6,7). Isso nos leva à próxima seção.

Segundo, *os passos dados por Neemias* (5.6-13). A ira de Neemias ante a vitimação dos pobres assemelhou-se à ira do Senhor Jesus ante a comercialização no Templo — não a raiva rabugenta de alguém, cujos planos pessoais tenham sido frustrados, mas um sentimento doloroso de ultraje, face a um comportamento que era ímpio em sua natureza e abusivo em seus efeitos. Sua ira levou-o a pensar arduamente (5.7a) — e, por certo, a orar também, embora ele não o mencione — acerca do que deveria fazer.

Talvez ele tenha pensado primeiro em tentar evitar o assunto, dizendo aos companheiros: "Vejam, levantar os muros é a prioridade de Deus para todos nós. Isso é tão importante, que não posso me incomodar com essas queixas agora, e vocês não devem se incomodar também". Mas isso seria revelar uma crueldade igual a dos exploradores dos pobres; teria sido um lapso pessoal de amor ao próximo, como o teria sido se o samaritano da história de Jesus houvesse decidido que tinha coisa mais importante a fazer, em vez de socorrer o judeu na sarjeta. Certamente, isso haveria alienado os pobres da liderança de Neemias, fazendo dele alguém sem compaixão por seu sofrimento, o que poderia levar muitos de sua força-tarefa a retirar-se dos muros de uma vez por todas. E teria sido uma falha de liderança, porque os líderes verdadeiros aceitam responsabilidades pelo bem-estar de seus liderados; nenhum líder digno desse título fecha os olhos à vitimação. Portanto, tal curso de ação não funcionaria.

Havia, de fato, uma única opção: agarrar o boi pelos chifres. E foi o que fez Neemias. Lançou em face dos ricos a acusação de "tomar usura cada um de seu irmão" (5.7), isto é, arranjar as coisas com o propósito de ganhar dinheiro à

custa deles (comentadores e tradutores pigarreiam de embaraço aqui, mas esta é, claramente, a essência do significado. E Neemias lhes disse que aquilo tinha de acabar. Ele indicou formalmente os indivíduos ávidos de lucros, numa reunião pública a que os convocara (5.7,8). Nessa ocasião, fez um discurso que expôs duas coisas:

Primeiro, as transações financeiras dos ricos com os seus compatriotas eram antissociais, desumanas, contra a diplomacia pública e, por todas essas razões, desonrosas a Deus. Ao longo dos anos, muitos judeus haviam sido vendidos como escravos a não-judeus, e desde a chegada de Neemias como governador, iniciara-se um movimento para resgatá-los e repatriá-los. "Nós resgatamos os judeus, nossos irmãos, que foram vendidos às gentes, segundo nossas posses" (5.8). Os nobres, contudo, ainda se ocupavam do negócio da escravatura, presumivelmente, vendendo à escravidão pessoas que lhes haviam sido entregues, como penhor, por famílias empobrecidas. "E vós outra vez venderíeis vossos irmãos ou vender-se-iam a nós?" (5.8) Noutras palavras: o resgate a expensas públicas, sem dúvida, elevava os impostos. Assim, o negócio da escravidão, que enriquecia ainda mais os ricos, tornava mais pobre a comunidade. Os não-judeus, tanto os que compravam escravos dos nobres quanto os que não compravam, sabiam que os judeus, sendo chamados para a fraternidade como membros de uma única família, não deveriam vender uns aos outros à escravidão. Era um péssimo testemunho, que levava ao ridículo e ao desprezo, desonrando assim ao divino Senhor de Israel. "Não é bom o que fazeis: Porventura, não devíeis andar no temor do nosso Deus, por causa do opróbrio dos gentios, os nossos inimigos [pessoas como Sambalate e Tobias]?" (5.9) Para isto, é claro, não ha-

via resposta; os gananciosos "se calaram e não acharam que responder" (5.8), enquanto Neemias expunha-lhes as faltas.

Segundo, o empobrecimento dos que já eram carentes deveria cessar e ser substituído por uma generosidade positiva e fraternal. "Deixemos este ganho. Restituí-lhes hoje, vos peço, as suas terras, as suas vinhas, os seus olivais e as suas casas, como também o centésimo do dinheiro, do trigo, do mosto e do azeite, que vós exigis deles" (5.10,11). Parem de cobrar juros, ordenou Neemias. Um judeu não deve emprestar a juros a outro judeu (Dt 23.19). E vamos ter um jubileu aqui e agora, no qual todas as propriedades hipotecadas e confiscadas, juntamente com todos os lucros obtidos de forma indevida, retornarão a quem pertenciam (veja Lv 25.10-13, 47-54).

À essa altura, é de se imaginar que a multidão estivesse dando vivas de alegria, e que os nobres não tinham outra escolha, senão aceitar formalmente, e sob juramento, o arranjo proposto por Neemias (5.12). Então Neemias amaldiçoou qualquer um que viesse a quebrar o juramento, e "toda a congregação disse: Amém! E louvaram o Senhor; e o povo [os nobres e oficiais] fez conforme esta palavra" (5.13). Da noite para o dia, a fraternidade e o auxílio dos ricos aos pobres substituíram o que Karl Marx teria descrito como guerra de classes entre o proletariado e a burguesia. Uma vez mais, a sabedoria e a perita liderança de Neemias salvaram o trabalho de reconstruir os muros. Uma vez mais, o Diabo foi frustrado, Deus foi honrado, e o seu povo, abençoado.

Mas onde, em tudo isso, entra o suposto plano de Satanás para derrotar Neemias pela incriminação? Conjecturas racionais levam às seguintes hipóteses:

A meta de Satanás, desde o início, era desacreditar a liderança de Neemias, e impedir que os muros fossem cons-

truídos e a glória de Deus se tornasse realidade em Jerusalém. Com este objetivo, ele provocou o tumulto a fim de deixar Neemias num dilema e, assim, derrotá-lo, qualquer fosse a sua decisão. Esperava-se que Neemias, frente à sublevação, raciocinasse da seguinte forma: Se, de um lado, eu ignorar este escândalo e negligenciá-lo, minha liderança estará perdida; serei desacreditado por esquivar-me ao problema. E se, por outro lado, eu for contra o escândalo, a minha liderança estará perdida de todo modo, porque terei de admitir que, desde minha chegada a Jerusalém, também tenho praticado usura (dinheiro emprestado a juros, ou pelo menos com a exigência de alguma forma de garantia). Não há dúvidas de que Neemias fizera isso de boa fé, com o propósito de ajudar o povo, e sem compreender totalmente como as dívidas em Jerusalém tendiam a avolumar-se (afinal, ele estava ali havia pouco mais de um mês). Contudo, permanecia o fato de que ele o fizera, e Satanás aguardava que o seu reconhecimento disso o fizesse sentir-se comprometido e incapaz de uma ação firme, por incriminar-se a si mesmo. E, sem dúvida, o maligno esperava também que, ao se tornar notório o envolvimento de Neemias no negócio do empobrecimento, houvesse contra ele uma repulsão, que poria fim à sua liderança espiritual e moral na comunidade.

O que Neemias fez foi igualmente sábio e corajoso. Em seu discurso, ele admitiu francamente o que fizera, e de imediato convocou a todos para uma mudança, deixando claro que ele próprio seria o primeiro a mudar. "Também eu, meus irmãos e meus moços, a juro, lhes temos dado dinheiro e trigo. Deixemos este ganho" (5.10). Longe de provocar repulsa, o gesto de Neemias elevou-lhe o crédito moral: ali falava um homem honesto e de bom coração, preparado para

confessar seus erros de julgamento e lapsos de sabedoria, e mudar para melhor. Compreensivelmente, uma criatura vil como o Diabo não esperaria que a confissão de um líder levantasse-lhe a imagem desse modo. Mas foi o que aconteceu então, e pode acontecer hoje. "Líderes cometem erros", escreve John White. "O que distingue os líderes piedosos é a sua disposição em lidar abertamente com os erros, aplicando a si próprios os mesmos critérios que aplicam aos outros. Jamais nos recusemos a fazê-lo. Pode ser-nos embaraçoso, mas é a estrada honesta para a liberdade."[1] Sim, de fato.

Terceiro, *o exemplo demonstrado por Neemias* (5.14-19). Aqui, apropriadamente, numa espécie de apêndice da narrativa concluída, Neemias mostra, em cinco versículos, quão longe estava de ser interesseiro e afofar o próprio ninho, como privilégio de seu ofício. Por um período de doze anos, conta-nos ele, procurou seguir o princípio que Karl Marx viria a formular mais tarde como "De cada um, de acordo com suas habilidades; a cada um, de acordo com suas necessidades", o que nada mais é que um discurso sobre o amor ao próximo, em termos socialistas. Neemias não era socialista, mas era um filantropo de elevada estatura, como revelam estes versículos. Ao longo de seu governo, comenta Gordon McConville,

> Ele renunciou ao subsídio alimentar, que seria mais uma taxação sobre o povo (v. 14)... recusou explorar o povo (v. 14), em contraste aos seus predecessores... não adquiriu terras, algo totalmente singular entre os oficiais daquele tempo... (v. 16). Claro está que a política honesta custou caro a Neemias. Os versículos 17 e 18 dão um vislumbre da demanda diária de sua hospitalidade, parcialmente ocasionada por suas res-

> ponsabilidades diplomáticas como governador, e em parte, ao que parece, consentida puramente por sua generosidade. Os motivos de Neemias para agir desse modo foram (a) seu temor a Deus (v. 15), o que significa simplesmente que ele agia consciente do que era apropriado a alguém que adorava a Deus, e (b) compaixão pelo sofrimento do povo (v. 18). Seus motivos para contar-nos a respeito podem ser similares aos do apóstolo Paulo, que, conquanto insistindo fortemente em seu direito de participar do bem-estar daqueles entre os quais trabalhava (1 Co 9.8ss), *renunciava* a esse direito para que a sua motivação não fosse questionada (1 Co 9.15).[2]

Este é um comentário justo e acurado. Neemias viera a Jerusalém, atendendo ao chamado divino para melhorar a sina do povo de Deus, e a sua intenção, o tempo todo, era a de um pastor e servo. Ele era ávido, não por dinheiro, sexo e poder, como muita gente que se acha no topo, mas pela visão da glória de Deus em Jerusalém. E essa avidez sagrada conservava-o sensível e guiava-o a reconstruir os muros de Jerusalém, restabelecer a adoração naquela cidade e reorganizar a vida dentro dela. Após a sua imprudência inicial, de emprestar dinheiro mediante garantia, de um modo que tornava mais pobres os já necessitados, ele voltou atrás para assegurar que ele e todo o seu *staff* beneficiariam a comunidade economicamente abatida, pois ele viera para ajudar. E como parte desse propósito, ele, conscientemente, manteve o seu estabelecimento com fundos de outras fontes, em vez de coletar as taxas para sustento do governador. Assim, um exemplo impressionante de fraternidade foi mostrado pelo homem do topo. Ao registrar isso, Neemias acrescentou a oração que se formou em seu coração, enquanto escrevia: "Lembra-te de

mim para bem, ó meu Deus, e de tudo quanto fiz a este povo" (5.19). Ele não estava reivindicando méritos, mas professando sinceridade em servir aos outros por amor a Deus. O seu relatório dava-lhe o direito de orar nesses termos.

"Sempre há uma verdadeira elite de líderes de Deus", escreve John White. "Eles são os mansos que herdam a terra (Mt 5.5). Eles choram e oram em secreto, e desafiam a terra e o inferno em público. Tremem ao enfrentar perigos, mas morrem na trilha em vez de voltar atrás. São como pastores defendendo suas ovelhas, ou mães protegendo seus pequeninos. Sacrificam sem murmurar, dão sem calcular, sofrem sem gemer. Aos que se acham sob o seu comando, dizem: 'Vivemos, se vocês estiverem bem'. O seu valor excede o de rubis. E Neemias foi um deles".[3]

Se a nossa interpretação dos capítulos 5 e 6 está certa, Satanás não deixou Neemias em paz, depois que sua primeira tentativa de destruir-lhe a liderança falhou. O capítulo 6 relata mais três manobras que visavam à derrota de Neemias, envolvendo o sombrio triunvirato de Sambalate, Tobias e Gesém. Veja o relato de Neemias sobre o que aconteceu a seguir:

> Sucedeu mais que, ouvindo Sambalate, Tobias, Gesém, o arábio, e o resto dos nossos inimigos que eu tinha edificado o muro e que nele já não havia brecha alguma, ainda que até este tempo não tinha posto as portas nos portais, Sambalate e Gesém enviaram a dizer: Vem, e congreguemo-nos juntamente nas aldeias, no vale de Ono. Porém intentavam fazer-me mal. E enviei-lhes mensageiros a dizer: Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer; por que cessaria esta obra, enquanto eu a deixasse e fosse ter convosco? E da mesma maneira enviaram a mim quatro vezes; e da mesma

maneira lhes respondi. Então, Sambalate, da mesma maneira, pela quinta vez, me enviou o seu moço com uma carta aberta na sua mão, e na qual estava escrito: Entre as gentes se ouviu e Gesém diz que tu e os judeus intentais revoltar-vos, pelo que edificais o muro; e que tu te farás rei deles segundo estas palavras; e que puseste profetas para pregarem de ti em Jerusalém, dizendo: Este é rei em Judá. Ora, o rei o ouvirá, segundo estas palavras; vem, pois, agora, e consultemos juntamente. Porém eu enviei a dizer-lhe: De tudo o que dizes coisa nenhuma sucedeu; mas tu, do teu coração, o inventas. Porque todos eles nos procuravam atemorizar, dizendo: As suas mãos largarão a obra, e não se efetuará. Agora, pois, ó Deus, esforça as minhas mãos. E, entrando eu em casa de Semaías, filho de Delaías, o filho de Meetabel (que estava encerrado), disse ele: Vamos juntamente à Casa de Deus, ao meio do templo, e fechemos as portas do templo; porque virão matar-te; sim, de noite virão matar-te. Porém eu disse: Um homem, como eu, fugiria? E quem há, como eu, que entre no templo e viva? De maneira nenhuma entrarei. E conheci que eis que não era Deus quem o enviara; mas essa profecia falou contra mim, porquanto Tobias e Sambalate o subornaram. Para isso o subornaram, para me atemorizar, e para que eu assim fizesse e pecasse, para que tivessem alguma causa a fim de me infamarem e assim me vituperarem. Lembra-te, meu Deus, de Tobias e de Sambalate, conforme estas suas obras, e também da profetisa Noadias e dos mais profetas que procuraram atemorizar-me.

(Neemias 6.1-14)

Intriga

Do ponto de vista daqueles a quem Neemias chama de "nossos inimigos" (6.1), a situação era, agora, desesperadora. Sua meta, o

tempo todo, fora impedir Jerusalém de voltar a ser uma cidade fortificada, e os muros já estavam completos, faltando apenas colocar as portas nos portais — uma tarefa maior, sem dúvida, para a qual necessitavam de andaimes e equipamentos especiais — e as próprias portas tinham de ser manufaturadas. Sambalate e seus companheiros tinham, portanto, um tempo bem curto para frustrar a obra, e é fascinante observar como eles o usaram. O alvo deles tinha de ser a derrota pessoal de Neemias, porque nada menos que isso impediria a conclusão de seu projeto. Mas como conseguir tal coisa? Três ideias engenhosas foram experimentadas.

O esquema número 1 pode ser descrito como política *amistosa*. Sambalate e Gesém fizeram um convite cortês, e até melífluo, a Neemias, para que comparecesse a uma conferência do alto escalão, em território neutro. "Vem, e congreguemo-nos juntamente nas aldeias, no vale de Ono" (6.2), isto é, na metade do caminho entre Jerusalém e Samaria. Como destaca o Dr. Boice, o gesto parece um discurso de concessão feito por perdedores numa campanha política: "Neemias, não adianta fingirmos que não nos opúnhamos ao seu projeto. Opusemo-nos... Mas você foi bem-sucedido, apesar de nós, e agora é inútil sustentarmos nossa oposição. Para o que der e vier, teremos de conviver, você como governador de Jerusalém, e nós como governador de nossas províncias. Então, sejamos amigos. O que precisamos é de uma reunião da cúpula".[4] O aparente reconhecimento do sucesso de Neemias foi lisonjeiro; o convite a arranjar um meio de conviver soava cativante e vantajoso. Lisonja e vantagem imaginária tem sido sempre uma potente combinação para virar a cabeça das pessoas. Em negócios e em política, pessoas imprudentes têm tido os seus julgamentos alterados por essa artimanha o tempo todo. A cabeça de Neemias, porém, não foi virada, como o demonstra a sua réplica ao convite.

"Porém intentavam fazer-me mal", escreveu Neemias. Como ele sabia? Teria ele um sistema de espionagem? Ou simplesmente juntou dois mais dois — seu conhecimento prévio dos homens que o estavam convidando, a consciência de que o leopardo não muda as pintas, e mais o fato de que o vale de Ono, a um dia de jornada de Jerusalém, fazia divisa com os territórios de Samaria e Asdode, e a observação do quão facilmente a violência é arranjada nas aldeias — e concluiu, ao somar essas coisas, que dois e dois são quatro? Indubitavelmente, ele estava certo ao suspeitar de um complô assassino. Sem dúvida, o lamentoso comunicado a Jerusalém, "Sentimos muito dizer-lhes que houve um triste incidente, e infelizmente Neemias está morto", já havia sido esboçado. Todavia, por quatro vezes Neemias recusou o convite (6.4), e a conspiração deu em nada.

Contudo, note como ele expressa o recusa. Aquilo era política, e em política não se deve dizer nada impolítico, que possa ser usado contra você. Então Neemias não fez referência a sua suspeição da boa fé do proponente. Evitando a linguagem do insulto inflamatório, declarou simplesmente: "Estou fazendo uma grande obra" — e não posso dispor dos três dias ou mais (ao menos dois para viajar e um para conversar), que a conferência tomaria (6.3).

Fora isso uma desculpa evasiva? Não, nada disso. Fora, antes, a invocação das verdadeiras prioridades do interlocutor, dadas por Deus. Foi uma resposta sábia, que revelou uma vez mais a habilidade de dizer "não" às distrações — uma das características de Neemias. Embora a sua habilidade de concentrar-se fosse, ao menos parcialmente, um dom natural, a sua determinação objetiva e centrada em Deus era, decerto, sustentada pela graça, algo que a liderança de Neemias requeria. A teoria, mes-

mo em grande quantidade, não ajudará um jogador de golfe se ele não mantiver os olhos na bola. De igual modo, uma grande quantidade de sabedoria não fará de alguém um líder se ele não mantiver firmemente em vista as suas prioridades. Neemias sabia, desde o princípio, que Deus e Artaxerxes — Deus por intermédio de Artaxerxes, como ele teria dito — haviam-no enviado a Jerusalém, em primeira instância, para reconstruir os muros, e nada o impediria de concluir esse trabalho o mais rápido possível. Esta foi a sua atitude no começo, e assim permaneceu até que a obra se completasse. E é evidente que a sua franca recusa em deixar-se distrair foi, durante todos os anos que passou em Jerusalém, uma fonte de vigor.

John White discorre longamente sobre o ponto de que as conversações realizam bem pouco, quando os objetivos dos interlocutores divergem entre si (como os de Neemias e Sambalate certamente divergiam). White ilustra isso falando dos dias em que suportou a pressão ecumênica, como presidente da universidade *Christian Union*, afiliada ao *Inter-Varsity Fellowship* (atualmente, na Grã-Bretanha, *Universities and Colleges Christian Fellowship*), para conversar colaborativamente, talvez pela união, com o Movimento Cristão Estudantil, uma sociedade preparada para promover, em debate público, a proposição de que "as religiões do mundo são compatíveis".[5] A reminiscência de White recorda-me que, uma geração antes, o falecido Fred Crittenden, reiniciador da *Oxford Inter-Collegiate Christian Union* nos anos vinte, fora solicitado a ter uma conversa semelhante com os líderes da S.C.M., talvez para eliminar de cena o nascente O.I.C.C.U. Eu o ouvi contar como dera um "não" por resposta, usando a passagem de Neemias para fundamentar sua recusa. As pessoas comprometidas a propagar um cristianismo plenamente bíblico sentem no coração o eco das palavras de Neemias: "Estou fazendo uma grande obra", e cons-

tantemente fundamentam nisso o seu diálogo com aderentes de projetos infrutíferos e confusos. Devemos apreciar também, deste ponto de vista, a sabedoria demonstrada por Neemias em não perder tempo conversando com Gesém e Sambalate.

Insinuação

Na quinta vez em que Sambalate convidou Neemias a conferenciar em Ono, o ajudante que trouxe o convite trazia consigo uma carta sem selo, acusando os judeus de planejar uma rebelião contra a Pérsia e fazer de Neemias o seu rei. Ela terminava com uma ameaça: "O rei [Artaxerxes] o ouvirá, segundo estas palavras; vem, pois, agora, e consultemos juntamente" (Ne 6.6,7). Essa era uma política jogo duro. A carta *não selada* havia sido lida muitas vezes, como era a intenção, em seu percurso de Samaria a Jerusalém, e o mexerico infundado, porém prejudicial, nela contido, já se espalhara. Talvez o seu conteúdo já estivesse a caminho de Susã. Havia, portanto, mais que uma simples sugestão de que Neemias precisaria da proteção de Sambalate e, assim sendo, precisavam conversar. A frase "Entre as gentes se ouviu e Gesém diz que..." tem sido descrita como a doutrina bíblica do boato, e certamente ilustra o invariável caráter do mexerico neste mundo, pois os boateiros sempre citam pessoas de distinção como fontes de informações que desacreditam outras pessoas distintas, ou colocam-nas no mesmo nível, e é exatamente o que vemos acontecer nesse caso. Os rumores espalham-se rapidamente, porque os seres humanos caídos apreciam muitíssimo as informações ignominiosas a respeito de outrem, e a negação dos boatos nem sempre é acreditada. O que fazermos, então, se descobrirmos que estão circulando rumores maliciosos a nosso respeito?

Neemias fez as duas únicas coisas possíveis: negou o rumor em termos acentuadamente práticos a Sambalate, que era a própria fonte (6.8); e orou: "Agora, pois, ó Deus, esforça as minhas mãos" (6.9). Noutras palavras: pediu a Deus que o capacitasse a ignorar a fofoca e o ajudasse a prosseguir como inspirador, organizador e supervisor, até que a reconstrução fosse terminada. Ele entendeu que o real objetivo do boateiro era desmoralizá-lo, bem como ao povo, com o medo daquilo que Artaxexes poderia fazer, se fossem adiante e completassem os muros. Com isso, o fomentador do mexerico esperava que eles resolvessem não completar o trabalho. Por isso, Neemias orou pedindo energia extra para conter o temor do povo e de seu próprio coração, e para conduzir os construtores, de modo bem-sucedido, à ultima etapa de sua tarefa. Claramente, ele decidiu não se preocupar com a própria reputação, nem com a reação do rei ao libelo de Sambalate (se é que ele havia sido enviado; afinal, Sambalate poderia estar blefando). Eram assuntos além do controle de Neemias, e que ele deveria deixar nas mãos de Deus.

Neemias precisava de muita graça para viver pacificamente, trabalhar com firmeza e liderar com vigor, a despeito da incerteza de não saber se Artaxerxes receberia a denúncia de Sambalate e creria nela, e, se assim sucedesse, o chamaria de volta para decapitá-lo. Contudo, quando os servos de Deus se acham em dificuldade, e humildemente persistem no trabalho que Deus lhes destinou, a graça lhes é dada em grande medida. É necessário entregar a causa a Deus e abraçar a promessa de que Ele o inocentará no final, não importa o que aconteça em curto prazo. Neemias sabia disso, e o trabalho prosseguiu.

Intimidação

O terceiro ardil de Satanás contra Neemias, arranjado com a mediação de Sambalate e Tobias, conforme ele mais tarde descobriu, tinha a forma de sedução espiritual — isto é, uma tentativa de engodá-lo pelo medo. E o medo irracional induz ao comprometimento com o pecado de sacrilégio. Neemias foi convocado à casa de um pretenso profeta, chamado Semaías, que lhe apresentou, como revelação de Deus, o seguinte oráculo: "Virão matar-te; sim, de noite virão matar-te". Semaías instou para que ambos se escondessem no Templo, onde não era permitido a entrada de leigos como Neemias, e onde, em todo caso, as regras do santuário não funcionavam, como em muitos templos pagãos daquela época (6.10). Houvesse Neemias sido marcado por essa ação ilegal e sem propósito, certamente ficaria desacreditado. Todavia, a certeza de sua vocação para governador, guia e mentor de Israel, mais a consciência de estar sob a proteção divina já enquanto laborava no trabalho de Deus, impediram-no de entrar em pânico e inspiraram-no a uma pronta recusa à sugestão de Semaías: "Um homem, como eu [em minha posição], fugiria? E quem há, como eu [desempenhando minhas responsabilidades de líder e exemplo], que entre no templo e viva? De maneira nenhuma entrarei" (6.11).

Aqui, como em outras ocasiões, Neemias demonstrou grande coragem — uma qualidade que tem sido sabiamente definida não como ausência de medo, mas a resoluta realização daquilo que sabemos ser o certo, sem importar se nos sentimos amedrontados, perturbados ou feridos. Fazendo um retrospecto à admissão de Neemias: "Temi muito em grande maneira" (2.2), quando Artaxerxes perguntou-lhe o que se passava, John White comenta: "Ele, provavelmente, experimentara o medo muitas vezes em sua vida, mas no começo da história, estabeleceu o hábito que se lhe tornaria de real utilidade mais tarde: seguir adiante, apesar do medo.

Foi nesse momento que ele matriculou-se na escola divina da coragem".[6] Em Deus, ele portou-se o tempo todo como um bravo. Vimos-lhe a coragem moral em sua confissão pública de agiotagem antissocial; agora, vemos igual coragem física em sua resposta a Semaías.

Deixemos claro que tal coragem não é, e nunca foi, natural. Algumas pessoas prosaicas são insensíveis ao perigo, mas a bravura que se arrisca por Deus, conhecendo os perigos envolvidos, não é natural; é dom de Deus e tem uma fonte sobrenatural. Os cristãos situam esta fonte no entendimento da cruz de Cristo, concedido pelo Espírito Santo, de que nos fala o hino:

Inscrito sobre a cruz nós vemos
Em letras brilhantes: "Deus é amor";
Sobre o madeiro ele carrega nossos pecados
E nos traz graça do alto.

A cruz! Ela tira nossos pecados;
Levanta o espírito abatido;
Anima com esperança o dia sombrio,
E adoça cada cálice amargo.

Ela faz bravo o covarde de espírito,
E fortalece o braço fraco para a luta;
Tira da sepultura o terror mortal
E doura de luz o leito da morte.

Nas culturas onde os cristãos ativos são vistos como minoria excêntrica, e de vez em quando sofrem oposição em nome da prudência e do senso comum, a coragem exemplificada por Neemias e outros personagens bíblicos é uma graça que deve ser constantemente buscada, pois não po-

demos viver sem ela, e, sozinha, a natureza é incapaz de provê-la.

Devemos notar, ainda, que Neemias mostrou grande discernimento. Ele enxergou imediatamente a fraude de Semaías e compreendeu "que eis que não era Deus quem o enviara; mas essa profecia falou contra mim, porquanto Tobias e Sambalate o subornaram. Para isso o subornaram, para me atemorizar, e para que eu assim fizesse e pecasse, para que tivessem alguma causa a fim de me infamarem e assim me vituperarem" (6.12,13). Como um conhecedor de arte identificaria um El Greco ou um Van Gogh pelo estilo, Sherlock Holmes identificou certa vez um crime complexo como "um Moriarty", significando que ele apresentava as características da mente daquele criminoso. De igual modo, Neemias foi capaz de identificar o ato de Semaías como "um Tobias e Sambalate" — precisamente a espécie de coisa que essa dupla faria. Discernimento pode ser definido como a habilidade de enxergar aquilo que se está olhando e avaliá-lo pelo critério apropriado. Discernimento espiritual é a capacidade de perceber as qualidades, tendências, e igualmente as fontes das propostas e orientações relacionadas a Deus e ao seu Reino. Embora tal discernimento possa ter uma base em perspicácia natural, será de proveito apenas mediante uma harmonia contínua com Deus e o hábito de indagar de si próprio, em cada ponto da vida, o que fazer para a sua glória (isto é, a sua autoexpressão, e a apreciação e adoração por parte de suas criaturas). Tais indagações eram um hábito mental de Neemias, e podemos dizer, confiantemente, que a sua habilidade de enxergar o âmago das coisas e descobrir os estratagemas de seus oponentes era algo que vinha de Deus por meio disso. Em nossos dias sobejam as confusões espirituais (e sempre foi assim). Por isso, para nós como para Neemias, e para todos os fiéis desde o seu tempo, o discernimento espiritual é uma necessidade elementar, que não

será suprida unicamente pela natureza, e, portanto, deve ser buscada em Deus através da piedade, como um estilo de vida.

Os Líderes como Alvos

Na guerra de Satanás contra os santos e a Igreja — guerra em que a tentação é o seu método, e a destruição, a sua meta —, a dura regra é que quanto maior a exposição e a influência do líder mais o seu padrão pessoal e a sua sabedoria política serão postos sob ataque. É óbvio que desgraçar ou turbar o líder é uma excelente maneira de amedrontar, tolher ou deixar de fora os seguidores. Os líderes possuem algo do Flautista Mágico: são tidos por sábios e alguém que enxerga longe; o povo confia em seus julgamentos e segue-lhes os passos. Então, se eles puderem ser atraídos a trilhas e vielas obscuras, levarão muitos consigo, e Satanás ganhará muitos pontos. E mais: os líderes vivem numa espécie de aquário de peixe-dourado, e quando surge algum escândalo na liderança, o prejuízo e o desânimo espalham-se em larga escala. As cartas de Paulo a Timóteo e Tito, no Novo Testamento, chamadas pastorais, porque o seu tema é o papel do líder-pastor, concentram-se não em habilidades adquiridas, mas em qualidades como zelo, bondade, firmeza e sabedoria, que o líder deve conservar como modelo. Isso porque Paulo era consciente dos "laços do diabo" (1 Tm 3.7; 2 Tm 2.26) armados para os que lideram. A história de Neemias, conforme vimos, ilustra fartamente esse ponto.

A batalha espiritual envolve todos os cristãos, e a clássica passagem de Efésios 6.10-18, onde Paulo fala em termos de infantaria sobre os recursos que Deus nos fornece para esses conflitos, é endereçada aos crentes em geral. Claramente, porém, ela é de especial relevância para os líderes.

Quão necessário é para um líder ter "cingidos os vossos lombos com a verdade". E *verdade*, aqui, trata-se da verdade de Deus revelada nas Escrituras em geral, e particularmente no evangelho de Cristo. Como é importante que o líder traga "vestida a couraça da justiça". E *justiça* no sentido do que, noutra parte, Paulo chama de "boas obras", isto é, retidão e integridade de vida na aliança com Deus. Como é vital, também, que o líder tenha "calçados os pés na preparação do evangelho da paz"; *preparação* significando maneabilidade, que é a capacidade de correr, saltar, ajustar-se e rapidamente mudar de posição, ou estar firme, equilibrado, e pronto para o contra-ataque, conforme exigir a ação do inimigo. Quão crucial é que o líder carregue e use "o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno". Os *dardos* são os pensamentos que contêm dúvidas, desesperança, incredulidade, crença errônea, autocomiseração, irresponsabilidade, amargura contra Deus, e malícia para com o seu povo. Quão indispensável é que o líder tenha a cabeça protegida pelo "capacete da salvação", sendo que o significado de salvação aqui é a alegria consciente e segura do amoroso relacionamento com Jesus, o Salvador; e que a sua mão maneje "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus". A *espada* é a Palavra com que expulsamos Satanás, do mesmo modo que Jesus o mandou embora no deserto, citando a Lei de Moisés, em verdadeira piedade e compromisso de viver pelas palavras citadas (Mt 4.1-11).

Um dos seriados cômicos mais famosos de todos os tempos foi o *Dad's Army*, uma afetuosa caricatura do Home Guard, força de defesa amadora da Grã-Bretanha, durante a Segunda Guerra Mundial. Um dos motes da série pertencia ao membro mais velho da tropa, um digno ancião, que em

momentos estressantes gritava: "Sem pânico! Sem pânico!" Esta é a palavra com que finalizamos este capítulo; ela equivale à expressão sempre repetida na Bíblia: "Não temas", ou "Não te espantes". Por intermédio de seus agentes demoníacos, ou humanos, Satanás ataca os cristãos e, ao que parece, emprega mais ferocidade no ataque aos líderes. Por conseguinte, todos os cristãos, mas especialmente os líderes, devem aprender a orar com Neemias: "Agora, pois, ó Deus, esforça as minhas mãos" (6.9), não apenas para o ministério construtivo, que corresponde a construir os muros de Jerusalém, mas também para o combate mortal, correspondendo à sequência de medidas defensivas contra os inimigos de Jerusalám (que disseram, "entremos no meio deles e os matemos", 4.11; "... intentavam fazer-me mal", 6.2). Quando esta é verdadeiramente a prece de nosso coração, o resultado da batalha é assegurado, pois os líderes, não menos que os demais, entram no combate. Aqueles que buscam a força divina a encontram. O resultado será salvação, não destruição; Satanás será frustrado, e a Igreja, edificada. E o Senhor Deus, por meio de quem é feito todo o trabalho, será glorificado.

6

Tempos de Refrigério

Este capítulo lança o olhar sobre tudo o que foi registrado desde o término dos novos muros de Jerusalém (6.15) até a sua solene dedicação (12.27-43), cobrindo, assim, uma grande quantidade de versículos. Foram necessários cinco capítulos de exposição para chegarmos a este ponto, mas agora há razões para uma repentina aceleração do andamento.

Primeiro, os capítulos 7—12 do livro de Neemias possuem um mesmo tema, isto é, a restauração do povo judeu na cidade santa — *Israel Vive outra Vez*, para citar o feliz título de um comentário recente.[1] O tema é tratado em quatro seções: o estabelecimento da comunidade (7.1-73a); o ensino da lei (7.73b—8.18); renovação do pacto (9.1—10.39); povoamento da cidade (11.1—12.26). Contudo, é um tópico único, mais facilmente compreendido em uma visão geral do que vasculhando o amontoado de detalhes que o próprio texto apresenta.

Segundo, o nosso foco de interesse na presente exposição é o próprio Neemias, e ele praticamente sai da história do capítulo 7.5 ao 12.26, onde recebe apenas três menções, na terceira pessoa, como "Neemias, o governador" (8.9,10; 10.1; 12.26). Claramente, não foi ele o primeiro a esboçar

esse material, embora o faça seu, ao incorporá-lo às suas memórias. Não obstante, nada se perde em nossa compreensão de Neemias se fizermos dessa parte de seu livro um estudo mais breve que aquele que viemos fazendo de sua narrativa (e que voltaremos a fazer, quando a retomarmos em 12.27).

Terceiro, esses capítulos são recheados de listas de nomes, dos quais mais de 250 são de desconhecidos. Este é o tipo de material que, conforme já dissemos, um escritor moderno poria num apêndice. Isso não significa, é claro, que tais itens não tenham a sua importância. O censo dos que retornaram do exílio, em 7.6-73, que Neemias consultou como uma lista para conferência, como ele mesmo relata: "Então, o meu Deus me pôs no coração que ajuntasse os nobres, e os magistrados, e o povo, para registrar as genealogias" (7.5), bem como o rol dos sacerdotes e levitas repatriados, reproduzido em 12.1-26, foram extremamente importantes naquela ocasião. Por intermédio deles, foi possível identificar os judeus autênticos, apropriados para fazer parte da comunidade de Jerusalém, bem como (e ainda mais importante) ver quem estava qualificado para o ministério do Templo, que Deus restringira aos da linhagem sanguínea levítica. Desse modo, também, a lista dos sacerdotes, levitas e outros líderes que, juntamente com Neemias, assinaram o pacto nacional de fidelidade à Lei de Deus (10.1-27), teve uma importância que pode ser medida pelo valor do próprio pacto. Quanto às listas honoríficas dos levitas e outros líderes religiosos que se posicionaram com Esdras (8.4,7; 9.4,5), o seu proveito para os primeiros leitores de Neemias é óbvio a qualquer um de nós que celebre os ancestrais que lutaram em Waterloo ou Gettysburg, ou que possuam parentes idosos, que serviram com Montgomery na África do

Norte, ou Nimitz, no Pacífico. Contudo, tão somente notar a existência das listas já é suficiente para o nosso propósito, e isso significa que podemos passar por esses capítulos mais rapidamente do que se podia esperar.

Deus Assume o Comando

O tema do livro de Neemias como um todo, e talvez devamos dizer o tema de Esdras-Neemias como uma dupla literária, é o restabelecimento de Israel como nação-família e nação-igreja, após a desolação do exílio e os quase cem anos de infrutíferas tentativas de se reerguer Jerusalém, que precederam o governo de Neemias. O que Esdras-Neemias nos conta é que comprouve a Deus, por meio do trabalho desses dois homens — Esdras, o professor, e Neemias, o organizador — estabelecer uma vez mais o seu povo como sua Igreja adoradora na terra, na forma descrita no Antigo Testamento. "Ao final desses dois livros, os antigos exilados haviam estabelecido a sua estrutura de comando, visível e invisível, e confirmado a sua vocação, para ser o povo instruído na lei e separado das nações."[2] A reconstrução dos muros aparece como preparatória da reorganização da vida em comunidade, em torno da liturgia do Templo e da prática da santidade, isto é, pureza moral, ritual e racial para o Senhor, de acordo com as especificações do seu comando.

Esdras, que até este ponto ainda não apareceu na história de Neemias, mas está prestes a aparecer, era um sacerdote, estudioso e professor da lei (o que se chamava de *escriba*, 8.1,4,9,13). Era também um homem santo, de devoção firme e profunda, como logo veremos. Artaxerxes, seguindo a política da fé múltipla, própria dos monarcas persas, enviara-o a Jerusalém em 458 a.C. para ensinar a lei divina e certificar-

se de que a adoração no Templo, reconstruído em 516 a.C., estava sendo apropriadamente conduzida (veja Ed 7). Tudo o que sabemos do ministério de Esdras na cidade, até aqui, é que, logo após a sua chegada, ele fez os líderes do povo expurgar-se de seus casamentos mistos (Ed 9—10). Desde então, embora ele tenha claramente ganhado respeito como professor, não parece que a sua influência tenha sido realmente grande. Agora, porém, ele está prestes a alcançar seus direitos.

Contudo, esta não é a maneira apropriada de se expressar os fatos, porque, no grande evento central da reabilitação espiritual de Israel, no qual Esdras desempenhou o seu papel principal, ficou bem claro, desde o princípio, que Deus assumira o comando e estava no controle. Então, se alguém estava obtendo seus direitos, este era o próprio Deus. Eis a história:

> E chegado o sétimo mês, e estando os filhos de Israel nas suas cidades, todo o povo se ajuntou como um só homem, na praça, diante da Porta das Águas; e disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da Lei de Moisés, que o Senhor tinha ordenado a Israel. E Esdras, o sacerdote, trouxe a Lei perante a congregação, assim de homens como de mulheres e de todos os entendidos para ouvirem, no primeiro dia do sétimo mês. E leu nela, diante da praça, que está diante da Porta das Águas, desde a alva até ao meio-dia, perante homens, e mulheres, e entendidos; e os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da Lei. E Esdras, o escriba, estava sobre um púlpito de madeira, que fizeram para aquele fim; e estavam em pé junto a ele, à sua mão direita, Matitias, e Sema, e Anaías, e Urias, e Hilquias, e Maaseias; e à sua mão

esquerda, Pedaías, e Misael, e Malquias, e Hasum, e Hasbadana, e Zacarias, e Mesulão. E Esdras abriu o livro perante os olhos de todo o povo; porque estava acima de todo o povo; e, abrindo-o ele, todo o povo se pôs de pé. E Esdras louvou o Senhor, o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém! Amém!, levantando as mãos; e inclinaram-se e adoraram o Senhor, com o rosto em terra. E Jesua, e Bani, e Serebias, e Jamim, e Acube, e Sabetai, e Hodias, e Maaseias, e Quelita, e Azarias, e Jozabade, e Hanã, e Pelaías, e os levitas ensinavam ao povo na Lei; e o povo estava no seu posto. E leram o livro, na Lei de Deus, e declarando e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse. E Neemias (que era o tirsata), e o sacerdote Esdras, o escriba, e os levitas que ensinavam ao povo disseram a todo o povo: Este dia é consagrado ao Senhor, vosso Deus, pelo que não vos lamenteis, nem choreis. Porque todo o povo chorava, ouvindo as palavras da Lei. Disse-lhes mais: Ide, e comei as gorduras, e bebei as doçuras, e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque esse dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto, não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força. E os levitas fizeram calar todo o povo, dizendo: Calai-vos, porque este dia é santo; por isso, não vos entristeçais. Então, todo o povo se foi a comer, e a beber, e a enviar porções, e a fazer grandes festas, porque entenderam as palavras que lhes fizeram saber. E, no dia seguinte, ajuntaram-se os cabeças dos pais de todo o povo, os sacerdotes e os levitas, a Esdras, o escriba, e isso para atentarem nas palavras da Lei. E acharam escrito na Lei que o Senhor ordenara pelo ministério de Moisés que os filhos de Israel habitassem em cabanas, na solenidade da festa, no sétimo mês. Assim, o publicaram e fizeram passar pregão por todas as suas cidades

> e em Jerusalém, dizendo: Saí ao monte e trazei ramos de oliveira, e ramos de zambujeiros, e ramos de murtas, e ramos de palmeiras, e ramos de árvores espessas, para fazer cabanas, como está escrito. Saiu, pois, o povo, e de tudo trouxeram e fizeram para si cabanas, cada um no seu terraço, e nos seus pátios, e nos átrios da Casa de Deus, e na praça da Porta das Águas, e na praça da Porta de Efraim. E toda a congregação dos que voltaram do cativeiro fez cabanas e habitou nas cabanas; porque nunca fizeram assim os filhos de Israel, desde os dias de Josué, filho de Num, até àquele dia; e houve mui grande alegria. E, de dia em dia, ele lia o livro da Lei de Deus, desde o primeiro dia até ao derradeiro; e celebraram a solenidade da festa sete dias e, no oitavo dia, a festa do encerramento, segundo o rito.
>
> (Neemias 8)

Quando digo que Deus assumiu o comando, não significa que Ele não estivesse reinando sobre eles o tempo todo. Muito pelo contrário, conforme proclama a declaração de Neemias, de que os muros haviam sido reconstruídos porque "o nosso Deus fizera esta obra" (6.16). O que desejo enfatizar é que Deus, então, agiu de um modo que pôs à sombra os seus agentes humanos. Para usar o termo bíblico, Ele *visitou* o seu povo, apropriando-se de sua atenção e manifestando a sua presença entre eles, como nunca antes. Momentos como esse, quando as mentes e os corações são inundados e dominados pela realidade de Deus em sua santidade e graça, pertencem à história da maioria dos movimentos de avanço espiritual. E dias e semanas dessa experiência — o que é mais do que momentos isolados — fazem parte da história daquelas visitações

supremas, a que chamamos avivamento. O que ocorreu em Jerusalém no sétimo mês do ano 444 a.C. foi um avivamento nesse sentido, como veremos. Entretanto, seremos ajudados em nosso entendimento do fato se, primeiro, dermos mais uma olhada em toda a situação, do ponto de vista de Neemias.

Uma Tarefa Inacabada

O trabalho de um homem bom nunca termina, diz o provérbio, e isto é certo em relação à obra de Deus. Quanto mais fazemos, mais vemos à espera de ser feito. Como o sabem os pastores, realizar algo significativo na vida da igreja, algo que requeira o máximo em motivação e esforço, que provavelmente envolva extenuação e dor, pode ser sentido e celebrado como um marco miliário, mas logo começa a parecer não mais que um degrau para a próxima tarefa. Uma breve pausa para tomar fôlego é, sem dúvida, apropriada; mas então, deve-se descer novamente ao trabalho. Para se subir por minha rota favorita à minha montanha predileta, Welsh, nos limites de Snowdonia, há dois pontos onde se tem certeza de estar vendo o topo bem diante de si. Mas quando se chega a esse ponto, descobre-se que é apenas uma dobra do terreno, e que o cume real ainda está distante. Isto é uma boa ilustração de como o ministério cristão é sentido em todas as suas formas. É uma experiência comum a de que, na vida familiar ou nos negócios, as metas são como caixas chinesas: cada uma que se pega tem outra dentro, à espera. E isso ocorre principalmente na igreja.

Há sempre mais alguma coisa a ser feita, e os afazeres não param até que se finde esta vida. Mesmo quando o nosso estado de saúde limita-nos o trabalho à oração, como é

comum na idade avançada, este fato permanece. Sem dúvida, tais coisas passaram pela mente de Neemias naquele momentoso dia de setembro, quando o último portão foi posto no lugar, e o muro, verdadeiramente terminado. Mas o trabalho que ele viera fazer em Jerusalém não estava completo; na realidade, ele mal começara e ainda requereria dele muito esforço.

Que trabalho era esse? Trazer à existência, com a ajuda de Deus, uma comunidade judaica verdadeiramente piedosa, desenvolvida e madura, na "santa cidade" (11.1,18). Antes da restauração de seus muros, Jerusalém fora uma cidade aberta, desmoronada, economicamente arruinada, moralmente abatida, subpovoada (7.4) e, de maneira alguma, gloriosa para Deus. Agora que os muros se achavam em pé, os fatores humanos da triste situação tinham de ser atendidos também.

Uma boa liderança na comunidade, a que chamaríamos de administração intermediária, fazia-se necessária. Então "eu nomeei a Hanani, meu irmão, e a Hananias, maioral da fortaleza, sobre Jerusalém, porque era homem fiel e temente a Deus, mais do que muitos" (7.2). Neemias estava apontando, para postos-chave, homens fortes, cujas prioridades eram dignas deles, com uma vida pública que servia de exemplo inspirador e que tomariam sobre os ombros parte da carga administrativa. (E como é importante, nas igrejas locais, que o pastor recrute, caso não haja herdado, uma equipe de líderes leigos, que pensem como ele, e em cuja influência e eficiência ele possa confiar!)

Novamente, o sentimento de que os habitantes de Jerusalém formavam uma comunidade separada do mundo, a fim de ser um marco luminoso para Deus, precisava ser nutrido e

fortalecido a partir daquele momento. Então, "Eu disse-lhes: Não se abram as portas de Jerusalém até que o sol aqueça" (7.3). Todos os dias, até que a manhã estivesse adiantada, o mundo deveria permanecer do lado de fora. Isso ajudaria o povo de dentro a desenvolver a consciência de ser diferente, e de que fora chamado para ser diferente, simplesmente por ser o povo de Deus. (E como é importante que as igrejas e famílias cristãs separem tempo e façam um esforço para desenvolver, hoje, a mesma consciência!)

Finalmente, "era a cidade larga de espaço e grande, porém pouco povo havia dentro dela; e ainda as casas não estavam edificadas" (7.4). As famílias dos repatriados haviam se espalhado por toda a zona rural, para ganhar a vida como pequenos proprietários de terra, e uma nova população precisava ser recrutada. (E como é importante que a igreja local se estenda em evangelismo, para que o banquete das bodas de Cristo esteja repleto de convidados!)

De fato, há muito a ser feito.

E a oposição doméstica ainda estava lá, agora crescendo em torno de Tobias. Neemias descreve como aquela oposição atravessou as sete semanas e alguns dias em que durou a pertinaz reconstrução dos muros. "Também, naqueles dias, alguns nobres de Judá escreveram muitas cartas, que iam para Tobias, e as cartas de Tobias vinham para eles. Porque muitos em Judá se lhe ajuramentaram, porque era genro de Secanias, filho de Ará; e seu filho Joanã tomara a filha de Mesulão, filho de Berequias. Também as suas bondades contavam perante mim, e as minhas palavras lhe levavam a ele; portanto, Tobias escrevia cartas para me atemorizar" (6.17,19). A perceptibilidade, devoção, prudência e persistência de Neemias haviam-no habilitado a elevar-se acima da oposição, tanto

da política exterior peso-pesado (Sambalate e Gesém), como da de casa (os nobres subversivos), e ainda de Tobias, que se aliara a ambas. Agora que Jerusalém era uma cidade fortificada, com os seus portões fechados ao anoitecer, talvez mais cedo, à hora da sesta, e com guardas nos muros (7.3), era improvável que Sambalate e Gesém causassem quaisquer problemas. Com Tobias, porém, a coisa era diferente. Ele era íntimo de judeus da alta classe, que o viam como um bom camarada e olhavam Neemias de cima para baixo, como um João-ninguém — "não um de nós". Esses nobres nunca se entusiasmaram com a reconstrução dos muros (veja 3.5), e agora estavam muito bravos com o aperto que lhes dera Neemias por sua agiotagem e escravatura, humilhando-os em público. Por conseguinte, Neemias só podia esperar que Tobias insuflasse e conspirasse contra ele em bases permanentes, e devia preparar-se para mais conflitos.

(E como é importante que os pastores e líderes sejam igualmente realistas sobre a oposição contínua na igreja onde servem! Quando se propõe alguma mudança nos procedimentos estabelecidos, sempre há quem se oponha, achando que estarão mais confortáveis se as coisas continuarem como antes. Quando as mudanças propostas reduzirão o poder e a influência de alguém, sempre haverá oposição — não necessariamente dos que detêm o poder, mas de pessoas que se sentem melhor vendo-o permanecer com quem já está. Quando se sugere ou se introduz uma mudança no ministério, sempre há alguns que se levantam contra, por julgá-la desnecessária ou incômoda. O conforto daquela espécie que Pierre Berton chamou de "banco confortável de igreja",[3] o conforto do qual fazem parte a sonolência e a inércia, é o grande desejo de muito crente; e qualquer coisa

que ameace interromper sua rotina cômoda e agradável será ressentida. Como a escória do carvão impede a brasa de desprender plenamente o calor, assim também Satanás cuida para que o fator escória opere regularmente na congregação, a fim de que a frialdade para com a liderança, latente ou manifesta, coloque o seu abafador sobre o progresso espiritual. É surpreendente a frequência com que uma congregação servida por um ministro animado tem em seu seio um grupo indiferente de veteranos, que já estavam lá antes de ele chegar, e cujo principal interesse, agora, é vê-lo partir. Quão necessário é que os líderes estejam preparados para isso, e não esperem nada mais!)

Com todas essas coisas em mente, Neemias estava, desde o término do muro, orando e planejando para o próximo estágio da luta por uma Jerusalém piedosa. Não obstante, o que aconteceu cinco dias depois, no primeiro dia do sétimo mês, foi algo que ele não poderia ter antecipado, não mais do que podemos prever terremotos. Deus interveio e, em um dia, fez mais pela meta almejada do que Neemias poderia ter pedido ou imaginado.

Uma Necessidade Espiritual

"E chegado o sétimo mês", lemos, "e estando os filhos de Israel nas suas cidades..." (tinham voltado para casa, depois de semanas de acampamento em Jerusalém para terminar os muros; cf. 4.22) — a frase faz eco ao versículo anterior, um recurso que o Antigo Testamento usa para juntar as coisas — "todo o povo [retornou de suas cidades e] se ajuntou como um só homem, na praça, diante da Porta das Águas; e disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da Lei de Moisés" (7.73b-8.1).

O que foi isso?

Foi certamente uma ocasião planejada, porque uma grande plataforma de madeira fora construída para a leitura feita por Esdras (8.4,5), e é natural supormos que o planejador foi Neemias. É fácil imaginá-lo anunciando a reunião, enquanto despedia-se de cada destacamento de sua força-tarefa: "Lembrem-se: estejam de volta no primeiro dia do mês, quando, juntos, aprenderemos a Lei do nosso Deus". A necessidade de que todos conhecessem a revelação de Deus acerca de sua vontade e de seus caminhos, na Torá (os cinco livros de Moisés), era clara e óbvia: a Lei achava-se escrita em hebraico, enquanto todo o povo falava aramaico; e como, ao menos desde o exílio, não se fizera nenhuma tentativa de âmbito nacional de se ensinar a Lei, o povo comum era profundamente ignorante de seu conteúdo. E a ignorância torna impossível servir e agradar a Deus. Um programa nacional de instrução da lei divina fazia-se urgentemente necessário.

O mesmo se deu na Inglaterra do século XVI, quando William Tyndale foi para o exterior e arriscou a vida (que eventualmente veio a perder), a fim de traduzir as Escrituras; e o Arcebispo Thomas Cranmer fixou uma cópia da Grande Bíblia em cada paróquia; e o rei Edward VI designou meia dúzia de pregadores para percorrer a Inglaterra e, em tempo integral, explanar a Bíblia e pregar o evangelho; e os Puritanos criaram a literatura expositiva popular, que tanto contribuiu para fazer de sua Inglaterra a pátria do Livro. Neemias, supõe-se, estava ciente da necessidade de um programa de aprendizado, desde o dia de sua chegada, e de início já planejara essa aventura educacional em torno de Esdras, empurrando à frente o amável erudito-pregador, a fim de que ele utilizasse a sua destreza. Um bom líder admite as próprias

limitações, aprecia os dons dos outros, e sabe como passar a liderança a alguém melhor qualificado para uma tarefa em particular. E isso é o que vemos acontecendo aqui: Neemias, o leigo, pôs Esdras, o estudioso, a cargo do grande empreendimento educacional que tinha em mente.

Vale a pena observar, antes de prosseguirmos, que uma reprodução do que Neemias fez em Jerusalém, na metade do quinto século a.C., é extremamente necessário no Ocidente moderno. Os pais já não ensinam a Bíblia aos filhos em casa; os pregadores, na igreja, são geralmente temáticos e superficiais, em vez de expositivos e teológicos; o ensino da Escola Dominical é muitas vezes rudimentar no que diz respeito à Bíblia; o sistema educacional público e a mídia, tanto a popular quanto a acadêmica, tratam o cristianismo como uma letra morta, sobrevivente apenas como um hobby para pessoas de um estilo singular. Assim, não há em nossa cultura o menor encorajamento para se tornar biblicamente literato, e o resultado é uma geração assustadora e pateticamente ignorante da Palavra de Deus. Não se pode esperar nenhum movimento significativo em direção a Deus enquanto as coisas permanecerem como estão.

Um Desejo Espiritual

Uma coisa é anunciar uma reunião; outra bem diferente é conseguir o comparecimento do povo. Neemias deve ter imaginado que espécie de multidão seria atraída ao grande encontro, se é que ele atrairia uma multidão. Não havia garantias de que, após alguns dias em casa, os operários voltassem maciçamente à cidade para um dia de estudo, e menos ainda que trouxessem consigo os familiares e amigos. Tampouco havia garantia de que a minoria residente em Jerusa-

lém comparecesse. Todavia, foi o que aconteceu. Pela manhã, bem cedo, "todo o povo se ajuntou *como um só homem*, na praça, diante da Porta das Águas... assim de homens como de mulheres e de todos os entendidos para ouvirem" (8.1-3, ênfase do autor), isto é, as crianças mais velhas. Havia expectativa, estímulo e impaciência partilhados por todos; a multidão mostrava-se ávida; o desejo de conhecer a Lei de Deus era consciente, penetrante e forte; difundia-se em todos o sentimento de que aquele seria um dia maravilhoso. O povo clamava para que se iniciasse o procedimento: "E disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da Lei de Moisés". Imagine uma plateia impaciente, bradando: "Queremos Esdras! Queremos Esdras!", e repetindo isso cada vez mais alto. Contudo, em sua ânsia, o povo era sério. Não estavam ali para um entretenimento; eram pessoas ocupadas. Sabiam que aquele era o momento em que Deus faria grandes coisas por Israel, e não queriam perder nada daquilo que chamaríamos de "o melhor da festa". De um modo real, ainda que desfocado, eles esperavam ouvir de Deus.

O que acontecera? Numa palavra, isto: o Espírito Santo havia trabalhado naquelas pessoas, despertando nelas um interesse por Deus, uma inquietação pelas coisas divinas, e um desejo pela bênção de Deus, totalmente incomuns. É verdadeira a famosa declaração de Agostinho de que o nosso coração não sossega até encontrar descanso em Deus. Os seres humanos caídos não se voltam naturalmente ao Criador em seu desassossego; em vez disso, buscam contentamento em outras coisas. É preciso que o Espírito Santo gere um desejo ativo por Deus e uma busca proposital dEle. Na soberana estratégia divina para a história do mundo, há tempos em que o Espírito trabalha com um poder peculiar

a fim de criar essa motivação, não apenas em alguns indivíduos, mas em uma comunidade inteira, e esse foi um tempo assim.

Outra época semelhante foi em meados do século XVIII, quando as pessoas de língua inglesa, em ambos os lados do Atlântico, experimentaram muito da ação do Espírito Santo, que despertou nelas um interesse espiritual desse nível. O mais surpreendente na história do grande reavivamento internacional espalhado e sustentado pelas pregações de George Whitefield, Howell Harris, Daniel Rowland, os irmãos Wesley, John Berridge, William Grimshaw, Jonathan Edwards, os Tennents, Samuel Davies e muitos outros menos famosos foi o tamanho das multidões que se reuniam quando era anunciada a visita desses pregadores. Whitefield, com a sua voz imensa e bela, seu estilo dramático e singular carisma, atraía os maiores números — de dez mil a vinte mil, quando pregava ao ar livre —, mas todos eles costumavam falar a milhares de pessoas em cada reunião. Podemos perguntar: Qual a fonte desse interesse ardente pela pregação, que contrasta tão fortemente com que vemos e sentimos hoje? Expectativa de entretenimento, alívio do enfado ou curiosidade ociosa por aquilo que interessa a outrem não são respostas suficientes, embora alguns dos ouvintes não passem longe disso. Entretanto, a única explicação plausível é que o Santo Espírito de Deus estava operando em poder a fim de incitar compulsão espiritual, isto é, fazer as pessoas acorrerem para onde se pudesse estar ao alcance da voz de Deus, caso ele tivesse algo relevante a dizer. Foi isso, claramente, o que aconteceu em Jerusalém "no primeiro dia do sétimo mês" de 444 a.C.

Um Exercício Espiritual

"Esdras... trouxe a Lei perante a congregação... e leu nela... desde a alva até ao meio-dia [cinco ou seis horas!] e os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da Lei." (8.2,3). Este é o relatório sumário do que ocorreu; a narrativa detalhada vem a seguir, em 8.4-12, onde lemos que Esdras, o líder da adoração e chefe da equipe de ensinadores, presidiu de cima da plataforma-púlpito (a palavra hebraica significa "torre"), ladeado por um grupo de treze auxiliares. Ao abrir ele o livro, "todo o povo se pôs em pé", em um gesto de reverência aparentemente espontâneo. A adoração deu início ao dia: "Esdras louvou o Senhor, o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém! Amém!, levantando as mãos; e inclinaram-se e adoraram o Senhor, com o rosto em terra".

Depois disso, os treze levitas treinados puseram-se, presumivelmente, em pontos diferentes da multidão, "e ensinavam ao povo na Lei; e o povo estava no seu posto". (Logicamente, naqueles dias ainda não tinham inventado os equipamentos de som.) "E leram o livro, na Lei de Deus, e declarando e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse" (8.8). Aparentemente, a tarefa foi dobrada. Primeiro, os levitas tiveram de traduzir do hebraico para o aramaico, dialeto desenvolvido a partir do hebraico, e que era falado na Palestina. Podemos comparar esse trabalho à tarefa de verter para o inglês moderno a poesia de Chaucer. E então, eles tiveram de explicar nos mínimos detalhes, para que os ouvintes pudessem compreender o que significava, na prática, guardar a Lei de Deus. A suposição natural é que Esdras lia uma seção e fazia uma pausa, a fim de que os levitas a traduzissem e explanassem, e depois continuavam, sempre desse modo. Evidentemente, tudo

isso fora planejado e ensaiado com antecedência, e **tudo** funcionou bem. Os levitas laboraram no ensino, a **multidão** dedicou-se a aprender e, conforme lemos em 8.12, todos "entenderam".

Assim, passaram-se mais de cinco horas, com o povo em pé, sem *coffee break* ou algo parecido. Se me indagarem se levavam a sério o que estavam fazendo, a pergunta responde a si mesma: Achavam-se lá porque verdadeiramente queriam aprender a Lei, e aplicaram-se a fazer exatamente isso.

Toda forma de exercício, físico ou mental, requer aplicação. O esforço em atividades que valham a pena não deve ser de má vontade. Paulo escreve a Timóteo: "Exercita-te a ti mesmo em piedade. Porque o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa" (1 Tm 4.7,8). Uma dimensão básica de treinamento pessoal em piedade é aprender, da Bíblia, como viver pela verdade de Deus. Aquele que não despende esforço em exercitar-se nisso sentencia-se a ficar longe da verdadeira piedade em muitos aspectos. Os judeus na Porta das Águas estavam profundamente certos em separar tempo para dedicar-se seriamente a apreender a vontade revelada de Deus, no primeiro momento possível.

Quão diferente foi a atitude daqueles israelitas daquilo que é comum — muito comum — entre os modernos cristãos ocidentais! É irônico refletir que, numa época em que a Bíblia é o livro mais circulado no mundo, e o seu estudo é recomendado tanto por católicos romanos quanto por protestantes, e os cristãos de expressão inglesa possuem melhores traduções, estudos bíblicos e outras ajudas para entendê-la que as primeiras gerações de qualquer parte do mundo, o aprendizado da Bíblia é a disciplina mais negligenciada, e o

conhecimento do seu conteúdo é mais raro que em qualquer tempo desde a Reforma. O problema é triplo.

Primeiro, o criticismo bíblico diz-nos que as especificidades da Bíblia não podem ser acreditadas e, por conseguinte, não são dignas de serem aprendidas; então as deixamos de lado. Segundo, a teologia liberal prega que o cristianismo é essencialmente um sistema ético, e que a própria ênfase da Bíblia sobre a doutrina de Deus, dada para ser aprendida, nunca passou de um engano. (Isso significa que os escritores apostólicos como Paulo e João entenderam mal o cristianismo que ensinavam, e ficaram do lado errado desde o início? Num sentido presunçoso, sim. A teologia liberal requer essa conclusão.)

E terceiro, a nossa cultura comunica-nos que, com exceção da técnica profissional, só carecemos de um conhecimento superficial das coisas para vivermos, e por isso seria ingenuidade um cristão despender tanto tempo aprendendo quaisquer detalhes sobre o cristianismo. A verdade, porém, é que assim como o desejo de conhecer o que Deus revelou nas Escrituras, a fim de que o sirvamos em resposta à sua Palavra, é dado e estimulado pelo Espírito Santo, a falta de disposição para o fazer é extintora do mesmo Espírito. Então, se questionarmos o porquê de as igrejas ocidentais modernas carecerem tão conspicuamente de maturidade espiritual, acharem-se longe do avivamento do Espírito e não causarem impacto sobre a sociedade secular, aqui está parte da resposta.

Uma Experiência Espiritual

Lemos que, ao meio dia, Neemias, Esdras e os levitas disseram ao povo: "Este dia é consagrado ao Senhor, vosso Deus,

pelo que não vos lamenteis, nem choreis. Porque **todo o** povo chorava, ouvindo as palavras da Lei" (Ne 8.9).

Chorar! Por quê? Por causa do impacto que o entendimento da Palavra de Deus causou-lhes no coração. As pessoas choram quando dominadas pela emoção, e as emoções que suscitam lágrimas são ocasionadas pela vívida compreensão de alguma realidade. A raiz do avivamento espiritual, tanto no indivíduo como na comunidade, era, é e sempre será a vívida compreensão da santidade, bondade e misericórdia de Deus, bem como da perversidade, ignomínia, ofensa e insensatez suicida que Ele vê em nossos pecados. Lamentar e chorar pelos pecados são, portanto, o resultado natural. E quando esta compreensão da verdade divina e de nós mesmos é clara e forte, as lágrimas fluem.

Chorar sob a ministração da Palavra não é algo comum, porque tal intensidade de compreensão não ocorre com frequência. As razões para isso têm a ver parcialmente com Deus e parcialmente com o povo; e entre o povo, parte da responsabilidade é do pregador, e parte, dos ouvintes. O Espírito Santo, que por si só origina tal compreensão em corações duros, raramente é invocado de modo sério pelos pregadores e congregações; e frequentemente é obstado ou extinguido pela negligência no servir a Deus, pela indiferença quanto ao que o agrada ou não, e pela arraigada indisposição para enfrentar os desafios morais e comportamentais em nossas vidas. Não obstante, há ocasiões em que o Espírito Santo inspira pregações aplicativas a fim de promover amplo e vívido entendimento da grandeza, da bondade e da proximidade de Deus, bem como de nossa pecaminosidade. Para ilustrar o que estamos dizendo, eis o relato que um pu-

ritano fez a outro, a respeito de um culto do qual participou, no início do século XVII:

> O senhor Roger estava falando das Escrituras. E... passou a censurar o povo por sua negligência à Bíblia... Ele representou Deus ao povo, dizendo: "Ora, confiei-lhes minha Bíblia há muito tempo. Vocês a têm menosprezado de tal modo, que em muitos lares ela se acha coberta de pó e teia de aranha; vocês não se interessam em ouvi-la. É assim que vocês usam a minha Bíblia? Pois não a terão mais!" E ele tirou a Bíblia do aparador e fez de conta que ia embora com ela, tirando-a deles. Imediatamente, porém, voltou e representou o povo falando com Deus; caiu de joelhos, chorou e suplicou com todo o fervor: "Senhor, não importa o que faças, não tires de nós a tua Bíblia. Mata nossos filhos, queima nossas casas, destrói nossos bens, mas deixa-nos a tua Bíblia. Não leves embora a tua Bíblia!" E novamente personificou Deus ao povo: "Ah é? Bem, testarei vocês um pouco mais; aqui está a minha Bíblia para vocês. Veremos como vocês a tratarão, se amá-la-ão mais... se a observarão, praticarão, e viverão de acordo com ela, mais do que faziam antes". Com tal gesto, ele pôs a congregação numa tal disposição de espírito, que... o lugar tornou-se um Boquim; todo o povo... transbordou de lágrimas; e... ele mesmo , ao sair, passou um quarto de hora debruçado sobre o pescoço do cavalo, chorando, até voltarem-lhe as forças para montá-lo, tal foi a impressão sobre ele e toda a congregação, depois de haverem sido repreendidos por negligenciar a Bíblia.[4]

O ensinamento ministrado na Porta das Águas não envolveu uma dramatização desse tipo; não obstante, confron-

tou-os com as verdades sobre Deus e eles mesmos, como nunca antes haviam sido confrontados, e eles, deliberadamente, abriram-se para Deus num grau jamais atingido. O Espírito Santo instigara-os a assumir seriamente a sua identidade como povo de Deus e a buscar o seu querer para as suas vidas, e dera-lhes a humilde disposição para serem ensinados diretamente da Palavra do Senhor. É natural supor que a vívida compreensão da santidade, bondade e proximidade do "Senhor, o grande Deus" tenha principiado dentro deles através da excelente oração inicial de Esdras, antes de se começar o ensino. Era muito forte a consciência que o próprio Esdras possuía da magnificência de Deus, sempre presente e agindo em grande bondade e severidade ("A mão do nosso Deus é sobre todos os que o buscam para o bem, mas a sua força e a sua ira, sobre todos os que o deixam", Ed 8.22). Lemos que Esdras, ao descobrir o quão difundido e arraigado era o pecado de judeus casando-se com pagãos, rasgou as vestes, arrancou os cabelos, prostrou-se diante do Templo, e fez em favor de Israel uma das mais pungentes confissões de pecado contra o Deus da graça, já encontradas na Bíblia ou qualquer outra parte.

E então lemos que "orando Esdras assim, e fazendo esta confissão, e chorando, e prostrando-se diante da Casa de Deus, ajuntou-se a ele de Israel uma mui grande congregação de homens e mulheres e de crianças, porque o povo chorava com grande choro" (Ed 10.1). Levar o povo a ampliar sua compreensão da realidade divina e aprofundar sua percepção da graça e do pecado é a parte principal do ministério. Podemos citar como exemplo o saudoso Martyn Lloyde-Jones; qualquer um que o tenha ouvido testemunharia isso, e o mesmo parece ser verdade a respeito de Esdras. Seja como for,

o fato é que, ao meio-dia, a assembleia da Porta das Águas achava-se tão compungida pelo que aprendera sobre o agir e a vontade de Deus — o Criador Santo, que escolhera, salvara e separara Israel para ser o seu povo santo — que caiu em prantos, e a ministração teve de ser interrompida.

Neemias "disse-lhes mais: Ide, e comei as gorduras, e bebei as doçuras, e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque esse dia é consagrado ao nosso Senhor" (Ne 8.10). Neemias, Esdras e os levitas viram que o povo chorava de tristeza e de alegria ao mesmo tempo: tristeza por haverem ido tão longe sem saber o que agradava ou desagradava o seu Deus, e assim falhado em servi-lo apropriadamente; e alegria porque, em vez de os lançar fora, Deus, misericordiosamente, enviara-lhes seus agentes para restaurarem a cidade e lhes ensinarem a sua Palavra, a fim de que soubessem amá-lo e servi-lo no futuro. Enquanto o pesar contemplava o passado, o contentamento mirava o porvir. Então os líderes, decidiram, sabiamente, que expressar publicamente a alegria em vez da tristeza era mais apropriado. Chorar de aflição depois de várias horas de concentração, em pé, haveria de exaurir o espírito do povo; e eles poderiam achar, caso a consternação os dominasse, que deveriam jejuar para expressar seus sentimentos, o que acabaria por esgotá-los fisicamente também.

O curso de ação que os líderes lhes impuseram era melhor em todos os sentidos. "A alegria do Senhor é a vossa força", incentivou Neemias. (Imagine-o gritando isso de cima da plataforma.) Então regozijem-se! Festejem com alegria, em vez de jejuar com tristeza! "Ide, e comei as gorduras, e bebei as doçuras... não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força". Com isto, ele finalizou a reunião.

"Você pode imaginar organizadores modernos de reuniões de avivamento comportando-se dessa forma?" Indaga John White. "Sentimos que fomos nós que o fizemos, quando o povo começa a chorar!"[5] E então, ele poderia ter acrescentado, prolongamos a reunião, achando que com suas lágrimas ganhamos vantajosas milhagens espirituais. Todavia, Neemias e Esdras sabiam o que os avivalistas modernos parecem não saber: não há nada intrinsecamente mágico ou necessariamente espiritual nas lágrimas (as pessoas choram por qualquer coisa, e algumas muito facilmente); nem há nada naturalmente benéfico em agitar as pessoas, ou mantê-las agitadas, por meio de manipulação ou apelo emocional. O que importou em Jerusalém em 444 a.C. foi que a profunda, intensificada e ampliada compreensão que o povo teve da grandeza, da santidade e da bondade de Deus seria conservada e reforçada; e esse banquete ou piquenique improvisado, do qual uma grande distribuição seria feita aos pobres por causa da pura alegria de conhecer a Deus, faria igualmente bem.

O mesmo princípio é aplicável hoje. A tristeza pelo pecado e a alegria do perdão de Deus e da segurança de seu amor não se acham longe um do outro, pois o Deus que convence do pecado é o Deus de misericórdia que salva; o arrependimento dos pecados e a confiança em Cristo para o perdão são dois lados de uma mesma moeda. Esse duplo aspecto voltado para Deus é a disciplina básica do viver de todo cristão, e é com relação a uma ou outra de suas facetas que obtemos mais vívida compreensão de Deus e nos apegamos mais fortemente a Ele. E embora tenha de haver um tempo de chorar, bem como um tempo de regozijar, expressar a alegria que vem do Senhor pode reforçar o nos-

so entendimento espiritual tão efetivamente quanto o faz a nossa expressão de pesar. Nem todo culto a Deus deve ser melancólico.

Uma Resposta Espiritual

A realidade do avivamento foi demonstrada no dia seguinte. Deus outorgara ao seu povo um grande apetite por sua Palavra, um desejo por uma vida de obediência, e um forte senso moral, a fim de que nenhuma das exigências de Deus fosse negligenciada, e nada disso enfraqueceu. As mulheres e crianças não foram solicitadas a comparecer novamente (provavelmente, presumiu-se, com razão, que o dia anterior as esgotara), mas "ajuntaram-se os cabeças dos pais de todo o povo, os sacerdotes e os levitas, a Esdras, o escriba, e isso para atentarem nas palavras da Lei" (8.13). Descobriram que Deus requeria de Israel a celebração da Festa dos Tabernáculos, do décimo quinto ao vigésimo segundo dia daquele mês, como uma festa das colheitas e um memorial da jornada à Terra Prometida, e resolveram fazê-lo. O esforço e, sem dúvida, a inconveniência de colher os ramos por toda parte, erguer cabanas onde houvesse espaço para elas em Jerusalém e morar nelas durante a semana da festa, foi algo que realizaram prontamente; a alegria da obediência e a consciência de que isso agradava a Deus varreram todas as dificuldades. "E houve mui grande alegria" (8.17).

Isso era realidade espiritual! Essa era uma vida digna de viver! Nada se compara à certeza de estar fazendo a vontade de Deus! Eles agiram de acordo com o que sentiam. "Os regulamentos dispersos da festa foram procurados e seguidos de boa vontade", escreve Derek Kidner. "O versículo 15 segue

as instruções dadas em Levítico 23.40, com respeito a colher ramos frondosos; a última sentença do versículo 17 harmoniza com a nota do chamado ao *regozijo* de Deuteronômio 16.13-15; e agora [v. 18] aprendemos sobre a leitura *da lei* prescrita em Deuteronômio 31.10-13 para cada sétimo ano, e sobre a *assembleia solene* de Números 29.35".[6] Sob a liderança combinada de Esdras e Neemias, Israel estava livre e vivendo a sua nova identidade como o povo restaurado de Deus.

Eis aqui, novamente, um padrão de vida espiritual tão autêntico hoje quanto o foi há dois milênios e meio. Quando um adolescente ou um adulto encontra nova vida em Cristo Jesus, e quando um cristão abatido experimenta qualquer forma de estímulo ou renovação, a obediência a Deus deixa de ser penosa e torna-se um deleite; agradar a Deus fazendo o que Ele requer passa a ser a principal alegria da vida. A contínua paixão por agradar a Deus foi a autenticação do avivamento em Jerusalém, e uma paixão semelhante é requerida, hoje, como sinal de genuinidade em todos os círculos onde existe vida espiritual, isto é, vida regenerada, vida feita nova pelo Espírito Santo.

Um Compromisso Espiritual

Além do avivamento iniciado na Porta das Águas, o gesto mais significativo de resposta à graça e à visitação de Deus ainda estava por vir. No vigésimo quarto dia daquele mês, três semanas e meia depois, foi estabelecido um dia nacional de arrependimento e renovação do compromisso.

> ... se ajuntaram os filhos de Israel com jejum e com pano de saco e traziam terra sobre si. E a geração de Israel se apar-

> tou de todos os estranhos, e puseram-se em pé e fizeram confissão dos seus pecados e das iniquidades de seus pais. E, levantando-se no seu posto, leram no livro da Lei do Senhor, seu Deus, uma quarta parte do dia; e, na outra quarta parte, fizeram confissão; e adoraram o Senhor, seu Deus. (9.1-3)

O capítulo 9.5-38 fornece o texto da oração solene que foi a peça central da ocasião. Talvez Esdras a tenha composto; evidentemente, os sentimentos nela expressos, bem como o seu estilo, acham-se em total acordo com o que conhecemos dele. Ela combina: louvor a Deus como o Criador e o "Deus perdoador, clemente e misericordioso, tardio em irar-te, e grande em beneficência" (9.17); agradecimentos por sua graça na história de Israel; confissão de pecados contra Ele (desobediência, rebelião, blasfêmia, arrogância, negligência, maldade); justificação de Deus como o fiel "que guardas o concerto e a beneficência... tu és justo em tudo quanto tem vindo sobre nós, porque tu fielmente te houveste, e nós impiamente nos houvemos" (9.32,33); uma franca reclamação: "Estamos numa grande angústia" (9.36,37); e um sólido compromisso: "Fizemos um firme concerto e o escrevemos" (9.38). Feito "num anátema e num juramento", o compromisso foi "de que andariam na Lei de Deus, que foi dada pelo ministério de Moisés, servo de Deus; e de que guardariam e cumpririam todos os mandamentos do Senhor, nosso Senhor" (10.29).

Nessa estrutura, comprometeram-se a cinco atitudes específicas: primeiro, proibir casamentos mistos tanto para homens como mulheres; segundo, preservar a santidade do sábado, não comprando dos não israelitas nesse dia; terceiro, proteger os pobres, deixando a terra descansar no sétimo

ano (quando, de acordo com Êx 23.11, os pobres poderiam servir-se de qualquer coisa que nela crescesse), e perdoando toda dívida no sétimo ano, de acordo com Deuteronômio 15.1-11; quarto, apresentar no Templo todo primogênito, tanto dos humanos quanto dos animais, o que significaria pagar um preço pelo primeiro e entregar o segundo (veja Nm 18.14-19); e quinto, fornecer dinheiro (taxa do Templo), lenha e o dízimo para a manutenção do serviço do Templo, "assim não desampararíamos a Casa do nosso Deus" (10.39; veja vv. 30-39).

Além da intrínseca importância desses compromissos para uma vida nacional piedosa, eles tinham um claro significado de penhor, garantindo que toda a Lei seria fielmente guardada, e demonstrando a resolução de pôr Deus acima de todas as coisas. Constituiam-se eles numa comovente expressão de fé, esperança e amor. Para os membros e uma comunidade economicamente achatada, renunciar ao dinheiro de casamentos com estrangeiros e ao comércio de sete dias por semana, prometer pagar resgate pelo primogênito (ver Nm 18.14-16), fazer vigorar um sistema em que o rico tinha de dar substancialmente ao pobre a cada sete anos, e dizimar regularmente de todas as coisas para o Templo era um compromisso audacioso, custoso e de abnegação. Contudo, o que ele expressava em termos positivos era a resolução de obedecer a Deus a todo custo, sem meias-medidas, e de confiar totalmente que Ele concederia shalom — paz, bem-estar, harmonia, prosperidade — ao seu povo fiel e leal. Amar a Deus e ao próximo, devotando-se à adoração de um e ao bem-estar do outro, era para ser o modo de vida de todo israelita; e Deus, "que guarda o seu concerto de amor", abençoá-los-ia de conformidade com suas promessas.

O compromisso de Israel era, desse modo, grandemente admirável. Era uma expressão de extremo arrependimento, o que significava uma mudança de mente, coração e vida; um gesto de plena consagração, o que equivalia a estar separado de outros povos para ser o povo de Deus; e uma porta de entrada para uma vida de fé, na qual contariam com Deus para todas as coisas. Ele exemplifica o compromisso que deveria distinguir a igreja cristã de hoje: cristãos casando-se com cristãos e estabelecendo lares cristãos; cristãos enxergando seu tempo, sua vida, saúde, habilidades e influências como dádivas de Deus, dos quais eles são mordomos, e sobre os quais Deus tem a primazia; cristãos sendo generosos em face das necessidades humanas, e responsáveis em ofertar (Dizimar? Ao menos isto!) a fim de sustentar o ministério e os funcionários da igreja.

A expressão decisiva do compromisso de Israel foi a disposição dos líderes em mudar-se para Jerusalém, e a prontidão de todo o povo em ser selecionado por sorteio para fazer o mesmo. Dez por cento foram escolhidos dessa maneira para viver na cidade — não por interesse pessoal, mas pelo bem de Jerusalém, a fim de fazer dela uma comunidade forte, que verdadeiramente honrasse a Deus e manifestasse-lhe a glória. "E o povo bendisse a todos os homens que voluntariamente se ofereciam para habitar em Jerusalém" (11.2), e estavam certos em fazê-lo. Quando escolhemos o lugar onde vamos residir, a nossa primeira cogitação é agradar a nós mesmos, ou sermos úteis a Deus?

Uma Celebração Espiritual

O texto de Neemias 12.27-43 descreve a procissão cerimonial e os louvores com que os muros reconstruídos foram dedicados a

Deus. Foi um dia de livre deleite, onde a tônica foi a ação de graças. "E sacrificaram, no mesmo dia, grandes sacrifícios e se alegraram, porque Deus os alegrara com grande alegria; e até as mulheres e os meninos se alegraram, de modo que a alegria de Jerusalém se ouviu até de longe" (12.43). É desse modo que glorificamos a Deus quando Ele nos abençoa? Exuberância e estilo carnavalesco podem facilmente tornar-se carnal e nada espiritual, mas, seguramente, a sublime intensidade desse dia de adoração, exaltação expressa em muitos dos Salmos, tem algo a dizer-nos hoje.

Dois corais, especialmente formados para essa ocasião e ensaiados pelo maestro Jezraías (12.28,31,42), caminharam sobre o muro, cantando, e reuniram-se no Templo para mais canções de louvor e gratidão, acompanhados agora por címbalos, harpas, liras e trombetas (12.27,41). Cantar era a ordem do dia, e assim é em toda adoração prescrita em ambos os Testamentos.

> Isto não é verdade em outras religiões. Muitas usam cantochões repetitivos. Em algumas, o clero canta. Mas, em geral, as religiões do mundo são rígidas... Os cristãos escrevem hinos... composições musicais para coros... oratórios. Por que isto? Obviamente, porque o cristianismo é alegre em si mesmo. É uma resposta ao grande ato de Deus a nosso favor, especificamente na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo — ato que nos assegurou a salvação.[7]

"A palavra de Cristo habite em vós abundantemente... com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração", escreve Paulo (Cl 3.16). Será que cantamos o suficiente? O bastante para sustentar a alegria da nossa salvação? O bastante para dar a Deus a honra e a apreciação que lhe são devidas? Quanto canta-

mos hoje para Deus? Cantamos ontem? Planejamos cantar amanhã?

Um Caminho Espiritual

Não sabemos que salmo eles cantaram, mas é natural pensar que foram usados os salmos como o 78, 105, 116, que proclamam as bênçãos de Deus no passado, mais os Salmos dos Degraus (120, 134), compostos por peregrinos que subiam a Jerusalém para adorar; e ainda o Salmo 48, cuja última estrofe descreve, de fato, o que eles estavam fazendo:

> *Rodeai Sião; cercai-a; contai as suas torres;*
> *notai bem os seus antemuros;*
> *observai os seus palácios, para que tudo narreis à geração seguinte.*
> (vv. 12,13)

E também o Salmo 135 teria se ajustado admiravelmente à ocasião, tanto quanto se encaixa na conclusão deste capítulo. Neemias 8—12 mostra-nos algo da obra divina de avivamento, bem como a paixão e o poder extraordinários da devoção do povo, quando o avivamento lhes toca a vida. O arrependimento, que humilha, e o louvor, que estimula, ainda são as duas atividades que, com a bênção de Deus, conduzem mais diretamente à renovação espiritual; e a alegria e a autoentrega ainda são as duas atividades nas quais a renovação espiritual se expressa mais naturalmente. Vemos tudo isso aqui, e a história impulsiona-nos a buscar igual despertamento. A meditação responsiva do Salmo 135, enquanto refletimos no modo como Deus visitou e renovou o seu povo nos dias de Neemias, pode fazer-nos avançar na estrada do avivamento.

Louvai ao Senhor! Louvai o nome do Senhor; louvai-o, servos do Senhor. Vós que assistis na Casa do Senhor, nos átrios da Casa do nosso Deus. Louvai ao Senhor, porque o Senhor é bom; cantai louvores ao seu nome, porque é agradável. Porque ao Senhor escolheu para si a Jacó e a Israel, para seu tesouro peculiar. Porque eu conheço que o Senhor é grande e que o nosso Deus está acima de todos os deuses. Tudo o que o Senhor quis, ele o fez, nos céus e na terra, nos mares e em todos os abismos. Faz subir os vapores das extremidades da terra; faz os relâmpagos para a chuva; tira os ventos dos seus tesouros. Os ídolos das nações são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca, mas não falam; têm olhos, e não veem; têm ouvidos, mas não ouvem, nem há respiro algum na sua boca. Semelhantes a eles se tornem os que os fazem, e todos os que confiam neles. Casa de Israel, bendizei ao Senhor! Casa de Arão, bendizei ao Senhor! Casa de Levi, bendizei ao Senhor! Vós, os que temeis ao Senhor, louvai ao Senhor! Bendito seja, desde Sião, o Senhor, que habita em Jerusalém. Louvai ao Senhor!

(vv. 1-7, 15-21)

E então faremos bem em nos apropriarmos da primeira metade do Salmo 85:

Abençoaste, Senhor, a tua terra; fizeste regressar os cativos de Jacó. Perdoaste a iniquidade do teu povo; cobriste todos os seus pecados. Fizeste cessar toda a tua indignação; desviaste-te do ardor da tua ira. Torna-nos a trazer, ó Deus da nossa salvação, e retira de sobre nós a tua ira. Estarás para sempre irado contra nós? Estenderás a tua ira a todas as gerações? Não torna-

rás a vivificar-nos, para que o teu povo se alegre em ti? Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia e concede-nos a tua salvação.

(vv. 1-7)

E se Deus capacitou-nos a chegar até aqui — quem sabe o que poderá vir a seguir?

7

De Volta ao Começo

Os contos infantis sugerem que as pessoas boas que sobrevivem a certos ataques do mal vivem felizes para sempre. Os romances de bolso, como os de faroeste, mistério e ficção científica, são uma espécie de conto de fadas para adultos, desenvolvido sobre o que P. G. Wodehouse descreve como a mais antiga trama do mundo — o rapaz encontra a garota, o rapaz perde a garota, o rapaz conquista a garota — e então nos convida a supor que, depois de caírem finalmente um nos braços do outro, o casal continua em permanente euforia e tranquilidade. No entanto, a vida real — a vida de relacionamentos reais, casamentos reais, empregos reais, negócios reais, e assim por diante — não combina com essa fórmula; muito menos a vida da igreja local. É promessa divina que, no céu, todos os nossos problemas terminarão, mas esperar qualquer estado de felicidade eterna aqui na terra, seja na vida pessoal seja na da igreja, é fantasia e ilusão. Ceder à ilusão, conforme o mentiroso Satanás insiste que façamos, é predispor-nos a dolorosos desapontamentos. É vital que todo cristão aprenda a ser realista quanto a isso.

Dentro da igreja local, a queixa de que as coisas nunca mudam é sempre ouvida; mas, na verdade, uma combinação de três forças distintas garante o contrário, isto é, que as coi-

sas nunca serão simplesmente estabelecidas para sempre, ou que continuarão eternamente bem, depois de melhorarem. A primeira força é o desassossego humano, que toma muitas formas, incluindo às vezes, paradoxalmente, uma campanha vigorosa de resistência a mudanças, de tal modo que a energia empregada no projeto revela o profundo desassossego do coração. (A atitude e as ações de Tobias parecem exemplificar bem isso.) A segunda força é a energia de Deus, trabalhando para transformar a pessoa à semelhança de Cristo e levá-la a amadurecer na santidade de vida. A terceira força é a energia de Satanás, empregada para corromper as boas coisas que Deus fez e a boa obra que está fazendo.

Com essas três forças puxando e empurrando ao mesmo tempo, não é de admirar que, por dentro daquilo que parece firmeza, as igrejas não estão nada firmes. Existem altos e baixos, oscilações, recuperações e, então, mais oscilação; a visão e a vitalidade perdidas podem reaparecer, às vezes, repentinamente; e então, após um período de despertar, uma reação negativa — que podemos chamar de melancolia pós-renovação — facilmente se instala.

Indubitavelmente, essa reação não precisa aparecer e nem deveria, mas as Escrituras e as experiências semelhantes mostram-nos que elas ocorrem com certa frequência. Onde Deus enviou uma reformação, Satanás trabalha nos bastidores, senão abertamente, para a deformação de tudo o que foi feito novo. Onde Deus alentou o moribundo, Satanás tenta transformar a renovação em legalismo tirânico, ou em simplório antinomianismo, ou fanatismo vaidoso, ou orgulhoso cepticismo; assim, de um modo ou de outro, ele trabalhará para assegurar que as mudanças produzidas pelo avivamento durem o menor tempo possível. Os cons-

tantes ataques do Diabo à Igreja, e a recusa de Deus em desistir dela, fazem com que aqueles sobre cujos ombros repousam o cuidado com o povo de Deus experimentem desapontamentos junto com os encorajamentos periódicos. Isso nos leva ao aparente anticlímax da narrativa de Neemias 13.

> Ora, antes disso, Eliasibe, sacerdote, que presidia sobre a câmara da Casa do nosso Deus, se tinha aparentado com Tobias; e fizera-lhe uma câmara grande, onde dantes se metiam as ofertas de manjares, o incenso, os utensílios e os dízimos do grão, do mosto e do azeite, que se ordenaram para os levitas, e cantores, e porteiros, como também a oferta alçada para os sacerdotes. Mas, durante tudo isso, não estava eu em Jerusalém, porque, no ano trinta e dois de Artaxerxes, rei de Babilônia, vim eu ter com o rei; mas, ao cabo de alguns dias, tornei a alcançar licença do rei. E vim a Jerusalém e compreendi o mal que Eliasibe fizera para beneficiar a Tobias, fazendo-lhe uma câmara nos pátios da Casa de Deus, o que muito me desagradou; de sorte que lancei todos os móveis da casa de Tobias fora da câmara. E, ordenando-o eu, purificaram as câmaras; e tornei a trazer ali os utensílios da Casa de Deus, com as ofertas de manjares e o incenso. Também entendi que o quinhão dos levitas se lhes não dava, de maneira que os levitas e os cantores, que faziam a obra, tinham fugido cada um para a sua terra. Então, contendi com os magistrados e disse: Por que se desamparou a Casa de Deus? Porém eu os ajuntei e os restaurei no seu posto. Então, todo o Judá trouxe os dízimos do grão, e do mosto, e do azeite aos celeiros. E por tesoureiros pus sobre os celeiros a Selemias, o sacerdote, e a Zadoque, o escrivão, e a Pedaías, dentre os levitas; e com eles Hanã, filho

de Zacur, filho de Matanias; porque se tinham achado fiéis, e se lhes encarregou a eles a distribuição para seus irmãos. (Por isto, Deus meu, lembra-te de mim e não risques as beneficências que eu fiz à Casa de meu Deus e às suas guardas.) Naqueles dias, vi em Judá os que pisavam lagares ao sábado e traziam feixes que carregavam sobre os jumentos; como também vinho, uvas e figos e toda casta de cargas, que traziam a Jerusalém no dia de sábado; e protestei contra eles no dia em que vendiam mantimentos. Também tírios habitavam dentro e traziam peixe e toda mercadoria, que no sábado vendiam aos filhos de Judá e em Jerusalém. E contendi com os nobres de Judá e lhes disse: Que mal é este que fazeis, profanando o dia de sábado? Porventura, não fizeram vossos pais assim, e nosso Deus não trouxe todo este mal sobre nós e sobre esta cidade? E vós ainda mais acrescentais o ardor de sua ira sobre Israel, profanando o sábado. Sucedeu, pois, que, dando as portas de Jerusalém já sombra antes do sábado, ordenando-o eu, as portas se fecharam; e mandei que não as abrissem até passado o sábado; e pus às portas alguns de meus moços, para que nenhuma carga entrasse no dia de sábado. Então, os negociantes e os vendedores de toda mercadoria passaram a noite fora de Jerusalém, uma ou duas vezes. Protestei, pois, contra eles e lhes disse: Por que passais a noite defronte do muro? Se outra vez o fizerdes, hei de lançar mão sobre vós. Daquele tempo em diante, não vieram no sábado. Também disse aos levitas que se purificassem e viessem guardar as portas, para santificar o sábado. (Nisso também, Deus meu, lembra-te de mim; e perdoa-me segundo a abundância da tua benignidade.) Vi também, naqueles dias, judeus que tinham casado com mulheres asdoditas, amonitas e moabitas. E seus filhos falavam meio asdodita e não podiam falar judaico, senão segundo a língua de cada povo. E contendi com eles, e os amaldiçoei,

> e espanquei alguns deles, e lhes arranquei os cabelos, e os fiz jurar por Deus, dizendo: Não dareis mais vossas filhas a seus filhos e não tomareis mais suas filhas, nem para vossos filhos nem para vós mesmos. Porventura, não pecou nisso Salomão, rei de Israel, não havendo entre muitas nações rei semelhante a ele, e sendo amado de seu Deus, e pondo-o Deus rei sobre todo o Israel? E, contudo, as mulheres estranhas o fizeram pecar. E dar-vos-íamos nós ouvidos, para fazermos todo este grande mal, prevaricando contra o nosso Deus, casando com mulheres estranhas? Também um dos filhos de Joiada, filho de Eliasibe, o sumo sacerdote, era genro de Sambalate, o horonita, pelo que o afugentei de mim. Lembra-te deles, Deus meu, pois contaminaram o sacerdócio, como também o concerto do sacerdócio e dos levitas. Assim, os alimpei de todos os estranhos e designei os cargos dos sacerdotes e dos levitas, cada um na sua obra, como também para as ofertas da lenha em tempos determinados e para as primícias. Lembra-te de mim, Deus meu, para o bem.
>
> (Neemias 13.4-31)

Este encerramento do livro de Neemias ilustra três verdades gerais sobre a Igreja Cristã, que precisam ser compreendidas.

Esfriamento

Primeiro: *Momentos "pico da montanha" não podem ser mantidos na igreja.*

Esta imagem vem da história da Transfiguração, que relata como Jesus levou Pedro, Tiago e João "a um alto monte" (Mt 17.1) a fim de proporcionar-lhes a impressionante ex-

periência de vê-lo momentaneamente glorificado, conversando com Moisés e Elias. Experiências "pico da montanha" com Deus — preciosas, mas às vezes desorientadoras — nas quais Deus imprime em nossos corações aspectos de sua verdade e amor, com frequência são concedidas em tempos de reavivamento, para serem lembradas posteriormente com gratidão e reverência. Sem dúvidas, houve muitas dessas experiências nos meses de setembro e outubro de 444 a.C., durante os momentosos dias da visitação em Jerusalém, quando tantas verdades divinas foram esclarecidas a tanta gente. Mas John White acertadamente comenta o fato de que muitos pregadores, hoje, tentam produzir momentos "pico da montanha", jogando com as emoções do povo.

> Muitos pregadores usam a manipulação psicológica, sem ao menos compreender que o estão fazendo. É gratificante perceber uma poderosa emoção dominando a audiência, e facilmente saltamos para a conclusão de que Deus está operando, quando pode não ser este o caso. É por isso que reuniões poderosas são seguidas de esterilidade: o poder é, muitas vezes, psicológico e não espiritual. A manipulação psicológica é incapaz de produzir renovação espiritual contínua.[1]

É verdade. E também é verdade que Deus não permite, em qualquer caso, que o seu povo viva no "pico da montanha". Os discípulos tiveram de deixar o monte da transfiguração e retornar com Jesus ao mundo ordinário, ao rés do chão. O mesmo devemos fazer nós, após um genuíno "apogeu" espiritual. O soberano divino opera aqui de um modo óbvio: como os pais sábios não dão aos filhos uma quantidade infindável de doces, porque isso não lhes faria bem,

assim Deus não nos concede momentos "picos da montanha" ininterruptamente. A vida cristã feita de pura emoção é contrária à maturidade e à resistência interior; e o nosso amadurecimento e fortalecimento são partes principais do plano de Deus para nós. Entrementes, os cristãos são sempre tentados a deixar-se esfriar e afrouxar de várias maneiras. É por isso que experiências reais, dadas por Deus, de forte intensidade espiritual e grande realização ministerial são geralmente seguidas de tempos de declínio.

Foi assim na época do Novo Testamento como um todo. No dia de Pentecostes, no ano 30 d.C., o Espírito Santo foi derramado em abençoadora renovação, os discípulos obtiveram discernimento e perderam a timidez, a verdade de Cristo foi claramente proclamada e entendida, 3.000 pessoas vieram à fé, e a igreja cresceu e fortaleceu-se. As duas décadas seguintes foram tempos de triunfo, quando o evangelho avançava na dianteira; ele espalhou-se de Jerusalém a Samaria, e então ao mundo gentio. E vê-se claramente, pelo Novo Testamento, que num lugar após o outro, havia um espetacular sucesso inicial. Não obstante, o Novo Testamento termina com uma carta endereçada pelo próprio Jesus a cada uma das sete igrejas, com um apêndice visionário; e do livro de Apocalipse, escrito provavelmente nos anos 90 do primeiro século, evidencia-se que o reavivamento tornara-se coisa do passado. O pecado e a infidelidade, a falsa doutrina e a conduta imoral, a dureza de coração e a complacência são todos denunciados, porque todos haviam se imiscuído. Cada igreja estava labutando e carecendo desesperadamente de encorajamento. É evidente que ao "pico" dos primeiros dias seguira-se um período "baixo", insípido, no qual as igrejas se enfraqueciam. E não é apenas no Apocalipse que

somos confrontados por este declínio espiritual; as epístolas pastorais de Paulo, as cartas de João, a segunda carta de Pedro e a de Judas, todas datadas dos anos 60 ou de mais tarde, revelam grande preocupação com problemas de falhas internas, tanto doutrinais quanto morais, que estavam abatendo as igrejas. É assim que se encera o Novo Testamento.

A carreira de Paulo permite-nos ver de perto a situação. Antes, ele fora um rabino e chefe da inquisição judaica; depois de sua conversão, tornou-se um evangelista magistral e um fundador de igrejas. E as suas primeiras epístolas refletem uma vívida esperança em Deus, quanto à futura expansão do evangelho. Todavia, as suas cartas aos pastores juniores, Timóteo e Tito, escritas no final de sua vida, são extremamente sombrias: as igrejas acham-se infectadas com a má teologia acompanhada de erros éticos, e a expectativa de Paulo é que piorem os tempos maus. É assim que se encerra a carreira de Paulo: uma grande distância dos dias gloriosos das duas primeiras viagens missionárias.

Uma ilustração recente do deslizamento do "pico da montanha" foi a experiência de Jonathan Edwards, o grande teólogo e pastor evangelista, que viu o avivamento em sua igreja, em Northampton, Nova Inglaterra, em 1735, e novamente em 1740, na época do Grande Despertamento. Seu prestígio era enorme; ele era uma autoridade reconhecida em assuntos teológicos e vida espiritual e, além de disso, o principal defensor do Despertamento. Ninguém esperaria que, dentro de poucos anos após o Despertamento, a sua congregação o demitiria por causa da linha bíblica que ele adotara sobre uma questão doutrinária (admissão à Ceia do Senhor), que tinha implicações sociais. Mas foi o que fizeram, e Edwards tornou-se um obscuro missionário da fronteira. Esse foi o final da sua carreira. (Embora houvesse sido designado presidente de Princeton, morreu antes de assumir o posto.)

A congregação de Northampton havia claramente declinado da qualidade que demonstrara durante o avivamento.

Neemias 13 testifica de um declínio espiritual semelhante. Viemos acompanhando Neemias através da história da renovação de Jerusalém, do "firme concerto" (9.38) e a dedicação dos muros. Notemos agora o sólido comprometimento e os detalhados arranjos para o suporte dos levitas e outros funcionários do Templo. O texto de Neemias 12.47, que talvez Neemias tenha extraído dos registros do Templo, dá a entender que ele, em pessoa, planejou e fez executar tudo aquilo: "Pelo que todo o Israel, já nos dias de... Neemias [um governo de 12 anos], dava as porções dos cantores e dos porteiros, a cada um no seu dia; e santificavam as porções para os levitas, e os levitas santificavam para os filhos de Arão [i.e., os sacerdotes]". Porém, quando Neemias, havendo voltado a Susã ao final de seus doze anos, retornou a Jerusalém por seu próprio pedido (13.6,7), para um segundo turno como governador, descobriu que Israel falhara em quatro pontos do "firme concerto": o Templo fora profanado, os dízimos haviam deixado de ser entregues, o comércio transgredira a observância do sábado e os casamentos mistos haviam-se estabelecido uma vez mais. "Se em sua primeira visita ele havia sido um furacão", escreve Kidner, "na segunda foi terremoto e fogo para uma cidade que, em sua ausência, assentara-se em confortável acordo com o mundo gentio".[2]

Havia se passado, talvez, vinte anos desde que o compromisso original fora assumido (é o que se supõe; Neemias não relata quanto tempo esteve em Susã, antes de começar o seu segundo turno); a comunidade tivera tempo de sobra para deixar desvanecer o sentido e a importância que ele

tivera. A lembrança da experiência "pico da montanha" já não era vívida, e o zelo pela glória e o louvor de Deus já não era uma força motriz. Contudo, foi provavelmente durante os anos da ausência de Neemias que Malaquias entregou a sua mensagem acusando-os de adoração fajuta (Ml 1.6-14), sacerdócio corrupto (2.1-9), casamento com estrangeiros (2.10-16) e o não pagamento dos dízimos (3.6-12); portanto, o povo não tinha desculpa para a apatia expressada por seu contínuo desvio desses assuntos. Assim, torna-se mais explicável a fúria de Neemias em face da situação encontrada em seu retorno, bem como a intensidade de seu desgosto. Para ele, era de fato voltar ao ponto de partida, uma experiência realmente triste, por que a sua elevada esperança na fidelidade de Israel fora golpeada. (Esta, diga-se de passagem, é uma experiência que bem cedo se torna familiar aos pastores.)

Mundanismo

Segundo: *a conformidade com o mundo é uma constante cilada para a igreja.*

Os lapsos de Israel, conforme registrados aqui e noutras partes do Antigo Testamento, propiciam vívidas ilustrações dessa verdade, sobre a qual o Novo Testamento tem muito a dizer. Os escritores do Novo Testamento geralmente falam do mundo num sentido humano e cultural, significando uma sociedade organizada à parte de Deus, e eles veem o mundo como se este sempre tentasse comprimir os cristãos individualmente, e a igreja como um corpo, dentro de sua própria forma — a forma do preconceito, da discriminação, de padrões de comportamento e estilos de vida predominantes em um determinado tempo e lugar, onde se encontra o povo de Deus. A Igreja é o Corpo de

Cristo, chamada sob a liderança de Jesus, sua cabeça, a permear e purificar a sociedade e injetar em sua vida os valores de Deus, que são os verdadeiros valores humanos. Deste modo, Cristo transformará a cultura pela ação da Igreja. Entretanto, o império de Satanás (isto é, as ideologias pagãs e seculares, e as comunidades que as abraçam) revida, e o conflito é contínuo.

Sobre a Igreja no mundo, diz-se o seguinte: o lugar para o navio é o mar, mas se o mar entrar no navio, será um desastre. Que grande verdade. As águas mundanas sempre acabam entrando na Igreja, e precisam ser bombeadas para fora; às vezes, também, é preciso fixar com sarrafos as escotilhas, para evitar que a embarcação seja afundada por uma ou outra inundação. Quando o povo de Deus deixa de vigiar contra o mundo, já está em suas garras, e o enfraquecimento contínuo é tudo o que se pode esperar, enquanto durar essa negligência. Entrementes, aqueles apegados às coisas mundanas serão induzidos a quebrar os votos e destruir a vida. A história de Israel aclara bem essa ideia.

A história a seguir é familiar e desalentadora: No Sinai, o povo prometeu lealdade ao Senhor e, quase imediatamente, quebrou o voto, oferecendo adoração orgíaca ao bezerro de ouro, conforme o modelo pagão familiar. Na Terra Prometida, houve uma inundação sem fim de lapsos semelhantes, que acabou levando ao julgamento de Deus, em forma de ruína e exílio. Sob a liderança de Neemias, as famílias dos que retornaram do cativeiro fizeram votos de dizimar e contribuir com suprimentos para a manutenção do Templo e de seu *staff*, santificar o sábado e terminar com os casamentos mistos (10.30-39). Agora, contudo, parece que o lucro mercantil e diplomático de negociar no sábado, casar com estrangeiros, bajular Tobias e limitar as doações ao Tem-

plo por medo de empobrecer estavam afogando qualquer intenção de cumprir com aquilo que os votos assumidos compeliam-nos a fazer. (Para um paralelo moderno, pense nas razões egoístas que as pessoas dão, mesmo os cristãos, para esquecer o compromisso exclusivo envolvido nos votos matrimoniais.) A velha estrada da infidelidade estava sendo seguida uma vez mais. Os valores mundanos tomavam precedência; o interesse próprio achava-se no comando e, na cidade de Jerusalém — tipo veterotestamentário da Igreja Cristã — Deus era novamente desonrado. Isso era trágico, assim como é trágico quando, à semelhança do que ocorria em Israel, o mercantilismo, o materialismo, a diplomacia profana e a indiferença para com a glória de Deus aparecem nas congregações de hoje. Assim como naquele tempo, o povo do Senhor está sob constante pressão para comportar-se à maneira do mundo. Os cristãos são chamados a ser separados para Deus e, por conseguinte, diferentes dos demais em seu modo de vida, assim como o foi Israel; não obstante, o chamado quase sempre é desatendido ou ignorado, exatamente como nos tempos de Neemias.

Disciplina

Terceiro: *a disciplina é uma necessidade constante na Igreja.*

Sei que a palavra "disciplina", no contexto da igreja, comunica a muitas mentes nada mais que a ideia de processo judicial severo; usei-a, porém, em seu sentido cristão histórico, que é muito mais abrangente e tem um foco diferente. Ela vem do latim *disciplina*, oriunda de um verbo que significa "aprender", e indica o processo de educar e treinar, por meio do qual a criança se torna um adulto sábio e maduro. Aprender por meio da direção do educador é a ideia básica, e a correção do erro faz parte dela como um meio de dirigir ao que é bom e verdadeiro.

Os treinadores esportivos repisam sobre o erro do aprendiz a fim de habituá-lo a fazer do modo certo, e a principal razão de se praticar na igreja a disciplina punitiva — repreensão, não participação à mesa do Senhor, suspensão (ou exclusão, como é tradicionalmente chamada) — é levar a alma que pecou a arrepender-se e abandonar o que estava errado em sua vida. Portanto, a disciplina tem de ser vista como essencialmente educacional e pastoral, em vez de judicial e retributiva. Trata-se de pôr a pessoa na trilha certa, em vez de memorizar o fato de que estava num caminho errado.

O capítulo 13 mostra-nos Neemias praticando o lado negativo da disciplina. Ele atirou para fora do Templo os móveis de Tobias (13.8); repreendeu os oficiais, nobres e chefes de famílias pelas coisas que haviam permitido, e chegou às vias de fato com os ofensores e arrancou-lhes os cabelos (13.11,17,25); ameaçou os que negociavam no sábado (13.15,21); afugentou o sacerdote que era genro de Sambalate, isto é, forçou-o a largar o ofício do Templo e a deixar a cidade (13.28); e purificou o Templo, os levitas e os sacerdotes (13.9, 22, 30). Não obstante, a sua intenção primordial era o lado positivo da disciplina, ou seja, promover o pensamento e o viver corretos. Ele sabia que aceitar a desordem como ordem e negligenciar a disciplina corretiva que endireitaria as coisas seria roubar de Deus a sua glória, não apenas hoje, mas também amanhã.

Negligenciar a disciplina familiar estraga a criança hoje e põe em risco o seu futuro, porque faz dela um adulto imaturo e teimoso; de igual modo, negligenciar a disciplina no seio da igreja produz cristãos imaturos e obstinados, e ocasiona instabilidade na igreja da próxima geração. O bem-estar da igreja de amanhã acha-se diretamente ligado à disciplina exercida na igreja de hoje. Que os pastores não se esqueçam disso. Os

olhos de Neemias estavam no futuro; ele queria assegurar que o suporte do Templo nunca mais faltasse, e que o restante do "firme concerto" de vinte anos antes fosse observado também. Isso era planejamento estratégico, previdente e digno de um estadista. Pastores, tomem nota!

Vejamos agora, em detalhes, os três episódios disciplinares registrados por Neemias. Vê-lo-emos em franca ação pela santificação do santuário, a guarda do sábado e a consagração da vida familiar em Jerusalém. Aos seus olhos, a adoração, a piedade e a existência futura da nação restaurada corriam risco, e a atitude firme que ele tomou pareceu-lhe totalmente necessária para repelir os perigos. A narrativa é, em si, o fechamento das memórias pessoais de Neemias, e acha-se escrita no mesmo estilo dos capítulos 1—6, com orações entremeando cada unidade da história. Um olhar ulterior ao próprio Neemias por-nos-á em sintonia com ela. Três questões sobre ele apresentam-se a si mesmas enquanto damos uma olhada na história contada por ele.

Um Homem Idoso

Primeiro, o que diríamos da *idade* de Neemias? Quantos anos tinha quando retornou a Jerusalém? Em parte alguma ele menciona a sua idade, mas dificilmente teria sido apontado como governador na primeira vez se tivesse menos de quarenta anos; e isso significa que no capítulo 13 ele não estava longe dos sessenta. Assim, ele se aproximava do final de sua carreira, e achava-se num ponto em que a consolidação do trabalho anteriormente realizado parecia naturalmente importante. Talvez seja por isso que ele pediu a Artaxerxes um segundo turno como governador (13.6,7).

Um Homem Irado

Segundo, o que poderíamos dizer das *atitudes* de Neemias? Na história da ação disciplinadora, ele foi excessivamente forte. Ele confessa francamente que estava irado (13.8,21,25). Ele foi, certamente, judicioso ("o mal que Eliazibe fizera", 13.7; "Que mal é este", 13.17; "todo este grande mal", 13.27). Ele agiu autocraticamente (o que, é claro, como governador ele estava autorizado a fazer), e o "eu" tornou-se intruso: "Eu lancei" (13.8); "Ordenando-o eu" (13.9); "Eu contendi... eu os ajuntei e restaurei" (13.11); "Eu pus sobre..." (13.13); "Eu protestei" (13.15); "Ordenando-o eu... eu mandei... eu pus..." (13.19); "Eu protestei" (13.21); "Eu disse" (13.22); "Eu contendi... amaldiçoei... arranquei os cabelos... fiz jurar" (13.25); "Eu o afugentei" (13.28); "Eu os alimpei... e designei" (13.30). Seria isso algo mais que o mau humor e o "pavio curto" que tendem a caracterizar a idade avançada? Não teria Neemias se tornado o que descreveríamos como um velho difícil? Certamente, as atitudes que ele ostentou (o termo não é demasiadamente forte) requerem discussão.

O que devemos ter em mente, contudo, é que as convenções e expectativas de nossa cultura ocidental polida, pós-cristã, relativística, secular e amoral não se acham necessariamente de acordo com a verdade e a sabedoria de Deus. Qualquer embaraço que experimentemos com a franqueza de Neemias pode ser um sinal de nossa própria limitação moral e espiritual, e não da dele. Seria uma deficiência o fato de que, no código de conduta de Neemias, o moderno *chibolete* "seja *agradável*" parece não ter tido lugar, enquanto o "seja *fiel* a Deus e *zeloso* de Deus" era evidentemente básico nele? Teriam Moisés, Davi, Jesus ou Paulo sido qualificados como o "Sr. Sujeito Legal"? A suposição, tão comum hoje, de que a finura é a essência da bondade precisa ser

detonada. Neemias não deve ser criticado por acreditar que há na vida coisas mais importantes que ser agradável.

Agora, se tivermos algum problema com a ira de Neemias, devemos compreender que ela era um profundo sentimento de ultraje, que expressava não ressentimento ou hostilidade pessoal, mas a angústia de um coração que anelava pela glória de Deus e odiava (a palavra não é forte demais) tudo o que a obscurecesse ou obstruísse. Ela era, noutras palavras, ira pela situação em si. Jesus revelou sentimentos semelhantes no túmulo de Lázaro; lemos que, ao ver o choro dos lamentadores, ele "*ultrajou-se* em espírito" (Jo 11.33,38, ênfase do autor). (A tradução está lexicalmente correta, embora algumas versões a tenham suavizado para "ele gemeu", "ele suspirou", ou, como na ARC, "moveu-se muito em espírito", eliminando, assim, o elemento da ira, central no significado da palavra grega). Jesus estava irado, conforme mostra o contexto, tanto pela devastação causada pelo pecado e a morte na vida humana como pela incredulidade dos lamentos angustiosos, sem esperança de ressurreição. E a razão para a sua ira não era simplesmente a sua aflição diante do sofrimento alheio, mas basicamente a sua consciência de que as reações incrédulas em face da morte ofendiam ao Pai Celeste. E Neemias enfureceu-se porque as convicções em Jerusalém haviam enfraquecido, a fidelidade falhara, o mundanismo invadira e a ruína espiritual progredia. O zelo pela casa de Deus estava consumindo Neemias, exatamente como fez com Jesus mais tarde (Jo 2.17). A ira de Jesus diante da degeneração espiritual levou-o a limpar o Templo; a mesma raiva experimentada por Neemias moveu-o a purificar não apenas o Templo, mas a cidade inteira, como veremos agora.

E se Neemias nos desconcerta por parecer um egoísta judicioso, devemos lembrar que ele cria nos absolutos da revelação

divina e na realidade dos julgamentos de Deus, com a robustez que poucos demonstram hoje. A crença no absoluto está fora de moda no ocidente; o relativismo e o pluralismo tornaram-se a poluição "politicamente correta" do ar cultural que respiramos, e qualquer afirmação que pretenda ser verdade universal é tida como falta de boas maneiras, senão algo pior. Enquanto escrevo, tenho diante de mim uma carta que começa assim: "Os nossos filhos já não vivem numa cultura que ensina um padrão objetivo para o certo e o errado. A verdade é uma questão de gosto; a moralidade foi substituída pela preferência pessoal". Isto é tragicamente verdadeiro; e em tal cultura, o julgamento sobre a falta das pessoas quanto ao que afirmamos ser verdade e certo será sempre considerado judicioso, isto é, arbitrário, perverso e doentio.

Então, se descobrirmos em nós o sentimento de que Neemias era judicioso, precisamos conferir para ver se não estamos simplesmente refletindo a cultura corrupta e corruptora, da qual somos parte. Devemos recordar a nós mesmos que o relativismo e o pluralismo são sinais de decadência cultural, e não importa o que se diga, a Jerusalém de Neemias não era decadente à maneira moderna. Nos lares onde os pais procuram ensinar aos filhos padrões morais e formar-lhes o caráter de conformidade com ele, ocorrem muitos julgamentos, e é necessário que seja assim. Na Jerusalém que Neemias estava tentando moldar para ser uma comunidade temente a Deus, a mesma necessidade de julgamento corretivo fazia-se sentir. E não é egoísmo quando um líder insiste em coisas que estão na Bíblia (no caso de Neemias, na Lei de Moisés), coisas com as quais o povo a quem ele julga e admoesta já se acha formalmente comprometido, e das quais não deveria nunca se desviar. Portanto, longe de ser egoísmo, isso é liderança e verdadeira disciplina pastoral e edificação da igreja.

Um Coração Intercessor

Terceiro, o que diríamos dos *apelos* de Neemias a Deus — as quatro breve orações, todas com a invocação "Deus meu", que pontua a narrativa nos versículos 14, 22, 19 e 31, três delas pedindo que Deus se lembre dele com misericórdia, e uma que se lembre da família de Eliasibe para julgamento?

A perspectiva básica para se compreender essas orações já foi esboçada. Neemias, como faz todo regenerado, vivia conscienciosamente pela fé na graça de Deus: "Deus meu, lembra-te de mim... segundo a abundância da tua benignidade" (13.22); "Lembra-te de mim, Deus meu, para o bem" (13.31). Somente alguém que vive em dependente confiança pessoal pode falar de "meu" Deus. "Meu", aqui, é a linguagem da aliança, assim como em "meu marido" ou "minha esposa", e significa não propriedade ou controle (acabemos com essa ideia), mas sinceridade de devoção e confiança: "O Senhor é o *meu Deus*, para quem, com quem, e por meio de quem eu agora vivo". E é ainda mais significante que, nas memórias de Neemias, o Deus de Israel é o "meu Deus", constantemente, até o último versículo.

Novamente, Neemias acha-se conscienciosamente compromissado com a causa de Deus, e cumprindo, de todo o coração e ao extremo, com as responsabilidades que Ele lhe deu. Ele não teme trazer suas ações perante Deus para avaliação, porque se acha em contato com o seu coração e conhece-lhe o propósito e os motivos — e é a Deus que ele procura honrar e agradar. Expressando isto nos termos do Novo Testamento, Neemias não ora vangloriosamente a respeito de suas realizações, como o fariseu da parábola (Lc 18.10-14), mas filialmente, como um filho ao pai. Os filhos desejam que o pai saiba o que fizeram para ele, e vão

até ele e lhe contam; e isso é natural, e não errado. De igual modo, o instinto dos regenerados move-os constantemente a fazer o mesmo com o seu Pai Celeste, exatamente como a natureza filial de Jesus levou-o a orar: "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E, agora, glorifica-me tu, ó Pai..." (Jo 17.4,5) Não nos admiremos, então, quando, de maneira semelhante, Neemias ora: "Por isto, Deus meu, lembra-te de mim e não risques as beneficências que eu fiz à Casa de meu Deus e às suas guardas" (13.14); e "Nisso também, Deus meu, lembra-te de mim" (13.22). O que ele quer dizer é: "Pense em mim e reconheça-me como a pessoa que fez estas coisas a seu favor, não importando o custo do meu desconforto; esteja ciente de meu leal empenho em sua causa".

Por fim, as mãos de Neemias erguem-se a Deus para julgamento daqueles que, por impiedade, fizeram-se inimigos do Senhor: "Lembra-te deles, Deus meu, pois contaminaram o sacerdócio, como também o concerto do sacerdócio e dos levitas" (13.29). Ele está dizendo: Espero que o Senhor os trate como achar que deve.

As orações de Neemias refletem tanto o homem quanto a situação. "Elas revelam-nos o coração de um homem continuamente sob pressão, na longa batalha contra o mal. E também mostram um homem que caminha cônscio de Deus a cada passo. Finalmente, refletem um homem para quem o mais alto elogio é... o sorriso de aprovação de Deus, uma atitude que é uma defesa eficaz contra o orgulho espiritual".[3] Quanto à situação de Neemias, ela era, conforme já vimos, de degeneração espiritual e angustiante desapontamento, e requeria grande esforço para remover o mal que jamais deveria ter estado lá. Cito novamente *Se*, de Kipling:

Se você é capaz de ouvir torcidas
e transformadas em armadilhas as verdades que proferiu,
E ver destroçadas as coisas pelas quais deu a vida,
E curvar-se e erguê-las com ferramentas gastas...
Você será um homem, meu filho!

Esses versos destacam muito bem a pressão que se achava sobre Neemias em seu segundo turno, e podemos imaginar as tentações ao desespero pessimista que o assaltaram enquanto ele avaliava os passos necessários para recomeçar a reforma de Jerusalém, e então atirar-se à tarefa. A violência que lhe vemos nas palavras e atos restaurativos era, sem sombra de dúvida, calculada; ele estava sendo tão enfático quanto sabia ser preciso para se produzir os resultados desejados. Procedimentos mais brandos não teriam bastado.

O que encontramos, pois, neste capítulo, não é um velho apressado, nem um homem petulante desabafando seus sentimentos feridos sobre qualquer um ao seu alcance, mas um homem humilde com um propósito piedoso, curvando-se e tornando a erguer o que havia sido quebrado, e mostrando, assim, ser um homem no sentido expresso no poema de Kipling. Visto desse modo, o capítulo é um verdadeiro clímax para o livro.

O Santuário Santificado

Tobias, conforme notamos, era ligado ao sistema social e político de Jerusalém, e tinha conexões com várias pessoas-chave, que lhe prestavam favores (6.17-19). Um desses favores foi-lhe oferecido por Eliasibe, o sumo sacerdote, que lhe deu uma câmara no Templo, "do tamanho de um pe-

queno depósito",[4] para lhe servir de apartamento na cidade e quartel-general. Aquelas câmaras haviam sido planejadas para prover acomodação temporária aos sacerdotes, cantores e porteiros, durante os seus turnos no serviço do Templo (10.39); o leigo Tobias, porém, não tinha nada a fazer no Templo. Neemias, escandalizado com o arranjo de Eliasibe, lançou "todos os móveis da casa de Tobias fora da câmara" (13.8). Isso significa que ele deu ordens para que o despejo fosse feito; contudo, soa como se ele o tivesse executado pessoalmente e de modo violento, num gesto público, a fim de mostrar o quão ultrajante era a intrusão de Tobias. Podemos imaginar a mobília voando pela porta, desde as peças menores às maiores, enquanto Neemias, de modo cerimonioso, as lançava ("lançar" é o significado literal do verbo). E pode ser que Tobias, provavelmente, nesse tempo, um distinto ancião e cidadão, tenha de ter permanecido lá, gaguejando de maneira incoerente enquanto prosseguia o violento despejo. Assim, o aposento foi limpo, e todas as câmaras foram purificadas, como se a presença de Tobias em uma delas houvesse maculado todas as outras. "E, ordenando-o eu, purificaram as câmaras; e tornei a trazer ali os utensílios da Casa de Deus, com as ofertas de manjares e o incenso" (13.9).

Evidentemente, uma das razões para Eliasibe ter alegremente alocado a Tobias uma câmara foi que os dízimos dos grãos não haviam sido entregues, e não estavam precisando de todos aqueles armazéns. O declínio dos dízimos significava que os levitas e músicos do Templo, que deveriam ser sustentados pelas contribuições, haviam sido obrigados a deixar seu local de serviço em Jerusalém e ir lavrar suas pequenas propriedades rurais, a fim de não morrer de fome. Agora, porém, Neemias estalou o chicote; os dízimos vieram uma vez

mais de "todo o Judá [isto é, Jerusalém e as regiões circunvizinhas]"; e Neemias encarregou homens que "se tinham achado fiéis" de cuidar dos armazéns e da distribuição aos cantores e levitas. Dessa forma, o Templo e os seus afazeres foram novamente postos em ordem (13.10-14), de conformidade com os termos do "firme concerto" (10.37-39; cf. 9.38).

A violação cerimonial das câmaras do Templo, resultante da habitação não autorizada do intrigante e interesseiro Tobias em uma delas, é um vívido retrato da poluição moral oriunda do abuso de poderes e recursos na vida das igrejas e dos cristãos — ambos descritos por Paulo como templos de Deus, habitados pelo Espírito Santo (veja 1 Co 3.16,17; 6.19). Pecados constantes, relacionamentos profanos, a busca da satisfação própria ou de posição vantajosa, a negligência em agradar e glorificar a Deus, e quaisquer outras ações que minem a obediência à sua Palavra e a fidelidade ao Cristo das Escrituras, têm um efeito aviltante aos olhos de Deus; contra essas coisas, as sãs consciências estarão precavidas. Assim como, há centenas de anos, foi imperioso arremessar Tobias para fora do Templo, hoje os atos e caminhos pecaminosos devem causar arrependimento, serem renunciados e abandonados; e assim como foi necessário fazer cumprir com as especificações da adoração no tempo de Neemias, é preciso que as disciplinas do discipulado sejam reaprendidas em nossos dias.

E assim como não foi impróprio para Neemias e Jesus irarem-se diante do mal que eles lançaram fora do Templo, também não será inadequado sentirmo-nos irados com o mal em nossos corações, nossas vidas e à nossa volta, e tratar de anulá-lo e repeli-lo com a ajuda de nosso Deus. Se não nos iramos com o pecado, há algo errado em nós; e quanto mais nos enfurecemos com o pecado, menos indulgentes somos com ele.

A Guarda do Sábado

O sábado cuja observância Deus requeria de Israel era um dia de abstinência de qualquer trabalho feito nos seis dias anteriores. Em geral, o sábado era uma indicação de que todo nosso tempo deve ser visto como uma dádiva de Deus, para ser usado conforme Ele orienta; em particular, era um dia para relembrar e celebrar o trabalho de Deus na criação e na redenção. O modo de se honrar a Deus na guarda do sábado foi declarado ao povo pelo próprio Senhor, por intermédio de Isaías:

> Se desviares o teu pé do sábado, de fazer a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor digno de honra, e se o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então, te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai; porque a boca do Senhor o disse.
>
> (Is 58.13,14)

É como se Deus dissesse: "Observe fielmente o quarto mandamento, honre e aprecie o dia de descanso e adoração que lhe prescrevi, e eu o abençoarei e o honrarei. Mas se você lamentar e suspirar sobre a necessidade dessa observância, e tentar evadi-la, a sua história será bem diferente. E lembre-se de que a guarda deste mandamento começa com uma disposição do coração — um coração que espera que o sábado seja não lúgubre, mas deleitoso, porque a comunhão com o seu Deus é aumentada". Foi nessa frequência de ondas que Neemias sintonizou ao anunciar que o sábado deveria ser guardado em Jerusalém (13.15-22).

Neemias proibiu o comércio no sábado, que se achava em pleno movimento quando ele chegou, e envolvia tanto judeus quanto não judeus (os tírios). Ele ordenou o fechamento dos portões desde o anoitecer da véspera do sábado até a manhã do dia seguinte a ele, e admoestou aqueles que, com a intenção de começar a vender logo pela manhã, pernoitavam diante dos portões no sábado. Explicou também aos nobres (os promotores de tendências na comunidade) por que eles deveriam usar sua influência para opor-se ao comércio no sábado, em vez de encorajá-lo. "Porventura, não fizeram vossos pais assim, e nosso Deus não trouxe todo este mal sobre nós e sobre esta cidade? E vós ainda mais acrescentais o ardor de sua ira sobre Israel, profanando o sábado" (13.18). Cremos em um Deus que pune o seu povo quando este falha em honrá-lo e obedecer-lhe, mas profanamos aquilo que lhe é precioso? Foi o que disse Neemias, e o que ambos os Testamentos são consistentes em afirmar. O autor de Hebreus cita e explana Provérbios 3.12 ao declarar: "Porque o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho... nossos pais segundo a carne... nos corrigiam como bem lhes parecia; mas este, para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade" (Hb 12.6,9,10). E foi com essa ideia, tendo em mente o desagrado e a disciplina de Deus, que Neemias insistiu em restaurar a observância do sábado, prometida no "firme concerto" (9.38), e da qual Jerusalém havia descurado.

Se o dia que o Novo Testamento chama de "o dia do Senhor", o primeiro dia da semana, quando os cristãos se reúnem para adorar a Deus (At 20.7; 1 Co 16.2; Ap 1.10), deve ser chamado de sábado cristão, ou não, é uma questão debatida entre os crentes,[5] e não devo tentar decidi-la aqui. O pon-

to de aplicação contemporânea que desejo enfocar ajusta-se a qualquer dos dois pontos de vista. É o seguinte: O dia do Senhor é uma dádiva que Deus nos concedeu para a saúde de nossa alma e das almas dos outros, e devemos apreciar, honrar, e usá-lo concordemente. É um dia de oportunidade espiritual, porque é o dia da adoração unida, e na adoração conjunta de seu povo, o Senhor se faz especialmente conhecido. Os puritanos, que costumavam chamar o dia do Senhor de "o dia de mercado da alma", o ponto alto da semana, acreditavam que um dia do Senhor bem gasto era uma preparação para os seis dias de trabalho que se seguiriam, e os cristãos simplesmente não podiam tratá-lo como trivial e reduzi-lo à rotina. Temos valorizado assim o dia do Senhor? Temos nos preparado para ele, feito o melhor uso dele, e cuidado para que preocupações seculares não o usurpem? Temos apreciado e desfrutado do dia do Senhor, do modo como Neemias desejava que os jerusalemitas fizessem ao sábado?

Esta é uma indagação que muitos cristãos professos precisam encarar. Guardar e santificar o dia do Senhor requer dos cristãos modernos ainda mais clareza e propósito, à medida que o secularismo destrói aos poucos as observâncias cristãs públicas, e a nossa cultura pagã assimila cada vez mais o domingo a qualquer outro dia da semana, retornando, em efeito, ao paganismo do mundo para o qual veio o cristianismo, e do qual os cristãos foram instruídos a distinguir-se. Na Inglaterra, uma recente campanha contra o comércio no domingo foi organizada sob o *slogan* "Mantenha Especial o Domingo". Este é um ótimo *slogan* nos países onde o domingo cristão é parte da herança cultural; e "Faça o Domingo Especial" seria um excelente *slogan* em qualquer parte do mundo. Todavia, não podemos prosseguir com este assunto.

A Consagração da Vida no Lar

"[Prometemos] que não daríamos as nossas filhas aos povos da terra, nem tomaríamos as filhas deles para os nossos filhos" (10.30), preceituava o "firme concerto". Na ocasião em que ele fora firmado, a pureza racial fora tema de preocupação comum, e eles "apartaram de Israel toda mistura" (13.3), indo além do que mandava a lei, que excluía apenas amonitas e moabitas. Não obstante, o zelo pela pureza do sangue israelita, e em fazer tudo para agradar a Deus, que presumivelmente instigara tal exclusivismo, evaporara-se. Quando Neemias retornou a Jerusalém, encontrou lá "judeus que tinham casado com mulheres asdoditas, amonitas e moabitas" (13.23). O motivo pode ter sido a paixão, é claro, porém é mais provável que haja sido a prudência (se é que se pode chamar assim), que tinha os olhos na oportunidade e nos casamentos por dinheiro, prestígio ou alguma outra forma de lucro mundano. E, em alguns casos, Neemias descobriu que a língua falada em casa, por decisão dos pais, era a estrangeira. "E seus filhos falavam meio asdodita e não podiam falar judaico, senão segundo a língua de cada povo" (13.24). Isso enfureceu Neemias, não apenas pela quebra do voto, mas porque as crianças seriam incapazes de partilhar da adoração em Israel, ou aprender eficazmente a Lei; consequentemente, não estariam aptas a transmitir a fé aos filhos que viriam a ter, e assim estaria em risco a futura unidade espiritual da nação israelita.

Enxergando isso claramente, e não gostando do que via, Neemias convocou uma reunião, na qual fez um discurso aos judeus do sexo masculino que haviam quebrado o "firme concerto", recordando-lhes a queda de Salomão, cujas "mulheres estranhas o fizeram pecar", e exigindo que jurassem em nome de Deus não realizar qualquer casamen-

to misto, não mais tomando noivas estrangeiras "nem para vossos filhos nem para vós mesmos", nem dando as filhas em matrimônio a estrangeiros. Esdras, muitos anos antes, fizera-os romper com os casamentos mistos, por serem totalmente contrários à vontade de Deus (Ed 9—10). Neemias não foi tão longe, mas decidiu pela não proliferação e a não recorrência. Este foi um compromisso de estadista. Neemias, sabiamente, não quis fender a comunidade mais que o necessário; apenas requereu uma promessa ajuramentada de que não mais haveria casamentos mistos.

Para assegurar que o juramento seria mantido, ele transformou em exemplo alguns dos ofensores mais notórios: "E espanquei alguns deles, e lhes arranquei os cabelos". Isto significa tão somente que, em seu papel de cabeça do judiciário, como governador que era, ele ordenou chicotadas de acordo com a prescrição de Deuteronômio 25.1-3 e impôs sentenças de raspar a cabeça, evocando, talvez, em seu discurso, o gesto de Esdras, que arrancara os próprios cabelos por causa do mal dos casamentos mistos (Ed 9.3); entretanto, pode significar ainda que ele infligiu-lhes essa violência punitiva. E então, ele "mandou embora" o neto de Eliasibe — presumivelmente pelo decreto peremptório de banimento, embora "afugentar" seja o significado literal, e a possibilidade de a fúria de Neemias escorraçando o homem da sala ou do prédio não possa ser excluída. Em todo caso, as palavras de Neemias mostram que ele reivindica responsabilidade pelo que foi feito, num alegre retrospecto pelo que fez acontecer, e quer que vejamos o fato como uma expressão apropriada e efetiva de seu zelo reformador e seu propósito pastoral — o que de fato era.

Não devemos supor que Neemias tenha tido prazer em fazer qualquer uma dessas coisas. Podemos estar certos de que

ele preferiria não ter de voltar ao começo e tornar a reformar a já deformada reforma de Israel. Mas a vida é repleta de necessidades inoportunas para todo mundo, e principalmente aos líderes pastorais na Igreja de Deus, que, constantemente, precisam da combinação do zelo de Neemias por Deus e do cuidado pelas pessoas, a fim de poder lidar com as desordens emergentes. O pecado e o Diabo nunca cessarão de corromper a crença e o comportamento dentro da comunidade que carrega o nome de Deus; desordens, perversidades e confusões devem ser esperadas, e os que conduzem a comunidade não devem desanimar ao descobrirem-se obrigados a tratar dos mesmos problemas e desvios, inúmeras vezes, além dos novos que vão aparecendo. Neemias, com a sua paixão por fidelidade e sua piedosa persistência em proceder corretamente, é um modelo a todos nós.

Pastores cuidadosos como Neemias sempre focalizam as famílias e a vida doméstica, porque a família é a primeira e mais básica forma de comunidade humana. A formação familiar, para o melhor ou o pior, cala mais fundo nas crianças que qualquer outra forma de criação de qualquer outro lugar, e o ideal bíblico é que as famílias sejam as unidades das quais se constituem as igrejas. A piedade é para ser modelada na família, e a fé, transmitida nela. Em toda parte do mundo ocidental hodierno, e estendendo-se a algumas comunidades urbanas de toda a face do globo, a vida familiar tem sido enfraquecida e minada por pressões de várias espécies; e isso, provavelmente, vai piorar. Então, é grande a necessidade de trabalhar como Neemias trabalhou para conservar a vida familiar forte, piedosa e saudável; e todo aquele que ministra e cria estratégias para ampliar o Reino de Deus, hoje e amanhã, deve considerar a família e a vida doméstica um assunto de primordial interesse.

Faça o que Puder

"Ela fez o que podia", afirmou Jesus sobre a mulher que o honrou, derramando sobre Ele todo o seu vaso de nardo precioso, nada guardando para si. "Ela fez-me boa obra" (Mc 14.6,8). Neemias também fez o que podia, usando sua inteligência, criatividade, força mental e física, posição e privilégio, sabedoria e saúde, ao máximo, a fim de honrar a Deus, edificar o seu povo e promover-lhe o louvor em Jerusalém. Estudos recentes de Neemias têm-no retratado como um exemplo de liderança,[6] e isso não é errado; não obstante, eu gostaria que a nossa última visão dele, enquanto nos despedimos de seu livro, estivesse centrada sobre o seu exemplo de fidelidade perseverante — uma qualidade que os seguidores precisam cultivar não menos que os líderes. Certamente, ele destacou-se dentre os personagens públicos de Deus, e bem podemos endossar, trezentos anos depois, o veredicto de Matthew Henry, o comentador puritano, que escreveu:

> Em minha estimativa, Esdras... e Neemias... embora nenhum deles jamais tenha usado uma coroa, comandado um exército, conquistado um país, se tornado famoso pela filosofia ou oratória, sendo ambos, em seus dias, homens piedosos e úteis à Igreja de Deus e aos interesses da religião, foram realmente grandes homens... maiores não apenas que cônsules e ditadores romanos, mas maiores que Xenofon, Demóstenes ou o próprio Plato, os brilhantes ornamentos da Grécia, que viveram na mesma época.[7]

Contudo, em meu apreço, Neemias distingue-se mais ainda como um dos amigos pessoais de Deus, que me abençoa deixando-me ouvir as batidas de fé de seu coração, enquan-

to me conta das tarefas que desempenhou, dos obstáculos que transpôs, e do modo como recusou desanimar-se quando teve de voltar ao começo e reiniciar tudo.

Parece claro ser deste modo que ele esperava que o víssemos, enquanto finalizava as suas memórias; porque ele passa o primeiro capítulo relatando-nos o conteúdo da primeira oração feita por ele e os demais em Jerusalém; em resposta a essa oração, como ele testemunhou, desdobrou-se todo o seu ministério na cidade santa. E enquanto prossegue, ele faz questão de inserir para nós muitas janelas em sua vida de oração, e a sua última frase no capítulo 13 é uma oração final por si mesmo, enquanto lança um olhar atrás, sobre a sua vida de serviço, o modo como Deus o usara na restauração dos muros e na reedificação da comunidade, e na dificultosa necessidade de reconstruir (ou deveríamos dizer "re-reconstruir"?) o que reconstruíra antes: "Lembra-te de mim, Deus meu, para o bem" (13.31). Outra versão diz: "Lembra-te de mim, meu Deus, com favor". Sobre essas palavras, o comentário de Matthew Henry não poderia ser melhor:

> Os melhores serviços prestados ao público têm sido, às vezes, esquecidos por aqueles a quem foi feito; por esta razão, Neemias encomenda-se a Deus para que o recompense, toma-o por pagador, e não duvida de que será bem pago. Este bem poderia ser o sumário de nossas petições; não precisaríamos mais que isto para fazer-nos felizes: *"Lembra-te de mim, Deus meu, para o bem"*.

Aprendamos, pois, com Neemias a fazer o que pudermos para o nosso Deus, sua causa e sua Igreja, e assim cum-

priremos o nosso chamado como discípulos cristãos, a quem Jesus declara ser seus amigos pessoais (Jo 15.13-15). Aqueles que vivem sob a graça devem transbordar de gratidão, e essa gratidão deve traduzir-se por atos de lealdade e amor. Então, gastemos e sejamos gastos no servir aos outros por amor ao nosso Senhor. Assim, faremos nossa a última oração de Neemias e comprovaremos em experiência a declaração de Kidner: "Ouvir de Deus o "Muito bem" é a maior... mais imaculada das ambições".[8]

Quase dois séculos atrás, Charles Simeon mantinha pendurado em seu estúdio na King's College, Cambridge, um retrato de seu protegido, Henry Martyn, um missionário pioneiro, que dera a vida no serviço ao mundo muçulmano. Simeon costumava dizer aos visitantes que a expressão metódica na face de Martyn vinha-lhe como mensagem, todas as vezes que olhava para o retrato, recordando-lhe a importância de não esbanjar a vida em atividades frívolas. Então ele sacudia o dedo para o retrato e, de modo brincalhão e ao mesmo tempo sério, diante dos visitantes, dizia como se dissesse a Martyn, a si mesmo e ao seu Senhor: "E eu não esbanjarei. Não esbanjarei".

O autorretrato falado de Neemias encerra uma mensagem semelhante e demanda uma resposta similar dos cristãos de hoje. Se não formos capazes de fazer por Cristo e sua Igreja tudo o que deveríamos, ao menos não esbanjemos; como Neemias, façamos tudo o que pudermos.

Epílogo: Dois Impostores

A frase título para esta reflexão de encerramento vem de um pequeno e brilhante poema sobre maturidade, do qual já fiz duas citações: Se, de Rudyard Kipling. Eis as linhas relevantes:

Se você é capaz de sonhar — sem fazer do sonho o seu senhor;
Se você é capaz de pensar — sem fazer dos pensamentos o seu alvo;
Se, encontrando o Triunfo e o Desastre,
tratar igualmente esses dois impostores...

Então, diz Kipling eventualmente: "Você será um Homem, meu filho!" Embora não seja reconhecido como uma declaração cristã, este poema é cheio de sabedoria bíblica. Kipling afirma que a pessoa madura será capaz de imaginar novas possibilidades sem, contudo, perder o contato com a realidade; poderá conceituar, argumentar e debater sem, no entanto, tornar-se um teorista doutrineiro; e, além disso, verá cada sucesso e cada colapso de seus projetos como um tanto ilusório, parecendo ser o que não são, e, portanto, tomá-los-á, sem hesitação, como simples episódios na tapeçaria de uma vida com propósitos. Moisés, Davi, Paulo e Jesus ilustram maravilhosamente esses aspectos da maturidade, e o mesmo faz Neemias.

Maturidade

Triunfo e Desastre acham-se escritos com letra maiúscula, assim como Homem, mas nenhuma outra palavra do poema está assim. Suponho que Kipling fez isso porque ambas as coisas nos sobrevêm como experiências esmagadoras, apresentando-se como com se fossem definitivas e derradeiras. Um momento de triunfo dá-nos a sensação de que depois daquilo nada mais importará; um momento de desastre faz-nos sentir como se ele fosse o fim de tudo. Mas nenhum sentimento é realístico, porque nenhum acontecimento é realmente o que sentimos ser. As circunstâncias do triunfo não durarão e, mais cedo ou mais tarde, o seu momento dará lugar a instantes de desapontamento, extenuação, frustração e pesar, enquanto as circunstâncias do desastre provarão ter em si sementes de recuperação e nova esperança. A vida neste mundo, sob a providência de Deus, é desse modo; sempre foi, e sempre será. Foi assim nos tempos bíblicos, e permanece assim enquanto o século XX dá lugar ao XXI. A pessoa madura, que mental e emocionalmente é um adulto distinto de uma criança, sabe disso e não o esquece.

Aqueles que carregam a responsabilidade pelo bem-estar dos outros, sejam cônjuges, pais, mordomos, professores, líderes, pastores, organizadores, administradores, sejam qualquer outra coisa — e isso inclui a maioria de nós, senão todos — sentirão mais agudamente os altos e baixos da vida, na proporção em que mais pessoas se acham envolvidas conosco nos acontecimentos. O sentimento de triunfo experimentado por Neemias ao completar e dedicar os novos muros de Jerusalém deve ter sido grandemente acrescentado pelo pensamento de que

aquele era um triunfo da nação inteira, da qual ele, como governador, era o líder. De igual modo, o seu senso de desastre quando, ao retornar a Jerusalém, descobriu que a renovação que estivera em progresso na época da dedicação ruíra quase completamente, deve ter sido grandemente intensificado pela ideia de que isso deixava o povo tão espiritualmente fraco, seco e apático quanto era antes de sua primeira vinda à cidade. Contudo, havia certamente a consciência de que esse declínio poderia ocorrer, e talvez as notícias o tenham feito suspeitar de que já ocorrera, o que o levou a pedir a Artaxerxes um segundo período como governador (13.6). Indubitavelmente, também, ele estava seguro de que o Deus que o levara a Jerusalém, e dera-lhe tal sucesso em seu primeiro estágio, dar-lhe-ia agora a força e a perseverança que precisaria para (novamente fala Kipling) "cuidar das coisas pelas quais deu a vida, e curvar-se e erguê-las com ferramentas gastas". Decerto, foi-lhe dada essa força, e houve alguma recuperação comunal depois do desastre da apostasia de Jerusalém. Contudo, se Neemias terminasse os seus dias como um velho leão, mais feroz que em sua juventude, por se achar emocionalmente esgotado pelos anos de inapreciada e não recompensada fidelidade na liderança para Deus, ninguém haveria de surpreender-se. Não sabemos, é claro, se foi isso o que aconteceu, mas é o que alguns ásperos traços de seu livro nos fazem supor.

Por todo o tempo, porém, a fidelidade lúcida e sincera de Neemias ao trabalho que fora chamado a fazer, a sua sabedoria perspicaz, a sua disposição em falar claramente, assumir o comando, cruzar armas com gente poderosa, suportar o que preciso fosse, e mais a sua firme

confiança de que o seu Deus o ajudaria a atravessar tudo aquilo, foram totalmente admiráveis. Há cem anos, o bispo anglicano John Charles Ryle foi descrito como um homem de granito com um coração de criança; essa descrição ajusta-se a Neemias também. O tom das memórias de Neemias revela que, por trás de sua evidente franqueza, achava-se a humildade; por trás de sua calma resiliência na guerra fria, empreendida contra ele por Sambalate e Tobias, residia a sua fé; por trás de seu falar animador ao povo, a fim de mantê-los reconstruindo primeiro os muros, e então a vida nacional, repousava o amor que, biblicamente, deve ser medido não pelo que se fala ao povo, mas pelo que se faz por ele (veja 1 Jo 3.16-18; Ne 5.19); por trás das tensões e ansiedades de sua liderança desbravadora, estava a alegria de conhecer e servir ao Senhor de Israel, e vê-lo operar em poder e graça (8.10); e por trás das orações de Neemias por vindicação estava a integridade que abandona o pecado tão logo compreenda que seja pecado (5.10), e que sempre se recusa a transgredir a Lei de Deus, seja por que motivo for, ainda que lhe custe a vida (6.11).

Em todas essas circunstâncias, Neemias conserva-se diante de nossos olhos como um modelo magnificente de liderança responsável, enraizada em piedade radical. Moisés e ele estão sempre juntos como o primeiro e o segundo fundadores da vida nacional de Israel. Em estatura pessoal também eles parecem muito próximos um do outro, como grandes homens, por qualquer padrão, e particularmente como grandes homens de Deus.

No final de Se, Kipling menciona um último elemento para a maturidade:

Se você é capaz de preencher o minuto implacável
Com sessenta segundos dignos do tempo percorrido —
Sua é a terra e tudo o que nela há,
E — além disso — você será um Homem, meu filho!

O pensamento é vívido e claro: Os minutos são implacáveis, porque nunca param nem retornam para nós; portanto, devemos aprender a tirar o maior proveito de cada um deles que se vai. Por isso, requer-se que a energia seja empregada com objetivo: "tempo *percorrido*". "Sua é a terra" é um chavão do século XIX, eufórico, porém oco, significando que o esforço traz prosperidade, o que nem sempre é real. Mas o discernimento de que maturidade — ser um Homem — é diferente e mais importante que alcançar riquezas eleva Kipling às alturas. Em todas as culturas, sabe-se profundamente que a maturidade pessoal é de valor supremo; em nenhuma delas, porém, esta verdade é mais acentuada que para os seguidores do Homem da Galileia, cuja vocação é buscar em seu Salvador a transformação moral à Sua semelhança. A energia com propósito é fundamental a esta semelhança, assim como é primordial no exemplo oferecido por Moisés e Neemias. E há um sentido, diferente daquele que Kipling tinha em mente, no qual os servos diligentes de Deus herdam a terra; mas não podemos entrar neste assunto agora. Basta enfatizar a verdade exemplificada em Neemias, como em Jesus: que a energia com propósito, mais a integridade persistente, são essenciais à personalidade semelhante à de Cristo, a que todos devemos anelar.

Neemias, então, é um homem para se admirar e imitar — mas cuidado! A imitação de personagens bíblicos

é um tema com o qual, geralmente, lida-se mal. Bryan Chapell escreveu sobre os "Ser(es) Mortais ("Ser[es]" Matadores seria mais vívido), dos quais, o primeiro é o sermão que manda "*ser* igual" algum personagem de história bíblica. Tais sermões convocam-nos a uma árdua vida de constante encenação que, no final, revela-se autofrustrante. Como Chapell corretamente explica: "Simplesmente dizer às pessoas para imitar a piedade de outrem, sem lembrar-lhes que qualquer coisa mais que a semelhança exterior deve vir de Deus, força-as ao desespero da transformação espiritual ou à negação de sua necessidade".[1] Este não é o caminho. Quando falo de imitar Neemias, tenho em mente algo bem diverso: seguir o exemplo de sua fé e de seu relacionamento com Deus.

O que isso significará para nós? Sem importar quem ou o que somos nós, o que fazemos e onde servimos, significará ao menos isto: atenção às Escrituras, a fim de descobrir a vontade de Deus; apropriação de Deus na aliança como "meu Deus" (o que, para os cristãos, sempre significa apropriação de Jesus Cristo como "meu Salvador e Senhor"); devoção na forma de petições, celebração, às vezes desespero, e talvez imprecação, quando nos vemos lutando contra o mal; preparação para lutar com os dois impostores, Triunfo e Desastre, que de vez em quando invadirão nossas vidas; expectação de ajuda e livramento em resposta às orações; motivação para buscar a glória de Deus, praticando a total obediência a Ele, e uma paixão pela fidelidade resoluta, decidida a honrar a Deus e louvá-lo em meio a todas as dificuldades. Imitar Neemias significará ancorar nossas almas nos sentimentos do Salmo 26, que, pelo que conhecemos, deve ter sido um de seus favoritos:

> Examina-me, Senhor, e prova-me; esquadrinha a minha mente e o meu coração. Porque a tua benignidade está diante dos meus olhos; e tenho andado na tua verdade. Lavo as minhas mãos na inocência; e assim andarei, Senhor, ao redor do teu altar, para publicar com voz de louvor e contar todas as tuas maravilhas. Senhor, eu tenho amado a habitação da tua casa e o lugar onde permanece a tua glória. Não colhas a minha alma com a dos pecadores, nem a minha vida com a dos homens sanguinolentos. Mas eu ando na minha sinceridade; livra-me e tem piedade de mim. O meu pé está posto em caminho plano; nas congregações louvarei ao Senhor.
>
> (Sl 26.1-3, 6-9,11,12)

O correlato de Neemias na era do Novo Testamento é o apóstolo Paulo, outra bola de fogo humana com uma paixão por fidelidade em construir a Igreja de Deus; paixão arraigada em uma vida de fé, esperança, amor e alegria. À semelhança de Neemias, Paulo sabia como lidar com os impostores Triunfo e Desastre; os triunfos nunca lhe viraram a cabeça, nem os desastres o levaram a perder a esperança. Assim como Neemias, ele viu comunidades crentes, formadas em condições de avivamento, quando Deus operava mais poderosamente por meio de sua Palavra, perderem a força e irem à deriva. Igual a Neemias, o apóstolo trabalhou arduamente em oração e instrução, a fim de reerguê-las. O seu conhecimento de Jesus Cristo coloca-o, em certo sentido, à frente de Neemias, mas a forma e a substância do pacto de relacionamento com Deus ("meu Deus"), de que

ambos desfrutavam, eram a mesma. E as palavras de Paulo no último capítulo de sua derradeira epístola podem bem ser citadas aqui, para rematar o estudo de seu grande predecessor. Escreveu Paulo:

> Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda. E o Senhor me livrará de toda má obra e guardar-me-á para o seu reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém.
>
> (2 Tm 4.7,8,18)

Isso decifra em termos do Novo Testamento tudo o que se acha implícito na oração-assinatura de Neemias: "Lembra-te de mim, Deus meu, para o bem" (13.31). "Não carecemos mais do que isto para fazer-nos felizes", foi o comentário de Matthew Henry a respeito dessa petição. Ele estava certo. E nada melhor que isso pode ser desejado por este autor e seus leitores: que a nossa fidelidade iguale-se à de Paulo e Neemias até o final de nossas vidas, para que nós também, no devido tempo, possamos desfrutar da suprema felicidade perante o trono de Deus, que neste momento é, seguramente, usufruída por eles.

Sucesso?

Seria correto descrever Neemias e Paulo como bem-sucedidos em seus respectivos ministérios? A questão é digna de ser levantada neste fechamento, porque a paixão por sucesso torna-se, constantemente, um problema espiritual — de fato, um escorregão para a idolatria — na vida dos servos de Deus da atualidade. É natural o desejo de

ser bem-sucedido em coisas que têm razão de ser, e não há nisto qualquer erro; mas achar que se deve, a todo custo, ser capaz de projetar-se como um sucesso é um estado mental quase endemoninhado, do qual é preciso haver uma libertação. Aqui, novamente, Paulo e Neemias podem ajudar-nos.

Primeiro, porém, seja dito que esta síndrome de sucesso é uma infecção que se tem espalhado por todo o mundo ocidental, de modo que a sua prevalência entre os cristãos, embora lastimosa, não é uma surpresa. A ideia global de que todos, desde a infância, devem ser capazes de obter sucesso em tudo, e que é uma grande desgraça não o conseguir, pende sobre a comunidade cristã como uma cortina de fumaça acre; e o correlativo espiritual da tosse agonizante, dor no peito e respiração ofegante não deve surpreender também. Aqueles que desejam tornar-se agentes de Cristo, ou engajar-se como tal, na construção da sua igreja, acham que devem ter um currículo que os apresente como bem-sucedidos em tudo quanto puseram as mãos. Assim, os impostores têm um campo de batalha: tudo o que se assemelha a triunfo (superação da oposição, obstáculos transpostos, expansão) equivale a sucesso pessoal; e tudo o que tem a aparência de desastre (perda de dinheiro, *status*, emprego, apoio ou algo parecido) é visto como fracasso. O desempenho notável é a meta a qualquer preço, e a irrealidade imiscui-se na visão que a pessoa tem de si mesma.

Neste exato momento, há sobre a minha escrivaninha um folheto para pastores, que começa com a seguinte manchete: "Como saber se fui bem-sucedido?" Você pode entender com que mistura de sentimentos li essa frase. A

ideia do folheto é que os pastores devem ser ativos em vez de reativos, compromissados com missões e expansão em vez de mera manutenção e marcação do tempo, e que para isso eles carecem de uma filosofia ministerial, isto é, uma análise racional e bem estudada dos fins e os meios. Metas definidas, reza o folheto, dão-nos direção; geram energia; sustêm o moral (porque agora sabemos aonde estamos indo); mostram-nos o que, em bases diárias, é realmente importante; libertam-nos da tirania do meramente urgente; facilitam a formação da equipe e a obtenção de cooperação e apoio; e habilitam-nos a avaliar o nosso desempenho. E tudo isso é certamente verdade e tem valor. Contudo, podemos ser bem-sucedidos em atingir metas que estabelecemos para nós mesmos, e ainda assim não conhecer o veredicto de Deus sobre aquilo que decidimos. O fato de sermos bem-sucedidos não significa, necessariamente, que Deus nos considere um sucesso.

O problema é que a nossa ideia de sucesso é geralmente muito mais de interesse próprio do que percebemos, e o eu a quem ela serve é um pecador e orgulhoso. Permita-me ser anedótico a fim de ilustrar o que estou dizendo.

Quando eu era jovem, britânico e pagão, achava que o céu era o limite, e nada do que eu quisesse fazer estava além de mim. Meus sonhos iam desde ser uma estrela do críquete a um distinto maquinista de locomotiva, ou um comediante famoso, com muito recheio fantástico. Mas o sucesso espetacular era sempre parte do sonho, e cada fracasso doía muito porque perfurava a minha estima.

Quando me tornei cristão, o que ocorreu na universidade, passei a ter o zelo simplista, comum aos novos

convertidos. Quando li Charles Finney e D. L. Moody, ameio-os (ainda os amo) e absorvi, indiscriminadamente, o seu otimismo grandioso e ilimitado quanto ao que Deus pode fazer se o seu povo tão somente se dispuser a cooperar. Durante anos, acreditei que aquele sucesso espetacular no serviço prestado a Deus fosse a coisa certa pela qual orar e o único sinal de que se estava servindo ao Senhor como deveria. Muito de minha presunção, temo, ainda estava lá.

Agora, vivo no Canadá e descobri que as igrejas, os pastores, seminaristas e agências em toda a América do Norte estão, em sua maioria, fazendo o jogo dos números, isto é, definindo o sucesso em termos de números de cabeças. Teoristas, evangelistas, pastores, missionários e repórteres do crescimento da igreja falam como se: 1) o aumento numérico fosse o mais importante; 2) o aumento numérico certamente virá se as nossas técnicas e procedimentos estiverem corretos; 3) o aumento numérico valida ministérios como nada mais o faz; 4) o aumento numérico deve ser a meta principal de todo o mundo. Detectei quatro consequências infelizes dessa ideia.

Primeira: igrejas grandes e crescentes são vistas como mais significantes que as outras.

Segunda: especialistas que atraem grandes números (evangelistas, professores de faculdade e de seminário com habilidade no púlpito, pessoas da área médica com seminários volantes, conferencistas itinerantes, pessoas no topo de movimentos jovens, autores de tempo integral, e outros semelhantes a estes) são venerados, enquanto os pastores diligentes são tratados como alguém sem importância.

Terceira: leigos e clérigos animados também estão constantemente sendo destacados da igreja para administrar mega ministérios, dos quais, só porque se especializaram em alguma coisa, esperam-se resultados mais rápidos e mais impressionantes.

Quarta: muitos ministros de temperamento não tão exuberante, e dons não tão cintilantes, retornam a empregos seculares em desilusão e amargura, concluindo que a vida pastoral de trabalho regular é uma ocupação que não vale a pena.

Em tudo isso, tenho a impressão de ver uma grande quantidade de orgulho não mortificado, mas antes massageado, indultado e gratificado, ou ofendido, nutrido e afagado. Onde o sucesso é deus, o orgulho sempre cresce forte e espalha-se pela alma como um câncer galopa pelo corpo. Daí, resultam o encolhimento da estatura espiritual e o crescimento da fraqueza moral, seguidos das horrendas formas de abuso e exploração, principalmente em se tratando de pastores e líderes que se tornaram seguros de seu sucesso. O fruto do orgulho nutrido é invariavelmente amargo. Orientar toda a ação cristã para o sucesso visível como sua meta, um movimento ao qual muitos parecem extremamente sensíveis e afeitos, é para a igreja mais uma fraqueza que uma força. É uma semente ruim, de vanglória não espiritual pela autoavaliação do sucesso e de desespero não espiritual pela autoavaliação do fracasso, bem como uma fonte rasa e superficial. Após estabelecer metas biblicamente apropriadas, abraçar meios biblicamente adequados de alcançá-las, calcular o melhor possível até onde podemos ir em seu encalço e fazer qualquer correção do curso sugerida por

nossa avaliação, o caminho da saúde e da humildade é admitir a nós mesmos que, em última análise, não saberemos nem poderemos conhecer a medida de nosso sucesso como Deus o vê. A sabedoria recomenda: deixe a apreciação do sucesso para Deus e viva o seu cristianismo como uma religião de fidelidade, em vez de uma idolatria às realizações.

Há poucos anos, pus alguns desses pensamentos num artigo, recomendando um livro de Kent e Barbara Hughes, intitulado *Liberating Ministry from the Success Syndrome* (Libertando o Ministério da Síndrome do Sucesso) — um livro que eu gostaria de ver transformado em leitura obrigatória a todo pastor e aspirante ao pastorado. Os espertos editores reintitularam a minha contribuição como "Nothing Fails Like Success" (Nada Falha como o Sucesso), e imprimiram-na ao lado de um anúncio publicitário de meia coluna, o "Robert Schuller Institute for Successful Church Leadership" (Instituto Robert Schuller para Liderança de Igreja Bem-Sucedida). Nunca me atrevi a perguntar-lhes quem eles achavam que estava debochando do outro, ou se eles ao menos notaram o que haviam feito (afinal, o que parecia ardil poderia ser apenas trapalhada). Mas confesso que eu queria rir e gemer quando vi a página, e pensando nisso hoje, ainda quero. Aplaudidor que sou de empreendimentos pastorais e estabelecimento de metas, de expansão de igrejas e evangelismo agressivo, de avaliação, taxação e responsabilidade final, estremeço quando o sucesso espiritual parece pragmaticamente definido em termos de fazer programas acontecerem, e a iniciativa cristã parece dirigida à comercialização, em vez de centrada em Deus. E

foi Neemias, mais que qualquer outro, quem me ensinou a ser assim.

A verdade é que o nosso sucesso na construção de igrejas — não na produção de plantas e programas, porém no serviço pastoral de reunir, cuidar, alimentar e guiar aqueles a quem Cristo retrata como ovelhas de seu rebanho — é algo que somente Deus está em posição de mensurar. Vem-me à mente duas congregações inglesas, uma quase duas vezes o tamanho da outra, que, sob a influência da teologia liberal, tornaram-se ambas morosas, complacentes e profundamente carnais. Para cada uma delas fora apontado um robusto ministro do evangelho. O que servia a congregação menor ficou cinco anos; o seu colega da igreja grande ficou dez. Cada um deles passou grande parte do tempo tentando mudar, ou ao menos frustrar, um grupo de veteranos que não gostava de seu pastor, resistia à sua ênfase, e estava decidido a vê-lo fora de lá. Ambos deixaram as igrejas sentindo-se fracassados, porque a oposição não fora desalojada. Ambos foram sucedidos por evangelistas igualmente robustos, que bem cedo em seu ministério viram a oposição desmoronar, e aquelas congregações são, agora, preeminentes centros de vitalidade e alegria evangélicas, que pacificamente dobraram de tamanho, depois que todos se coadunaram na batalha por um evangelho puro e poderoso. Não tenho dúvidas de que, nos anais da eternidade, todas as sementes do verdadeiro sucesso espiritual em ambas as igrejas provarão haverem sido semeadas pelos pioneiros, evangelistas reparadores de erros, que se consideravam um fracasso; e as suas realizações permanecerão para sempre, como um sucesso aos olhos de

Deus. Contudo, na ocasião da semeadura bem-sucedida, não foi possível prever a exitosa colheita subsequente, e os anos de plantio contra a hostilidade entrincheirada foram sentidos como insucesso. Tais situações são mais comuns do que pensamos.

Teria Neemias, no final de sua vida pública, se sentido um fracasso? Pode ser que sim. Não posso provar que, quando escreveu o seu testemunho de como Deus o guiara e usara, ele duvidasse da importância, em longo prazo, daquilo que realizara. Mas sei que, em lugar dele, eu temeria o resultado. O que ele vira fora um espetacular reavivamento espiritual, seguida de uma drástica recaída.

As ações diretas durante o seu segundo turno em Jerusalém endireitaram por enquanto as coisas, mas quão profundo era o sentimento de pecado do povo e de sua obrigação de amar ao Senhor que os amava? E quanto poderia durar a nova ordem — estritamente, a ordem renovada? O capítulo 13 tenciona, claramente, permanecer como um testemunho exprobratório contra deslizes subsequentes e um modelo da lealdade a Deus, que ele almejava ser vista em todos os judeus. Assim, ele é um chamado à fidelidade, e dentro dessa moldura, o fraseado da oração inserida no versículo 14 ganha novo significado. "Por isto, Deus meu, lembra-te de mim", ora Neemias, "e não risques as beneficências que eu fiz à Casa de meu Deus e às suas guardas". A paixão de Neemias era por fidelidade; se ele fora designado a ser bem-sucedido, não o sabia; mas tinha conhecimento de que fora chamado a ser fiel à Palavra de seu Deus em todas as coisas. E nisto, ele é um exemplo de homem espiritual que, queira Deus, jamais esqueceremos.

Algo semelhante deve ser dito a respeito de Paulo. Conforme observamos acima, ele vira igrejas nascer e, por algum tempo, crescer em condições de avivamento. Contudo, no final de sua vida, o zelo daqueles crentes enlanguescera, a heresia estava inundando, a perseguição se iniciava, e a atmosfera espiritual escurecia em todas as direções. E em sua última e mais triste epístola, ele nada tem a dizer sobre haver sido bem-sucedido, mas apenas que, diferentemente de alguns: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé" (2 Tm 4.7). Ele desconhecia se fora ou não um sucesso; tudo o que sabia com segurança é que fora fiel, agarrando-se à verdade e à justiça de Deus, quando outros a tinham abandonado. Nisto, ele, como Neemias, é um modelo a ser imitado por nós.

É evidente que, na realidade, os efeitos em longo prazo do trabalho de Neemias tanto quanto de Paulo, como afiadores do povo de Deus na vida de fé e santidade, têm sido enormes. Então, podemos verdadeiramente dizer que ambos foram preeminentemente bem-sucedidos, levantando-se para os triunfos e admitindo os insucessos com admirável sabedoria, e assinalando caminhos de piedade, de uma forma que deixou em dívida com eles todas as gerações posteriores. Todavia, o ponto que desejo salientar é que, por mais sucesso que hajam tido, a sua vocação não era para o sucesso, mas para a fidelidade — e tal é a nossa, qualquer seja o nosso papel no corpo de Cristo. O Senhor Jesus edificará a sua Igreja, usando-nos conforme bem lhe parecer, em maneiras que envolvem a aparência de triunfo e de desastre, inúmeras vezes. A nossa parte é não deixar que a aparência nos engane, e manter uma fidelidade inabalável às tarefas e aos papéis que sabemos haver recebi-

do para cumprir, tudo para a honra e o louvor do Pai, do Filho e do Espírito Santo que, por sua ação conjunta, são os verdadeiros agentes de todo o processo de construção. Tal fidelidade — a graça de zelosamente prosseguir, encorajados ou desencorajados, com uma humildade que permanece inalterada, quando desencorajados não menos que quando encorajados — é a última lição que Neemias tem a ensinar-nos. E esta é uma lição que só aprenderemos com a ajuda divina — ajuda encontrada quando nos conservamos perto de Jesus Cristo.

A conclusão, portanto, é esta: assim como é sábio de nossa parte olhar para Neemias, o veterano do aparente triunfo da renovação e do aparente desastre da recaída, e tomá-lo por modelo, seja qual for a forma de serviço que nos venha à mão, também é sábio tomar Jesus Cristo, o veterano do aparente triunfo do Domingo de Ramos e do aparente desastre da Sexta-Feira Santa, como nosso treinador na imitação do comportamento de Neemias, e saber que a fidelidade na qual Ele nos exercita é um dom dEle mesmo para nós, pelo poder de seu Santo Espírito. Esta é a sabedoria a que necessitamos nos apegar com urgência, a fim de que Deus possa ser de fato glorificado em nossas vidas, e a sua Igreja verdadeiramente edificada por meio de nossas realizações.

Notas

CAPÍTULO 1: Conheça Neemias

[1] John White, *Excellence in Leadership* (Downers Grove, IL:InterVarsity Press, 1986), p. 9ss.
[2] J. C. Ryle, *Practical Religion* (Londres: James Clarke, 1959), p. 130.
[3] White, *Excellence in Leadership*, p. 23ss.

CAPÍTULO 2: Chamado para Servir

[1] Confissão de Westminster, XI.
[2] White, *Excellence in Leadership*, p. 37.
[3] E. M. Bounds, *Prayer and Praying Men* (Grand Rapids, MI: Baker, n.d.), p. 73ss.

CAPÍTULO 3: Administrador I: Prosseguindo

[1] White, *Excellence in Leadership*, p. 61.
[2] *Ibid.*, p. 59ss.
[3] Citado por Cyril J. Barber, *Nehemiah and the Dynamics of Effective Leadership* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1976), p. 19.
[4] James Montgomery Boice, *Nehemiah: Learning to Lead* (Old Tappan, NJ: Revell, 1990), p. 22, citando Charles R. Swindoll, *Hand Me Another Brick* (Nashville: Thomas Nelson, 1978), p. 30.
[5] Uma planta dos muros e portões de Jerusalém pode ser encontrada em Derek Kidner, *Ezra and Nehemiah* (Leicester: Inter-Varsity Press, 1979), p. 85, e em White, *Excellence in Leadership*, p. 55.
[6] White, *Excellence in Leadership*, p. 47.
[7] Winston S. Churchill, *Their Finest Hour*, Vol. 2 de *The Second World War* (Boston: Houghton Mifflin, 1949), p. 25ss.
[8] Boice, *Nehemiah: Learning to Lead*, p. 68.
[9] White, *Excellence in Leadership*, p. 57ss.

CAPÍTULO 4: Administrador II: Dando Continuidade

[1] Kidner, *Ezra and Nehemiah*, p. 82.
[2] *Ibid.*, p. 83.
[3] *Ibid.*, p. 90.
[4] James Montgomery Boice, *Nehemiah: Learning to Lead*, p. 83.

CAPÍTULO 5: Testado para a Destruição

[1] White, *Excellence in Leadership*, p. 83.
[2] J. G. McConville, *Ezra, Nehemiah and Esther, The Daily Study Bible, Old Testament,*

ed. John C. L. Gibson (Edimburgo: Saint Andrew Press e Filadélfia: Westminster Press, 1985), p. 10lss.

[3] White, *Excellence in Leadership*, p. 89.

[4] Boice, *Nehemiah: Learning to Lead*, p. 102ss.

[5] White, *Excellence in Leadership*, p. 95ss.

[6] *Ibid.*, p. 104.

CAPÍTULO 6: Tempos de Refrigério

[1] Frederick Carlson Holmgren, Israel Alive *Again: A Commentary on Ezra and Nehemiah* (Grand Rapids, MI: Eerdmans e Edimburgo: Handsel Press, 1987).

[2] Kidner, *Ezra and Nehemiah*, p. 13.

[3] Pierre Berton, *The Comfortable Pew* (Toronto: McClelland e Stewart, 1965).

[4] Citado de from J. I. Packer, *A Quest for Godliness* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1990), p. 97ss. John Rogers de Dedham era o pregador.

[5] White, *Excellence in Leadership*, p. 111.

[6] Kidner, *Ezra and Nehemiah*, p. 109.

[7] Boice, *Nehemiah: Learning to Lead*, p. 194.

CAPÍTULO 7: De Volta ao Começo

[1] White, *Excellence in Leadership*, p. 111.

[2] Kidner, *Ezra and Nehemiah*, p. 129.

[3] White, Excellence in Leadership, p. 131.

[4] Kidner, *Ezra and Nehemiah*, p. 129.

[5] Para os prós e os contras, ver R. T. Beckwith e Wilfred Stott, This is the Day (Londres: Marshall, Morgan and Scott, 1978) (EUA: *The Christian Sunday: A Biblical and Historical Study* [Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1980]); e, ed. D. A. Carson, *From Sabbath to Lord's Day: A Biblical, Historical, and Theological Investigation* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982).

[6] Barber, *Nehemiah and the Dynamics of Effective Leadership*; Swindoll, Hand Me Another Brick; White, *Excellence in Leadership*; Boice, *Nehemiah: Learning to Lead.*

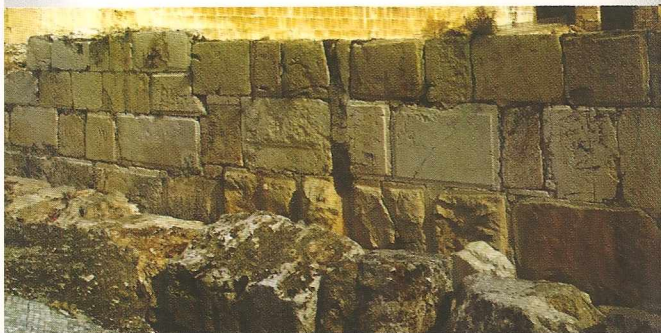
[7] Matthew Henry, *A Commentary on the Holy Bible* (1704-14), Prefácio a Neemias.

[8] Kidner, *Ezra and Nehemiah*, p. 130.

EPÍLOGO: Dois Impostores

[1] Bryan Chapell, *Christ-centered Preaching* (Grand Rapids, MI: Baker, 1994), p. 282.

do povo de Israel, mas também da igreja em nossos dias. O motivo de Neemias para escrevê-lo foi doxológico, não vanglorioso; foi para o louvor de Deus, não de si mesmo; para testificar do que Deus fizera nele e por ele, não de qualquer coisa que ele pudesse reivindicar como realização pessoal.

Neemias é um exemplo de homem que glorifica a Deus pelo que Ele fez, por

meio dele, para o bem-estar espiritual dos demais; e o objetivo de seu livro é levar os leitores a glorificar com ele, por meio da fidelidade.